

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE - UNICENTRO

LUIZ GUSTAVO DE OLIVEIRA

**DEVOTOS DO SIGMA: INTEGRALISTAS DE TEIXEIRA SOARES/PR, 1935-1938**

IRATI  
2015

LUIZ GUSTAVO DE OLIVEIRA

**DEVOTOS DO SIGMA: INTEGRALISTAS DE TEIXEIRA SOARES/PR, 1935-1938**

Dissertação apresentada à linha de pesquisa  
Regiões: práticas socioculturais e relações de  
poder do Programa de Pós-Graduação em  
História, Setor de Ciências Humanas, Letras e  
Artes da Universidade Estadual do Centro-  
Oeste/UNICENTRO, Campus de Irati/PR, para a  
obtenção do título de Mestre em História.  
Orientador: Prof. Dr. Valter Martins

IRATI  
2015

Catálogo na Fonte  
Biblioteca da UNICENTRO

O48 OLIVEIRA, Luiz Gustavo.  
Devotos do Sigma: integralistas de Teixeira Soares/PR, 1935-1938. -- Irati, PR :  
[s.n], 2015.  
141f.

Orientador: Prof. Dr. Valter Martins  
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, linha de  
pesquisa Regiões: práticas socioculturais e relações de poder

1. História Política – dissertação. 2. Ação Integralista Brasileira – AIB. I. Martins,  
Valter. II. UNICENTRO. III. Título.


CDD 20 ed. 320.98162

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**Luiz Gustavo de Oliveira**

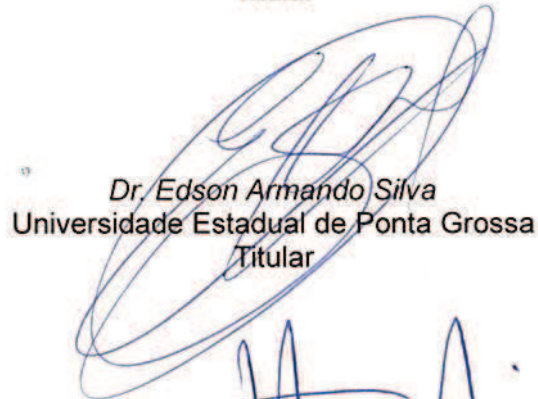
**“Devotos do Sigma: integralistas de Teixeira Soares/PR, 1935-1938”**

Dissertação aprovada em 26/02/2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:



*Dr. Rafael Athaides*

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
Titular



*Dr. Edson Armando Silva*

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Titular



*Dr. Valter Martins*

Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR  
2015

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Valter Martins, querido amigo, que com sensibilidade, competência e refinado conhecimento me guiou pelos desafios e caminhos da pesquisa, suscitou ricos diálogos nos quais a História e a Política eram quase sempre os principais focos. Sem esquecer o humor compartilhado nessa caminhada acadêmica, os papos sobre futebol e atualidades, regados a saberes e sabores, propiciaram um ambiente acolhedor para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Lucy de Oliveira e José Manoel de Oliveira pelo apoio incondicional e pela educação que me ensinaram a enfrentar um mundo de intolerâncias e a respeitar o diferente.

À minha orientadora de trabalho de conclusão de curso na graduação, Claudia Monteiro que me encaminhou ao estudo da História Política e me incentivou a seguir minha carreira acadêmica, sempre atenciosa e competente com suas leituras quando da elaboração do projeto de mestrado.

Um abraço especial ao historiador Rafael Athaides por compartilhar suas fontes históricas sobre o integralismo desde o tempo de graduação.

Ao amigo Rosenaldo de Carvalho, com o qual participei diariamente das peripécias acadêmicas da graduação ao mestrado.

Aos professores Rafael Athaides e Benito Bisso Schmidt pelas valiosas contribuições na qualificação. E aos professores Edson Armando Silva e Rafael Athaides pelas contribuições na defesa da dissertação.

À amiga Aline Przybysz pelo incentivo e companhia durante as viagens de Teixeira Soares à Irati quando não era bolsista.

Obrigado aos amigos, colegas de mestrado e de casa, Gerson Pietta, Eder Augusto Gurski e Clayton Ferreira Filho pelo estímulo e o compartilhar de ideias e anseios diários da pesquisa.

Às pessoas que contribuíram com este trabalho por meio de seus depoimentos: Senhor Adelino Lopes dos Santos (Seu Vilico) com seus 100 anos e sua incrível memória, as amigáveis e atenciosas Dona Elenite e Dona Rosy pelo acolhimento e interesse pela pesquisa, a Francisco Adyr Gubert Filho, ao Senhor Leônidas Baumel e ao Senhor Leão Marchinski pelo conhecimento compartilhado sobre Teixeira Soares. À amiga Tere de Paula que mediu entrevistas com o Seu Vilico e esteve sempre disposta a ajudar em minha pesquisa e à colega historiadora Aline Pawlak por seus esforços para angariar novas fontes.

Aos funcionários e estagiários do Arquivo Público do Paraná, do Museu dos Campos Gerais e do Centro de Documentação da Universidade Estadual de Maringá pela preciosa atenção e disponibilidade com as fontes, essenciais para a confecção deste trabalho.

À minha namorada e companheira Bruna Emanuele Marcovicz pelas conversas diárias e pela compreensão com o tempo dedicado às minhas pesquisas e atividades do mestrado.

A tantos amigos que sempre acreditaram em mim: Miguel Ângelo Basso, Renan Tullio Sguário, Rafael Pes, André Victor Muchau, Luan Perius, Willian Ricardo de Castro, Lucas Machado, Mirian Tullio Sguário, Alison Przybysz, Valdinei Mangrich, Wallas Jefferson de Lima, Valdir Guimarães, Diego Siqueira, Eduardo Inácio, Leandro de Oliveira, Ademar Mendes e a João Teixeira Soares (perfil fake no facebook, quem diria!) que ainda não revelou sua identidade, mas sempre contribuiu com fontes para a pesquisa.

À CAPES pela bolsa concedida, que possibilitou minha dedicação integral à pesquisa e ao mestrado.

Mais uma vez agradeço à minha querida mãe Lucy de Oliveira, pelas leituras, conversas e transcrições das entrevistas realizadas.

A todos que de alguma forma contribuíram com a minha educação, formação acadêmica e ao desenvolvimento dessa pesquisa, um forte abraço.

## RESUMO

A pesquisa aborda a experiência política integralista no município de Teixeira Soares, desde a militância de base, a experiência do poder, até o fim da Ação Integralista Brasileira com o início do Estado Novo. Teixeira Soares, localizada na região dos Campos Gerais, Estado do Paraná, foi a primeira cidade a eleger um prefeito integralista no Brasil. Analisamos as práticas cotidianas dos membros da AIB local e suas relações com núcleos integralistas de outros municípios e representantes estaduais e nacionais do movimento entre os anos de 1935 e 1938. A presença do sigma na localidade originou dissensões políticas envolvendo famílias, amigos e permeou toda a sociedade. Os tempos integralistas teixeirassoarenses inflamaram os ânimos de seus habitantes, marcaram o cotidiano da pequena cidade e seus distritos rurais com discursos, rituais, símbolos, perseguições e vitórias, movimentando razões e sensibilidades.

**Palavras-chave:** História Política; Ação Integralista Brasileira (AIB); Teixeira Soares/ PR.

## ABSTRACT

The research discusses the integralist political experience in the city of Teixeira Soares, from the base of militancy, the experience of power, until the end of the Brazilian Integralist Action (BIA) with the beginning of the "New State". Teixeira Soares, located in the region of Campos Gerais, Paraná State, was the first city to electing an integralist mayor in Brazil. We analyze the daily practices of the local BIA members and their relationships with Integralists cores from other cities and state and national representatives of the movement between the years 1935 and 1938. The presence of the sigma in the locality originated political dissensions involving families, friends and permeated the whole society. The Integralists times in Teixeira Soares inflamed the souls of the inhabitants, marked the everyday life of the small town and its rural districts with speeches, rituals, symbols, persecutions and victories, moving reasons and sensibilities.

**Keywords:** Political history. Brazilian Integralist Action (BIA); Teixeira Soares/Paraná State / Brazil.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABC – Associação Brasileira de Cultura

AIB – Ação Integralista Brasileira

AIB-TS – Ação Integralista Brasileira, núcleo de Teixeira Soares

ANL – Aliança Nacional Libertadora

ANPUH – Associação Nacional de História

CDO/UEM – Centro de Documentação da Universidade Estadual de Maringá

DEAP-PR – Departamento de Arquivo Público do Paraná

DOPS-PR – Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná

LEC – Liga Eleitoral Católica

PRP – Partido de Representação Popular

PSD – Partido Social Democrático

TSN – Tribunal de Segurança Nacional

UNICENTRO/PR – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

URP – União Republicana Paranaense

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Integralistas de Teixeira Soares - Classificação profissional e origem étnica .....	43
Tabela 2: Resultados das eleições municipais em Teixeira Soares para prefeito - 1935 .....	89
Tabela 3: Resultados das eleições municipais em Teixeira Soares para vereadores - 1935 .....	89
Tabela 4: Resultados das votações para Juiz de Paz em Teixeira Soares (Sede) e Distritos – Abril de 1936 .....	107

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comprovante de despesas pagas na fundação do núcleo de Teixeira Soares 17/05/1935. ....	35
Figura 2: Anúncio de marcas de trigo nacional. ....	39
Figura 3: Foto de integralistas de Teixeira Soares.....	50
Figura 4: Visita de integralistas pontagrossenses a Teixeira Soares, 30 de junho de 1935. ....	61
Figura 5: Nomeação de “Lampeão” para subdelegado do distrito de Diamantina.....	81
Figura 6: Convite para a conferência de Plínio Salgado no Teatro Éden em Ponta Grossa, dia 12 de outubro de 1935 .....	95
Figura 7: Plínio Salgado (sentado ao centro) com João Molinari Sobrinho (sentado à esquerda de Plínio) e vereadores de Teixeira Soares/PR. João Negrão Junior é o primeiro em pé à esquerda.....	97
Figura 8: João Molinari Sobrinho. Primeiro prefeito integralista do Brasil, eleito em Teixeira Soares em 1935.....	102
Figura 9: “Não queria morrer sem ser integralista”. Cena comovente em Teixeira Soares, “Sertão Paranaense” .....	111
Figura 10: Desfile de Integralistas no Distrito de Diamantina em 31/10/1937.....	115

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I - TEIXEIRA SOARES, 1935: TEMPOS INTEGRALISTAS .....	28
1.1 O ADVENTO .....	29
1.2 JORNAIS, COMÍCIOS E CHURRASCADAS: A PROPAGANDA DO SIGMA ....	37
1.3 PERFIS DE MILITANTES E A QUESTÃO ÉTNICA .....	41
1.4 PAISAGENS VERDEJANTES: ERVAIS, ARAUCÁRIAS, CAMISAS .....	48
CAPÍTULO II – INTEGRALISTAS: COTIDIANO E SOCIABILIDADES .....	59
2.1 A BOA VIZINHANÇA .....	60
2.2 ACOSSADOS .....	69
2.3 DA MILITÂNCIA ÀS URNAS: O SIGMA E AS ELEIÇÕES .....	84
CAPÍTULO III - CIDADE INTEGRALISTA: CAMISAS-VERDES, DO PODER À QUEDA .....	100
3.1 MOVIMENTOS DE UMA GESTÃO INTEGRALISTA .....	101
3.2 A CAÇA AOS CAMISAS-VERDES .....	113
3.3 DESFECHO MELANCÓLICO: PUTSCH, PRISÕES, HUMILHAÇÕES .....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	133
FONTES: .....	138
JORNAIS .....	138
FICHAS POLICIAIS .....	138
CORRESPONDÊNCIAS .....	139
DOCUMENTOS MANUSCRITOS .....	139
ENTREVISTAS .....	139
ARQUIVOS CONSULTADOS .....	140
SITES CONSULTADOS .....	140

## INTRODUÇÃO

*“É pelo fruto que se conhece as árvores. Pobres irmãos que não veem o princípio diante de vós. Mudai de ideias. Progredi, e vinde juntar-vos a Nós que vos receberemos com os braços abertos, pois o verdadeiro amor que deve unir os homens do Brasil encerra-se na Camisa-verde do Sigma”.*

Pedro Rodrigues Martins – Integralista de Teixeira Soares (A RAZÃO, nº 12, 23/07/1935, p. 7).

No dia 31 de outubro de 1935, após campanha eleitoral concorrida, o jornal integralista curitibano *A Razão* dava a manchete: “Teixeira Soares o município que teve a honra de ser o primeiro no Brasil a eleger um prefeito integralista, não dormiu sobre os louros da vitória”. (*A RAZÃO*, 31/10/1935, p. 4).<sup>1</sup>

A eleição do primeiro prefeito integralista do Brasil, João Molinari Sobrinho, um dos líderes da Ação Integralista Brasileira (AIB) em Teixeira Soares, confirmou a força do Integralismo na cidade e entusiasmou os camisas-verdes<sup>2</sup> diante da inusitada vitória nas urnas. A primeira cidade brasileira e única do Paraná a eleger um prefeito pela AIB teve seu cotidiano transformado pela experiência integralista. Além de alternativa política, o Integralismo marcou profundamente a vida da comunidade por quase meia década.

A partir dos sucessos eleitorais em 1935, no plano estadual e nacional, o cenário político passou por um período tenso de mudanças. Vários governos estaduais passaram a vigiar os integralistas ‘mais de perto’, reprimindo as ações dos militantes verdes em 1936. Entretanto, em Teixeira Soares as perseguições e conflitos envolvendo os camisas-verdes estamparam a imprensa paranaense ainda em 1935, ano dos primeiros passos integralistas e da fundação do núcleo local.

A década de 1930 foi marcada por diferentes projetos de nação no Brasil e no mundo.<sup>3</sup> Médicos, professores, intelectuais e políticos emitiam opiniões visando a transformação nacional e o progresso do país. A esperança na redenção nacional, no fim dos regionalismos e na integração nacional resultando em um Brasil “civilizado” e moderno, empolgou um dos principais personagens políticos dos anos 30: Plínio Salgado. Jornalista, escritor e político vinculado ao movimento modernista verde-amarelo, na década de 20, não hesitou ao afirmar que: “o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos enquanto existirem Estados dentro do Estado, partidos políticos fracionando a Nação, classes lutando contra

---

<sup>1</sup> Nas citações de fontes, optamos por manter a grafia original.

<sup>2</sup> A camisa na cor verde oliva caracterizava o uniforme integralista e constituía elemento distintivo na política brasileira. Essa peculiaridade na ritualística do movimento foi utilizada para destacar os militantes que a partir disso ficaram conhecidos como camisas-verdes. Neste trabalho, os termos “verdes” e “camisas-verdes” são utilizados como sinônimos para se referir aos militantes integralistas, suas práticas e atividades cotidianas.

<sup>3</sup> Em *A Era dos Extremos*, Hobsbawm destaca que no período entre guerras o descrédito das democracias liberais possibilitou o estabelecimento de movimentos de extrema direita como os fascismos. (HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995). Sobre a década de 1930 no Brasil, a era Vargas, projetos de nação e o Estado Novo ver: LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1986; SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

classes, indivíduos isolados exercendo a ação pessoal nas decisões do governo”.<sup>4</sup> Sob seus ideais, Salgado mobilizou quase um milhão de brasileiros em torno da Ação Integralista Brasileira (AIB).

A AIB, criada em 1932 e chefiada pelo intelectual Plínio Salgado, com características fascistas, possuía uma estrutura organizacional paramilitar com divisões departamentais, secretarias e uma rígida hierarquia nacional, estadual, municipal e distrital.

Seu discurso e suas práticas pautavam-se pelo nacionalismo, catolicismo e moralismo extremados, o que atraiu para suas fileiras adeptos de todas as categorias profissionais e grupos sociais, especialmente as classes médias e locais com grande concentração de cultura católica. Notamos, porém, certa flexibilidade quando encontramos integralistas maçons como o chefe do núcleo de Teixeira Soares.

Em Teixeira Soares nos anos 1930, os militantes integralistas atuaram na cidade e seus distritos e em cidades vizinhas promovendo eventos locais, estaduais e nacionais. Neles, apresentavam sua doutrina e propostas políticas: defesa da ordem social, do cristianismo e da família, paixão pela pátria, devoção ao líder nacional e combate implacável ao comunismo. Na cidade eram realizados desfiles com a participação de famílias inteiras com suas crianças, todos com o uniforme integralista: camisa verde, gravata preta e braçadeira com o sigma. Saudavam-se com o braço direito erguido e estendido enquanto bradavam ‘anauê’. Além do uniforme, em seus desfiles, reuniões e comícios ostentavam faixas e bandeiras, elementos que compunham o universo simbólico integralista que promovia sua visibilidade político-social e criava uma sedução estética.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Manifesto de Outubro, de 7 de outubro de 1932. É o documento considerado pelos próprios integralistas e pesquisadores como fundador do movimento integralista. Neste documento, Plínio Salgado, o chefe nacional da AIB, apresentou os pilares do movimento, distribuídos em dez tópicos. O trecho citado foi extraído do segundo tópico do Manifesto: "Como entendemos a Nação Brasileira". O Manifesto Integralista sintetizava o ideário básico da nova organização: defesa do nacionalismo, definido mais sobre bases culturais que econômicas; defesa do corporativismo, visto como esteio da organização do Estado e da sociedade; combate aos valores liberais e rejeição do socialismo como modo de organização social. (*Manifesto de Outubro de 1932*, São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP).

<sup>5</sup> Algumas palavras, gestos, músicas, poemas, hinos e objetos foram sacralizados pelos militantes integralistas. Constituíam o aparato simbólico do movimento visando afirmar sua identidade. Destacamos o **Sigma (Σ)**: décima oitava letra do alfabeto grego que corresponde ao S do alfabeto latino. Usada como sinal de soma na matemática, era a letra inicial da palavra usada pelos primeiros cristãos da Grécia para denominar Cristo: Soterios. No movimento integralista o sigma tinha o sentido de somar, integrar todas as forças sociais do país, independente de classe ou etnia, com o objetivo de implantar o Estado Integral, ou seja, suprimir a individualidade em prol da coletividade, na suprema expressão do nacionalismo. O lema que sintetizava os anseios do movimento era **Deus, Pátria e Família**, tripé influenciado pelo catolicismo e pelo nacionalismo do chefe nacional Plínio Salgado. A saudação integralista era semelhante a dos fascistas europeus: o braço direito erguido e estendido acompanhado do brado **Anauê**, palavra de origem indígena que significa você é meu amigo, você é meu irmão. Sobre a simbologia integralista, ver especialmente o capítulo 3: “Os símbolos e os ritos integralistas” em: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 163-211.

Os integralistas se opunham aos partidos políticos existentes e defendiam a integração total da sociedade com o Estado, que em seus ideais seria representado por uma única e forte agremiação, a própria AIB. O Integralismo utilizou intensa propaganda para divulgar sua doutrina. Organizou uma vasta rede de imprensa, a Sigma Jornais Reunidos. Dentre os jornais de maior expressão nacional destacamos os cariocas *A Offensiva* e o *Monitor Integralista* e o paulista *A Acção*. Como destaque estadual, temos o hebdomadário *A Razão*, de Curitiba, que foi o principal porta-voz dos verdes paranaenses.

Este trabalho se alinha historiograficamente aos estudos que lançam novos olhares e buscam novas direções nas análises sobre o Integralismo no Brasil.<sup>6</sup> Inicialmente, o tema foi abordado em nosso trabalho de conclusão de curso de graduação em História na UNICENTRO, *Campus* de Irati/PR, no qual apontamos a singularidade do movimento integralista no município paranaense de Teixeira Soares, enfatizando sua proeza ao eleger o primeiro prefeito integralista do Brasil e único no Paraná. A simbologia integralista, caracterizada por uma ritualística peculiar, foi analisada levando em conta as práticas similares e as singulares do sigma local diante do movimento nacional. Divulgado em forma de artigo em revista eletrônica (MONTEIRO, OLIVEIRA, 2011, p. 89-119), buscamos apontar os conflitos entre integralistas e getulistas e constatamos como era grande a presença dos militantes da AIB na cidade. Com maior documentação da DOPS-PR, foi possível mapear as atividades dos núcleos da AIB em Teixeira Soares. Houve forte atuação dos integralistas no município no início do Estado Novo (1937-1938), momento em que o presidente Vargas proibiu suas manifestações. Com o novo cenário, os militantes da AIB local prosseguiram atuando na clandestinidade motivando a repressão policial.

Neste estudo, o tema ganhou amplitude e diversificou o corpus documental tendo como objetivo central analisar o cotidiano político dos integralistas teixeirassoarenses, buscando compreender como suas práticas constituíram identidades, estabeleceram fronteiras e agitaram a sociedade local, dividindo grupos políticos, famílias e amigos. Através dos

---

<sup>6</sup> Atualmente, a maioria dos estudos sobre o integralismo se dedica a analisar a AIB em recortes espaciais mais específicos destacando a imprensa verde como fonte principal. Nessa perspectiva destacamos: FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História). 388 p. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009; GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida. 2011; ZANELATTO, João Henrique. Anauê, Alvorada e Flama verde: a imprensa integralista e as disputas pelo poder político em Santa Catarina. *Passagens*. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, Rio de Janeiro: vol. 5, nº 3, setembro-dezembro, 2013, p. 377-396. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v5n3a22013.pdf>>; ATHAIDES, Rafael. Um jornal fascista se olha no espelho: a imagem social do Integralismo no jornal *A Razão* (Curitiba, 1935). In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA – UEM, Maringá, 2013. Disponível em: <[http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/302\\_trabalho.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/302_trabalho.pdf)>.



indícios legados pelos integralistas como discursos e artigos na imprensa estadual e nacional, examinamos as práticas que moldaram suas atuações políticas.

Destacamos como recorte temporal da pesquisa os anos de 1935 a 1938<sup>7</sup>, os mais significativos da experiência integralista no município: dos primeiros contatos com núcleos vizinhos e fundação do núcleo local à atuação na ilegalidade, quando militantes foram perseguidos e presos pela polícia varguista acusados de envolvimento no *putsch* integralista de 10 de março de 1938. Este último, tema pouco abordado pela historiografia do movimento.<sup>8</sup>

As pistas dos integralistas de Teixeira Soares foram encontradas após extensa pesquisa em arquivos e contatos com pesquisadores do tema. As fontes se diversificaram em artigos de jornais integralistas e não integralistas, fotografias, documentos oficiais do núcleo integralista de Teixeira Soares como telegramas e notas fiscais, fichas individuais de militantes na DOPS-PR, atas da Câmara Municipal de Teixeira Soares e da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, balancetes da prefeitura e depoimentos orais. Através desses documentos reconstituímos, ao menos em parte, o cotidiano vivenciado pelos integralistas, os relatos de suas viagens, a participação em reuniões, congressos estaduais e nacionais nos quais eram divulgados o pensamento e ideais dos principais chefes do movimento. Esses eventos eram momentos de homogeneização da doutrina, de expor as angústias vivenciadas pelos militantes e de declarar a paixão pelo movimento e a submissão ao chefe nacional. Os rastros deixados pelos integralistas de Teixeira Soares ajudaram a desvendar parte de um contexto tenso vivenciado pela sociedade brasileira na década de 1930. Contribuíram também para elucidar questões voltadas a um projeto de nação e propostas que transformaram o cotidiano de municípios Brasil afora. Transformações que engendraram conflitos, dividiram famílias e distanciaram

---

<sup>7</sup> Enfatizamos que a escolha deste período se deve também à maior riqueza documental sobre os integralistas no município. Porém, o recorte não é rígido, pois faremos incursões na década de 1920 e início da década seguinte para seguir o percurso político dos militantes integralistas e dar historicidade ao contexto socioeconômico local, implicado diretamente na configuração política do município.

<sup>8</sup> A maioria dos estudos sobre o integralismo aborda o período de atuação legal do movimento entre 1932 e 1937, sua organização interna, relações externas e universo simbólico. Parte da historiografia se voltou ao *putsch* integralista de 10 de maio de 1938, no qual cerca de 200 integralistas tentaram assaltar o Palácio da Guanabara no Rio de Janeiro, evento simbólico da derrocada do sigma. Entretanto, pouca atenção foi dada ao *putsch* de 10 de março de 1938, ocorrido em alguns municípios do país entre os quais, Ponta Grossa no Paraná. Nessa ocasião, integralistas de Teixeira Soares foram acusados de envolvimento. Sobre os estudos que abordaram brevemente a perseguição aos verdes do Paraná no final de 1937 e primeiro semestre de 1938, destacamos: CHAVES, Niltonci B. A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do Diário dos Campos a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 57-80, 1999 e PEREIRA ATHAIDES, Luciana Agostinho. A Ação Integralista Brasileira e os governos de Manoel Ribas no Paraná: repressão em tempos de democracia e interventoria. In: ANAIS DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA – UEM. Maringá-PR, 2011.

amigos pelo fato, nem sempre simples e inofensivo, do uso ou não de uma camisa verde oliva, a camisa integralista.

Paralelamente à busca, mapeamento e seleção das fontes relativas à AIB em Teixeira Soares, exploramos a bibliografia sobre o tema. Textos clássicos como os de Marilena Chauí (1978), José Chasin (1978), Gilberto Vasconcelos (1979) e Héglio Trindade (1979), aos quais incluo Francisco Martins de Souza (1989), abordaram o Integralismo em perspectiva macro-histórica enfatizando a natureza ideológica do movimento, captando possíveis semelhanças com movimentos fascistas europeus e a influência de um pensamento autoritário brasileiro.

Tais autores lançaram as bases dos estudos sobre a organização nacional do movimento. De certa maneira, algumas conclusões implicaram em generalizações sobre a intrincada organização da AIB em diversos flancos: que ela teria atingido majoritariamente a classe média desprestigiada da política na Primeira República, que o Integralismo seria uma cópia transplantada dos fascismos europeus e por isso teria atingido e atraído naturalmente italianos e alemães. A leitura dessas obras permitiu compreender grande parte do contexto vivenciado pela Ação Integralista Brasileira, seus projetos de nação, as disputas políticas, as influências no pensamento dos principais teóricos e líderes do movimento. No entanto, a complexidade do Integralismo admite sua abordagem em diferentes ângulos, o que fez proliferar artigos, dissertações, teses e livros a seu respeito recentemente.<sup>9</sup>

Nas últimas três décadas, notamos o avanço das pesquisas relacionadas ao fenômeno fascista no Brasil. Os objetos de estudo sobre o Integralismo se ampliaram. Além da natureza ideológica, do estudo biográfico dos principais líderes nacionais e a análise das possíveis interfaces com os fascismos europeus, os pesquisadores se voltaram ao universo simbólico do movimento, à atuação das “blusas verdes”, às relações internacionais, às representações discursivas da imprensa verde e ao cotidiano de militantes e chefes estaduais e municipais.

---

<sup>9</sup> Sobre a historiografia dos movimentos fascistas no Brasil, Rafael Athaides fez uma análise conceitual precisa sobre obras clássicas a respeito do nazismo e do integralismo. Em seu artigo: A historiografia e as relações nazi-integralistas, o autor discutiu os motivos para o crescimento de estudos sobre o tema: “(1) A recente abertura de arquivos da repressão policial (tanto no plano nacional, quanto no estadual) permitiu o acesso aos historiadores a massas documentais intocadas e catalogadas; (2) a multiplicação de programas de pós-graduação nas universidades brasileiras nos últimos trinta anos; (3) o declínio do preconceito e do descrédito atribuídos à História Política e, mais especificamente, aos estudos relacionados à direita.” (ATHAIDES, Rafael. A historiografia e as relações nazi-integralistas. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. p. 1-2). Rodrigo Santos de Oliveira fez um balanço da bibliografia do integralismo em seu artigo: A evolução dos estudos sobre o integralismo. Nele o autor analisa as transformações nos estudos sobre o integralismo desde os dois primeiros trabalhos publicados nos em 1937 e 1938, passando pela década de 1970 com o clássico de Héglio Trindade chegando aos estudos recentes e seus recortes regionais e municipais. (OLIVEIRA, Rodrigo S. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 36, n. 1, p. 118-138, jan./jun. 2010).

Estes estudos reconstituíram a organização interna dos núcleos para mostrar não somente a pluralidade de classes alcançadas pelos núcleos locais, mas suas estratégias emaranhadas nas práticas cotidianas e as motivações de adesão dos militantes pela reconstrução de trajetórias individuais e coletivas. Tais estudos revelam que além das atividades integralistas realizadas segundo os protocolos nacionais, garantindo certa homogeneidade ao movimento, peculiaridades eram tecidas pelos militantes nos diferentes núcleos municipais. Em Teixeira Soares, por exemplo, os integralistas da sede do município e dos distritos estenderam suas atividades ao campo, mantendo intensa articulação entre o núcleo sede e os subnúcleos rurais. As ruas da cidade, praças, armazéns, bodegas, clubes, casas, repartições públicas, estação ferroviária, entre outros espaços públicos e privados, se transformavam em pontos de encontro e de manifestação da paixão integralista. Mais que opção política, aderir ao Integralismo possibilitava formas de sociabilidade à população.

Entre os estudos que avançaram nessa direção citamos *O fascismo no Sul do Brasil* (1987) de René Gertz que desvenda a inserção dos alemães e seus descendentes nas fileiras integralistas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo o autor, é necessário cuidado conceitual na análise da relação entre Germanismo, Nazismo e Integralismo, pois a inserção da população imigrante não ocorreu de forma natural, por assimilação dos caracteres nazistas pelo Integralismo. Esse estudo revela que as relações entre nazistas e integralistas não foram cordiais, superando argumentos inconsistentes que associavam o sucesso do Integralismo à forte presença da colonização alemã em certas regiões. Para Gertz, a variável étnica deve ser analisada ao lado de outras variáveis como o contexto social, econômico, religioso e interesses pessoais. Para melhor observar essas particularidades o autor enfatiza a necessidade de estudos com recortes espaciais mais específicos sobre o tema.

Com outra abordagem e contribuição para a história do Integralismo destacamos o trabalho de Rosa Maria Feteiro Cavalari (1999) que analisou o universo simbólico integralista, sua rede de imprensa e ritualística. Seu trabalho é o mais lembrado pelos estudos recentes quanto aos rituais do movimento. Ao realizar um extenso levantamento dos periódicos e revistas integralistas de todo o país, a autora buscou compreender os objetivos e as estratégias da chamada imprensa militante, importante elemento no cotidiano dos verdes. Seu estudo destacou que essa imprensa visava popularizar as obras e os pensamentos dos principais líderes e homogeneizar a doutrina entre os integralistas.

Quanto aos estudos com recortes regionais destacamos obras que analisaram o cotidiano integralista. Fausto Alencar Irschlinger, em sua dissertação: *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul* (2001) pesquisou a estruturação interna e as

relações externas estabelecidas entre os núcleos de Passo Fundo, Carazinho, Erechim e Getúlio Vargas. Verificou que o Integralismo não conseguiu se opor às forças políticas tradicionais na região, mas afirmou que o movimento teria sido essencial por suas articulações e pelo apoio dado a alguns partidos nas eleições municipais de 1935. Com criatividade, através da perspectiva micro-históricográfica, seu trabalho sugeriu caminhos para estudar a história local. Nesta mesma perspectiva, abordando o município de Garanhuns em Pernambuco<sup>10</sup>, Marcio André Martins de Moraes (2002) buscou compreender a relação entre comunistas e integralistas entre 1935 e 1942 pela análise do jornal *A Razão*<sup>11</sup>, principal veículo de divulgação do movimento entre os militantes do município. Com a implantação do Estado Novo, o cotidiano de Garanhuns sofreu mudanças e os integralistas passaram a ser vistos como um perigo semelhante ao dos comunistas locais, o que estendeu a eles a repressão varguista.

Além desses autores, João Rameres Regis (1999), Josênio Camelo Parente (1984) e João Alfredo Souza Montenegro (1986), tornaram-se referências para o estudo da atuação do sigma no Ceará. Em sua dissertação: *Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*, Regis discutiu a aliança da AIB com grupos chancelados pela Ação Católica Brasileira como a Legião Cearense do Trabalho – LCT e a Liga Eleitoral Católica – LEC. Essas alianças evidenciaram uma ampla união das forças conservadoras contrárias aos grupos comandados pelos militares como o Clube 03 de Outubro e o Partido Social Democrático – PSD. O autor analisou a trajetória dos principais líderes integralistas no Estado como Franklin Gondim Chaves, considerado um coronel integralista e seu correligionário Jeová Mota. Seu estudo centrou-se na adequação do Integralismo à política local, caracterizada pelo coronelismo.

Sobre o Espírito Santo, os principais estudos sobre o sigma foram realizados por Pedro Ernesto Fagundes (2011). Destacamos seu artigo: *Os integralistas no Estado do Espírito Santo (1933-1938)*, no qual abordou a união de movimentos e organizações que configuraram o perfil do movimento de maior destaque na década de 30 capixaba: a AIB. Fagundes analisou o primeiro Congresso Nacional da AIB realizado em 1934 em Vitória e sua difusão no Estado através das chamadas “bandeiras”<sup>12</sup> e “caravanas”, campanhas organizadas pelos núcleos de

---

<sup>10</sup> Mais informações sobre o sigma em Pernambuco: SILVA, Giselda B. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 2007.

<sup>11</sup> Lembramos que o jornal *A Razão* de Garanhuns-PE circulou entre 1935 e 1937, apesar de homônimos não se trata do jornal *A Razão* de Curitiba-PR ou *A Razão* de São Paulo, jornal proto-integralista de Plínio Salgado.

<sup>12</sup> O termo “bandeiras” era utilizado pelos integralistas para aludir as campanhas doutrinárias e eleitorais, atração de adeptos e “preparação do terreno” para a fundação de núcleos. O termo lembra as expedições dos

idades maiores para propagar a doutrina verde e fundar novos núcleos. Estratégia, aliás, utilizada pelo movimento integralista em todo o país.

No processo de leituras e pesquisas sobre o movimento integralista no Brasil, notamos que a historiografia sobre o Integralismo no Paraná ainda é restrita se comparada ao maior número de estudos realizados sobre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Estados nos quais o Integralismo se destacou nacionalmente elegendo mais prefeitos e vereadores que no Paraná no biênio 1935-1936. Os trabalhos sobre o sigma no Paraná indicaram a presença da AIB em quase todos os municípios. Este terreno fértil, pouco arado e promissor ao estudo do Integralismo paranaense, aliado ao fato de residir em Teixeira Soares e ter acesso a fontes documentais e orais motivaram nossa proposta apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UNICENTRO. Assim, destacamos brevemente estudos sobre o sigma no Estado.

Trabalhos como os de Décio Szvarça e Maria Lucia Cidade (1989), de Niltonci Batista Chaves (2001), de Carmencita de H. M. Ditzel (2007), de Walderez Pohl da Silva (2008), de Rafael Athaides (2012) e de Luciana Agostinho Pereira (2011) revelam a presença do Integralismo no Paraná. Esses autores se preocuparam em analisar e revisitar documentos diversificados sobre a doutrina do sigma com destaque aos periódicos estaduais, locais e arquivos policiais, conferindo especial atenção às trajetórias políticas de lideranças locais, representações discursivas dos jornais, criação de imaginários, organização dos núcleos e o cotidiano dos militantes integralistas. Contudo, alguns desses trabalhos apenas tangenciaram os integralistas de Teixeira Soares, pois não eram objetos principais de suas pesquisas. Consideramos que as atividades dos integralistas de Teixeira Soares merecem ser reconstruídas em estudo específico, dada sua representatividade diante do sigma estadual e nacional, não apenas pelo fato dos verdes terem chegado ao poder nesse município – o que em si justificaria um estudo – mas a partir da análise da transformação do cotidiano local e das relações de poder engendradas entre integralistas e não integralistas, motivadas por paixões, interesses e rancores pessoais.

Entre os pesquisadores do Integralismo no Paraná, Décio Szvarça e Maria Lucia Cidade em seu artigo: “1955: o voto verde em Curitiba”, refletiram sobre as eleições estaduais, analisaram o discurso de Plínio Salgado procurando compreender a argumentação por ele apresentada e como foi recebida sua candidatura pelo Partido de Representação Popular (PRP) nesse Estado. No artigo, relatam a permanência do caráter autoritário da AIB

no programa do PRP. Nas eleições presidenciais de 1955, Plínio Salgado obteve expressiva votação no Paraná, sendo o candidato mais votado em cidades como Curitiba, Ponta Grossa, Rio Negro, Lapa, Londrina, Cambé e Teixeira Soares demonstrando que as ideias integralistas ainda ecoavam na sociedade paranaense. Se avançássemos nesta questão, poderíamos afirmar que foram nestes municípios que houve maior força do sigma, e que as paixões ao sigma estiveram reticentes por quase duas décadas.

Niltonci Batista Chaves, em seu livro *A cidade civilizada. Discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa/PR – Década de 1930*, analisou as representações discursivas sobre a Ação Integralista Brasileira no jornal pontagrossense *Diário dos Campos*. Além da organização do núcleo local e das críticas impressas e imagéticas dirigidas ao Integralismo, Chaves abordou aspectos do *putsch* integralista de 10 de março de 1938 no qual militantes de Teixeira Soares e outras cidades paranaenses estiveram envolvidos. Seu estudo, sobre o sigma no Paraná analisou também a repressão aos camisas-verdes no período do Estado Novo. Essa parte de sua dissertação foi publicada na forma de artigo intitulado: “A saia verde está na ponta da escada (1999)”.

Na tese de Carmencita de H. M. Ditzel, *Manifestações autoritárias: o integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)*, acompanhamos a trajetória da AIB e do PRP nos Campos Gerais, com atenção especial para Ponta Grossa, cidade irradiadora do Integralismo na região. Seu estudo verificou a repercussão do movimento integralista na década de 1930 e sua rearticulação partidária com o PRP em 1946. A identificação das particularidades regionais, a criação dos imaginários e projetos que buscaram espaços nessa cidade são os principais objetivos da pesquisa que destaca o município enquanto uma sociedade plural. Entre os projetos de nação que circulavam na sociedade na década de 30, o integralista alcançou a simpatia de boa parte da população local e regional.

Já a tese de Walderez Pohl da Silva, *Entre Lustosa e João do Planalto: a arte da política na cidade de Guarapuava (1930/1970)* tratou do Integralismo nessa localidade paranaense a partir da trajetória política de Antônio Lustosa de Oliveira. Na década de 1930 o político abraçou a militância integralista e as pregações de Plínio Salgado. Com Amarílio Rezende de Oliveira e Davi Moscalesque, fundou o jornal *Folha do Oeste* em 1937. Segundo Silva, esse jornal foi o principal órgão de difusão e cooptação da AIB em Guarapuava. O Estado Novo deu início a um período de tensões. Com o assassinato de Davi Moscalesque, fundador do núcleo da Ação Integralista Brasileira em Guarapuava e sua ilegalidade no Estado Novo, Lustosa de Oliveira, Rezende de Oliveira e demais militantes verdes passaram a

ser perseguidos pela DOPS. Esse tempo de dificuldades estendeu-se até 1941 quando Lustosa retomou a atividade jornalística e o discurso de progresso devotado a Guarapuava.<sup>13</sup>

O trabalho que nos introduziu o cotidiano político, afetivo e intelectual dos integralistas nos municípios paranaenses dos anos 1930 foi a tese de Rafael Athaides, um dos estudos mais amplos sobre a seção estadual chamada de “Província do Paraná”. Intitulada: *As Paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*, as discussões iniciadas na tese de Athaides assinalaram novos olhares para compreendermos o Integralismo enquanto movimento fascista, abordando também as sensibilidades na política. Tendo como fontes principais a imprensa integralista e os documentos da DOPS-PR, o autor analisou o período de 1934 a 1936, problematizando o “início esquecido” do sigma paranaense, no qual Ponta Grossa e não a capital Curitiba, seria pioneira na difusão das ideias de Plínio Salgado, já em finais de 1932. O autor revelou como o Integralismo transmitia mensagens comoventes que estimulavam uma conexão afetiva entre o militante, a causa do movimento e seus líderes. A esta conexão Athaides denominou “retroalimentação” (p. 292). Com esse trabalho pudemos entrever parte das peripécias envolvendo os integralistas paranaenses na década de 1930, movidos pela paixão, ressentimentos e interesses.

Tendo as fichas policiais da DOPS-PR como fontes, Luciana Agostinho Pereira Athaides elaborou o artigo: *A Ação Integralista Brasileira e os governos de Manoel Ribas no Paraná: repressão em tempos de democracia e interventoria*.<sup>14</sup> Ao tratar do governo de Ribas, um dos responsáveis pela repressão ao Integralismo no Paraná, a autora destacou em suas análises dois períodos de repressão no Estado: o primeiro após os *putsche* integralistas e o segundo após a ruptura do Brasil com os países do Eixo. Com a perseguição aos nazistas,

---

<sup>13</sup> Enfatizando o período da AIB na ilegalidade Cesar Lisandro Vieira em seu capítulo de livro: *História Política Revisitada: Integralismo em Guarapuava/ PR* (VIEIRA, Lisandro, Cesar. *História Política Revisitada: Integralismo em Guarapuava, PR*. In: SEBRIAN, Raphael N. N. (org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008, p. 217- 236), destacou o jogo político dos integralistas na deflagração do *putsch* de 1938 na referida cidade. Ainda sobre Guarapuava existe uma pesquisa em curso desenvolvida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por Eliziane Gava com o título: *Mediação e Cultura Política na década de 1930: a Ação Integralista Brasileira (AIB) no jogo político da região de Guarapuava/PR*. Em comunicação apresentada na ANPUH nacional em 2013 com o título: "O Integralismo na região de Guarapuava/PR no diálogo com a história política", a autora apresenta os objetivos de sua dissertação: “é pertinente entender a AIB em Guarapuava/PR como um núcleo de um partido político de amplitude e projeto nacional, que por meio da mídia local difundia suas ideias à população e passava então, a fazer parte do jogo político da região.” (GAVA, Eliziane. *O Integralismo na região de Guarapuava/PR no diálogo com a história política*. In: ANAIS DO XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. Rio Grande do Norte, 2013, p. 11). Em suma, Gava retomou a discussão empreendida por Pohl da Silva que destacou a mídia impressa como artifício de cooptação e criação de um imaginário pró-integralista na cidade de Guarapuava, abordando os jogos políticos entre líderes da elite local.

<sup>14</sup> O artigo foi publicado nos anais do VI Congresso Internacional de História, realizado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2013. Disponível em: <[http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/303\\_trabalho.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/303_trabalho.pdf)>

alemães e ex-militantes integralistas foram perseguidos pela DOPS. Vários foram presos, incluindo pessoas com sobrenome de países do eixo. A autora considerou os embates entre Manoel Ribas e as lideranças integralistas estaduais para verificar as relações entre os camisas-verdes paranaenses e políticos varguistas naqueles anos turbulentos.<sup>15</sup>

Nesta dissertação tivemos como meta enfrentar desafios apontados pela historiografia do Integralismo como: a necessidade de estudos com recortes locais, a relação do Integralismo com o coronelismo, a relação dos integralistas com a sociedade, a oposição enfrentada pelos integralistas nos governos municipais varguistas, a ritualística, a sociabilidade dos camisas-verdes e a repressão ao Integralismo no período do Estado Novo. Outros pontos, não destacados pelos pesquisadores citados, mas que analisamos brevemente são as relações estabelecidas entre diferentes núcleos integralistas e as dinâmicas de uma gestão integralista, considerando que os camisas-verdes estiveram no poder em Teixeira Soares entre o início de 1936 e novembro de 1937, momentos que marcaram a posse do prefeito integralista Molinari e sua destituição com o golpe do Estado Novo. Nesse sentido, propusemo-nos estudar o cotidiano político e social dos militantes integralistas de Teixeira Soares entre os anos de 1935 e 1938.

As recorrentes referências aos integralistas de Teixeira Soares no jornal *A Razão*, editado pelos integralistas de Curitiba, presentes em pesquisas historiográficas sobre o tema, levou-nos a buscar esse periódico sob a guarda do Arquivo Delfos de Documentação, na PUC do Rio Grande do Sul.<sup>16</sup> O jornal foi fundamental para examinar como a doutrina integralista foi defendida pelos intelectuais verdes do Paraná. Através dele, conhecemos suas representações no cotidiano político local e como concebiam o que se passava em outras regiões do Brasil e no mundo a partir da propaganda integralista. *A Razão* publicava notícias da capital Curitiba e cidades do interior do Estado incluindo os informes da direção nacional. O jornal monitorava e defendia as posições dos camisas-verdes paranaenses. Com essa preciosa fonte documental em mãos, mapeamos os artigos relacionados aos integralistas de Teixeira Soares, objeto e espaço de nosso estudo.

*A Razão*<sup>17</sup> era um hebdomadário dirigido por Jorge Lacerda. Circulou no Estado entre primeiro de maio de 1935 e oito de novembro do mesmo ano quando foi censurado pelo

---

<sup>15</sup> No momento a pesquisadora desenvolve sua dissertação na Universidade Estadual de Maringá (UEM): *A província paranaense da Ação Integralista Brasileira sob a mira da DOPS: a ação repressiva durante o Estado Novo (1937-1945)*, recorte temporal ainda não abordado pela historiografia paranaense do Integralismo.

<sup>16</sup> Entretanto, esse caminho foi abreviado com a ajuda dos pesquisadores do Integralismo no Paraná: Rafael Athaides e Luciana Agostinho Pereira que gentilmente cederam uma cópia do jornal *A Razão*. Registro aqui meu sincero agradecimento a ambos.

<sup>17</sup> Segundo Athaides: “A primeira tiragem foi de 2000 exemplares e não temos informações exatas sobre as



interventor estadual Manoel Ribas. Sua efêmera vida durou 27 edições, em sua maioria com 6 páginas. Em agosto de 1935 sua tiragem havia triplicado para circular também em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Assim como o *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, havia a obrigatoriedade de sua assinatura por parte dos núcleos paranaenses. As lideranças locais deviam necessariamente ter uma assinatura individual. O mesmo era recomendado a todos os militantes ou que pelo menos comprassem o jornal nas bancas. Os chefes dos núcleos municipais tinham a responsabilidade de enviar quinzenalmente um relatório de suas atividades para alimentar as matérias do jornal. Ao visitarem o núcleo da capital, as lideranças e militantes do sigma não deixavam de visitar a redação do *A Razão*, que passou a receber “romarias” de camisas-verdes.

No jornal *A Razão*, os integralistas registraram seus objetivos, dificuldades e enfrentamentos com as forças que acreditavam atuar contra a ordem e os bons costumes na sociedade brasileira e paranaense. Através de seu jornal, os verdes paranaenses colocavam em pauta os temas relevantes para o pensamento da AIB como o discurso anticomunista, a exaltação da família e da religião, a oposição à maçonaria e à política liberal-democrática do governo Vargas e seus representantes no Paraná, como o interventor estadual Manoel Ribas, arquirrival da AIB.

Tendo em vista que o Integralismo não foi uma unanimidade em Teixeira Soares, buscamos conhecer as opiniões contrárias ao sigma no município e região. Como contraponto d'*A Razão*, examinamos o *Diário dos Campos* de Ponta Grossa, sob a guarda do Museu dos Campos Gerais no mesmo município. Alguns trabalhos citados acima utilizaram esse jornal como fonte e fizeram referências pontuais aos integralistas de Teixeira Soares. Situar os militantes teixeirassoarenses em plano de menor expressão no integralismo paranaense, fato verificado de maneira diversa nesta dissertação. Após garimpar e ler com uma lupa, encontramos muitos artigos alusivos à atuação dos integralistas de Teixeira Soares nesse jornal. Com visões políticas distintas e conflitantes, *A Razão* e o *Diário dos Campos* constituíram veículos de manifestação daqueles que apoiavam e discordavam do pensamento integralista no Paraná, respectivamente, especialmente na região dos Campos Gerais que inclui Teixeira Soares.

---

tiragens dos demais números, sabemos, no entanto, que a partir do número 6 as tiragens forma ampliadas para atender à demanda interna e do Estado de Santa Catarina. No quadro da imprensa periódica local dos anos 1930, é razoável caracterizar *A Razão* como um jornal materialmente de qualidade, se comparado com outros periódicos gerais da época, como a *Gazeta do Povo*. Assim como a maioria dos periódicos integralistas regionais, o financiamento do *A Razão* se dava por meio da venda direta, assinaturas e patrocinados/anunciantes.” (2010, p. 418-419). A respeito do conjunto discursivo deste periódico, conferir: ATHAIDES, Rafael. O integralismo no Paraná pelo periódico “*A Razão*” (1935). IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo / III Simpósio do LAHPS – Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo, UFJF, 2010, p. 418-428.

Somadas a essas fontes, utilizamos a metodologia da história oral coletando depoimentos de moradores de Teixeira Soares que vivenciaram ou tiveram contato com pessoas contemporâneas ao tema e período aqui analisados. Esses depoimentos sobre o Integralismo no município foram esclarecedores na medida em que: assuntos não abordados nas fontes impressas puderam ser conhecidos como o impacto da doutrina integralista nas relações familiares, de amizade, entre patrões e empregados, entre os adversários políticos e no cotidiano. Acrescentam também aspectos das subjetividades e experiências pessoais em relação aos fatos e personagens, tanto dos que simpatizavam como dos que combatiam o movimento integralista naquele período.

Os testemunhos não foram tratados aqui como monumentos em que a fala daquele que reconstrói um passado a partir das lembranças pessoais aparecem como verdade indiscutível. Tampouco os depoimentos assumiram a função de simples complemento das demais fontes documentais. No decorrer da pesquisa compreendemos as entrevistas dos moradores da cidade e os livros de memórias como documentos históricos, passíveis de críticas e imprecisões. Por isso mesmo, cotejadas com a literatura dedicada a analisar o uso da memória nas pesquisas históricas e historiografia específica.<sup>18</sup>

Por meio desse diversificado rol documental pudemos conhecer aspectos da cidade, as relações dos integralistas com os moradores locais e os conflitos cotidianos com os getulistas, seus principais rivais locais. As fontes forneceram pistas dos principais teixeirassoarenses do quadro da AIB, sendo que vários deles mantinham laços estreitos com membros da elite local ou a ela pertenciam. Distinguimos também várias atividades dos integralistas nos espaços públicos, suas práticas, ideais, interesses, obstáculos e o papel exercido por certas lideranças que superavam os limites do urbano/rural, do público/privado. Os integralistas esboçaram

---

<sup>18</sup> Sobre os elementos constituintes da memória individual ou coletiva o sociólogo Michael Pollak afirma: “Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato, podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.” (POLLAK, 1992, p. 201). No percurso de nossa pesquisa, trabalhamos com os dois tipos de acontecimentos, os “vividos pessoalmente”, como é o caso do Senhor Vilico e do Senhor Leão Marchinski que vivenciaram o período estudado e mantinham relações de amizade com os integralistas de Teixeira Soares, e os “vividos por tabela”, de acontecimentos relatados por filhos, netos e pessoas que socializaram com os integralistas em outros tempos, e que apreenderam essas memórias sobre o contexto vivenciado pelos camisas-verdes locais. Para mais informações sobre o uso da história oral como metodologia, conferir: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

seus círculos de ação na própria cidade, estabeleceram pontos de encontro e sociabilidade atuando também em municípios vizinhos cultivando relações de conveniência. Todavia, destacamos os limites das fontes que impossibilitaram vislumbrar nitidamente os principais motivos de engajamento dos teixeirassoarenses no movimento integralista, sua simpatia pelos movimentos fascistas europeus e as razões dos votos que elegeram o prefeito integralista no município.

Michel de Certeau discute as táticas e invenções no cotidiano, úteis para refletirmos sobre os atos políticos, inclusive os dos integralistas em geral e, em especial, dos integralistas de Teixeira Soares. O pensamento e as práticas integralistas, tão plurais, se transformaram e foram recebidos distintamente em diferentes lugares. Sua circulação em dado ambiente sempre se viu diante de processos culturais que, conforme o autor (1994, p. 44-45), articulam conflitos e legitimam, deslocam ou controlam "a razão do mais forte". As atividades integralistas se desenvolveram sob tensões e, muitas vezes, violências. Daí, percebemos os equilíbrios simbólicos, os contratos de compatibilidade e os compromissos mais ou menos temporários. Lembra Certeau que as táticas e as engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, desembocam em uma politização das práticas cotidianas. Os integralistas também apresentaram tais práticas em meio às disputas pelo poder municipal. Lançaram mão de estratégias e táticas aproveitando racionalmente as ocasiões para concretizar seus desejos e projetos. A moderação, a aproximação dos poderosos, as relações de conveniência com alguns grupos e práticas confundidas com as de domesticação, no caso, são também armas de luta, como aponta Certeau. No campo político, porém, há mais motivações e automatismos sociais por conhecer, nem sempre atos racionais. Nesse aspecto, o sociólogo Pierre Ansart e autores que pensam a relação entre sentimentos e política perpassaram nossas análises das práticas integralistas em Teixeira Soares. Para Ansart, as escolhas e interesses políticos não podem ser avaliados dissociados das motivações sentimentais, das paixões, medos e ódios.<sup>19</sup>

No percurso desta introdução, dialogamos com a historiografia sobre o tema e analisamos as fontes na perspectiva da história das práticas políticas cotidianas. A dissertação resultante desta pesquisa se organiza em três capítulos. No primeiro, intitulado “Teixeira Soares, 1935: tempos integralistas”, problematizamos a chegada do Integralismo ao município através da bandeira oriunda de Ponta Grossa. Pela análise do contexto político-econômico local, abordamos as principais categorias profissionais e etnias alcançadas pelo

---

<sup>19</sup> ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-35.

sigma. Notamos que a presença do Integralismo constituiu uma identidade política, notável em sua forma de ritualizar a política. A experiência “verde” em terras teixeirassoarenses provocou divisões entre pessoas próximas e desconfortos dentro de uma mesma etnia, no caso a italiana. Destacamos que a presença de integralistas entre comerciantes e empresários do ramo madeireiro e ervateiro contribuiu decisivamente para o crescimento do núcleo da AIB local.

O segundo capítulo, “Integralistas: cotidiano e sociabilidades”, abrange as relações dos integralistas de Teixeira Soares com a sociedade local, com representantes de núcleos estaduais e nacionais. Nelas apreendemos o cotidiano político e social dos militantes, algo que os vinculava a uma comunidade maior, o Integralismo em âmbito nacional. Analisamos a mudança de atitude dos militantes, influenciada pela legitimação do sigma municipal e por suas ambições eleitorais. Assinalamos as investidas e a constituição de um grupo oposicionista ao Integralismo em Teixeira Soares e na região dos Campos Gerais, oposição verificada nas páginas do jornal pontagrossense *Diário dos Campos*. Notícias de proibições, perseguições e prisões de integralistas em jornais paranaenses, integralistas ou não, como *A Razão* e *Diário dos Campos*, revelaram os ânimos exaltados antes e depois das eleições municipais de 1935.

No terceiro e último capítulo, “Cidade integralista: camisas-verdes, do poder à queda”, examinamos as dinâmicas da AIB no município e suas atividades entre 1936 e 1938 apontando os projetos políticos e conflitos envolvendo vereadores verdes na câmara municipal, cuja maioria era integralista. Analisamos em seguida o Estado Novo, os políticos oposicionistas do governo Vargas foram cassados e todos os partidos fechados. Nesse momento os integralistas teixeirassoarenses e paranaenses se envolveram em conflitos sofrendo perseguições e prisões após acusação de envolvimento nos *putsche* integralistas de 1938. Entre os detidos estava o chefe do núcleo municipal de Teixeira Soares, condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional. Assim, investigamos como a experiência integralista nos anos de sua atuação (1935-1938) transformou o cotidiano da população em Teixeira Soares, separando amigos e famílias, agitando a vida dos habitantes envolvidos ou não com a doutrina de Plínio Salgado.

## **CAPÍTULO I - TEIXEIRA SOARES, 1935: TEMPOS INTEGRALISTAS**

Neste capítulo discutimos a chegada do Integralismo em Teixeira Soares e as estratégias para difundir sua doutrina. Destacamos que a mensagem do sigma atraiu diferentes grupos sociais e que a adesão de membros da elite local foi decisiva para seu sucesso em uma pequena localidade marcada pelas relações de parentesco, amizade e interesses pessoais.

## 1.1 O ADVENTO

Teixeira Soares, terra “enfeitada de pinheirais”, “pedacinho do Brasil” com muitas “glórias no passado”<sup>20</sup>, revela em sua ‘biografia’ que além do verde de ervais e pinheirais, sua paisagem foi matizada por outro tom de verde na década de 1930: o verde da camisa integralista. Sob as lentes vigilantes do Estado, aquele pedacinho do Brasil não viveu exatamente tempos gloriosos. A chegada dos integralistas com suas ideias, gestos e símbolos, dividiu opiniões e instigou conflitos no município. Foram tempos turbulentos.

Naqueles anos o Integralismo se difundiu em todo o Brasil. Mobilizou razões e sensibilidades alterando o cotidiano de pessoas e comunidades. Além da participação na política, a paixão pelo sigma tornou-se a própria vida de muitos militantes. Em finais de 1934, timidamente, a doutrina verde se insinuava no Paraná. Entretanto, em 1935 o movimento cresceu e se consolidou com a fundação de vários núcleos e a organização do partido para disputar as eleições municipais.

Oficialmente, a Província do Paraná foi fundada em 23 de julho de 1934. Em artigo lembrando os primeiros passos dos verdes no Estado, o jornal *A Razão* apresentou um breve retrospecto das pioneiras atividades do sigma, anunciando a fundação da sede integralista na capital Curitiba:

Despontava o ano de 1934. Com o seu dealbar, começavam a ter seus primeiros reflexos em terras paranaenses, os extraordinários triunfos e a grandiosa repercussão que as ideias pregadas por Plínio Salgado já afirmavam em outros quadrantes da imensa vastidão brasileira. [...] A sede integralista provisória foi instalada nos altos do prédio nº 135, da Rua Rio Branco, já então tendo sido designado definitivamente para o alto posto de Chefe Provincial o Dr. Vieira de Alencar, o ilustre e eminente jurista patricio e abalizado catedrático da nossa Faculdade de Direito. (A RAZÃO, n. 12, 23/07/1935, p. 2).

---

<sup>20</sup> Trechos do hino de Teixeira Soares. Fonte: [musicas.com.br/hinosdascidades](http://musicas.com.br/hinosdascidades) Disponível em: <http://musica.com.br/artistas/hinos-de-cidades/m/hino-de-teixeira-soares---pr/letra>

O artigo chamava a atenção para os “primeiros reflexos” integralistas em terras paranaenses. Os militantes consideraram Curitiba como pioneira do sigma no Paraná, mas há controvérsias.<sup>21</sup> Segundo o historiador Rafael Athaides:

Fossem quais fossem seus motivos, é interessante notar que a história de Machado como coordenador em Ponta Grossa e a da própria cidade como sede irradiadora do Integralismo não foi reconhecida pela liderança de Curitiba; foram omitidas de um retrospecto histórico publicado no jornal *A Razão*, elaborado em função do primeiro aniversário da Província, em julho de 1935. Portanto, para os integralistas da capital, a trajetória do Movimento remonta a 1934 e a Vieira de Alencar. (ATHAIDES, 2012, p. 69).

Essa omissão do núcleo fundado em Ponta Grossa indica uma possível disputa entre integralistas da capital e do interior. Deixando de lado a polêmica sobre o pioneirismo do sigma no Estado, o fato é que a partir do final de 1934 as atividades de doutrinação e fundação de núcleos tiveram extraordinário avanço sob a coordenação do chefe provincial Vieira de Alencar. Com as chamadas ‘bandeiras’, os integralistas promoveram caravanas ao interior do Estado. A partir dessa veloz organização da AIB, concordamos com Athaides de que não seria exagero afirmar que “a AIB estava presente em praticamente todo o Paraná habitado em fins de 1935 – contando com atividades de coordenação em municípios, bairros, distritos, vilas, fazendas e portos”. (ATHAIDES, 2012, p. 141).

No início de 1935, o Integralismo ensaiava seus primeiros movimentos em Teixeira Soares. Esse foi o “ano verde” para a Ação Integralista Brasileira no município: considerando a fundação e crescimento do núcleo, as perseguições e prisões e o triunfo eleitoral. O sucesso do Integralismo em Teixeira Soares foi peculiar no Paraná. Nos demais municípios do Estado os candidatos do sigma não conseguiram vencer a política governista nas eleições para prefeito. A AIB seduziu importantes líderes locais, o que se revelou essencial na conquista de adeptos e simpatizantes das ideias de Plínio Salgado.

No início da década de 1930, Teixeira Soares era marcada por elementos que

---

<sup>21</sup> Rafael Athaides em seu artigo, *A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)*, alerta para o silêncio dos jornais integralistas sobre a instalação da província da AIB no Paraná. Os jornais integralistas mostram que Curitiba foi o primeiro núcleo da AIB no Estado a partir de 1934. Athaides observa que o trabalho de Carmencita de Mello H. Ditzel a respeito do Integralismo nos Campos Gerais chama a atenção ao fato do jornal *Diário dos Campos* revelar, já em fins de 1932, que o primeiro núcleo integralista do Paraná foi estabelecido em Ponta Grossa, tendo Brasil Pinheiro Machado como chefe. ATHAIDES, Rafael. *A instalação da província paranaense da AIB: Do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934)*. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312814552\\_ARQUIVO\\_RafaelAthaides-textocompleto.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312814552_ARQUIVO_RafaelAthaides-textocompleto.pdf)>.

povoavam o universo dos coronéis. Lembrando a definição de Victor Nunes Leal:

O coronelismo é um sistema nacional baseado em barganhas entre o governo e os coronéis, o governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos [...]. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. (LEAL, 1997, p. 231).

Em Teixeira Soares não encontramos a figura típica do coronel<sup>22</sup>, mas membros de famílias importantes da cidade como Gubert, Macedo, Miranda, Molinari, Nunes, Assis e Pinto podem ser considerados “potentados”. Seu prestígio decorria de seus capitais políticos e econômicos. Possuíam terras, serrarias, bancos, comércio de secos e molhados, fábricas de café e ervais, cada qual com sua influência e relação estreita com a sociedade.

Em 1935, ocupavam cargos importantes: João Baptista Gubert – presidente da Junta de Alistamento Militar, exportador de lenha e madeira, correspondente do Banco Molinari e Gubert; João Negrão Júnior – exportador de erva-mate e proprietário de armazém de secos e molhados; Manoel Azevedo Macedo – exportador de madeira e ajudante do procurador da república; Alberico Xavier de Miranda – agricultor, exportador de madeira e erva mate; João Molinari Sobrinho – juiz distrital, gerente de serraria, exportador de madeira e presidente da comissão da Igreja Imaculada Conceição; Líbero Nunes – prefeito, pecuarista e proprietário de fábrica de café; Adélio Ramiro de Assis – suplente de delegado, contador e exportador de erva mate; Osmar Ramiro de Assis – secretário-procurador da Prefeitura Municipal, contador e exportador de erva mate.<sup>23</sup> Suas posições e posses permitiam proteger seus interesses político-econômicos e ampliar seus capitais sociais num ambiente marcado pela troca de favores, amizades e rivalidades.

Década antes, em 1926, tais “potentados” e “mandões”, por seu reconhecimento na sociedade, participaram da comissão de construção da Igreja Matriz do município. Foram

---

<sup>22</sup> Na visão de Leal, o fenômeno coronelístico estabeleceu uma rede de poder que partia da periferia para o centro, do micro para o macro na relação de trocas entre o poder municipal, estadual e nacional na chamada política dos governadores da Primeira República. Assim, o coronel era mais uma “peça” engendrada em um sistema nacional. O conceito mais próximo para compreender o poder dos líderes locais em Teixeira Soares seria o de mandonismo. Como destaca José Murilo de Carvalho, o mandonismo “refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder. O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política” (CARVALHO, 2010, p. 2). Ou seja, mesmo não tendo relações com o governo em nível estadual, o chefe detinha prestígio econômico e social e influenciava nas relações políticas e sociais locais.

<sup>23</sup> Dados obtidos do Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1891-1940 - PR\_SOR\_00165\_313394 - Municípios do Paraná de 1935. Fonte: Estado do Paraná, vol. II, 1935, p. 158-159. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=116405&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acesso em 15 de maio de 2014.



nomeados pelo Bispo Diocesano Dom Antônio Mazarotto, antes mesmo da constituição local da paróquia.<sup>24</sup>

Fato interessante é que Adélio Ramiro de Assis era maçom, membro da Loja Maçônica Verdade e Caridade nº 1061, fundada em outubro de 1929 e que atuou até meados de 1934 na cidade.<sup>25</sup> A presença do maçom Adélio Ramiro de Assis no cargo mais alto na hierarquia verde local em 1935 revela a heterodoxia do Integralismo em Teixeira Soares. Mesmo com maioria católica em muitas localidades, ser católico não era condição necessária para adesão ao movimento. Ser maçom, portanto, não era impedimento para vestir a camisa verde, mesmo que o padre, o bispo, os católicos e até integralistas fossem contrários. Ressalvamos que essa relação variava dependendo do lugar, pois o movimento integralista também era contra a maçonaria, ou seja, dependia muito do maçom a escolha de entrar no movimento, bem como sua aceitação pelo mesmo.<sup>26</sup>

As instabilidades da década de 1930 colocaram esses personagens da elite teixeirassoarense em campos políticos diferentes. Alguns seguiram a corrente varguista. Outros, insatisfeitos com a magra fatia de poder que lhes coube, escolheram uma proposta política alternativa: o Integralismo.

No entanto, o Integralismo não fez parte apenas da vida da elite ervateira e madeireira local. Esse movimento alcançou outros segmentos sociais como professores, funcionários públicos, comerciantes e gente da roça. Fez parte da história de muitos

<sup>24</sup> Em 1926, constituíram a primeira comissão da Igreja, responsável por angariar fundos para a construção do novo centro católico. Além das doações da sociedade, suas famílias contribuíram financeiramente para a construção da Igreja (O COMÉRCIO, 1926, p. 3. Jornal de Ponta Grossa/PR).

<sup>25</sup> Participaram da Loja Verdade e Caridade nº 1.061 no período: Adélio Ramiro de Assis, Alberto Foggiato, Amadeu Fernandes Duarte, Benjamin Wood, Carlos Justus, Deocleciano Gomes de Miranda, Deolindo Augusto Teixeira Pinto, Elesbão Rodrigues dos Santos, Ernesto Budzinsky, Eurico Müller, Francisco Borges Filho, Francisco Ogg, Henrique Vergés, João Christiano dos Santos, José Augusto Gumy, Luiz da Costa Schmidt, Nilo Benford Wood, Olympio Odorico da Silva, Oswaldo Pereira Silva, Plínio da Cunha Teixeira, Rodrigo Pinto Sobrinho, Rodrigo Teixeira Pinto, Tertuliano Carvalho de Oliveira, Walter Webscki. Informações sobre as Lojas Maçônicas de Teixeira Soares e outros municípios do Paraná ver: [http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/1061\\_Hist\\_Loja.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/1061_Hist_Loja.htm) Acesso em 17 de abril de 2014.

<sup>26</sup> Como exemplo de integralistas maçons citamos: Antonio Lustosa de Oliveira e David Moscalesque. Ambos eram líderes verdes em Guarapuava e membros da Loja Philantropia Guarapuavana nº 0.237 na década de 30. Fonte: [http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/0237\\_obreiros.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/0237_obreiros.htm) Acesso em 18 de abril de 2014. Em Curitiba e Ponta Grossa, as relações entre integralistas e maçons não eram nada amistosas. Os embates discursivos afluíam no jornal *A Razão*, da capital, e no jornal pontagrossense *Diário dos Campos*. Em setembro de 1935, o *Diário dos Campos* publicou um artigo intitulado: “OS MAÇONS PONTAGROSSENSES VÃO COMBATER O INTEGRALISMO”. Rumores corriam soltos de que “Ponta Grossa, como todo o Brasil, vai assistir a luta de extermínio entre integralistas e maçons”. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 25 de setembro de 1935). O artigo expunha a posição da Maçonaria pontagrossense, que a exemplo de outros lugares no Brasil, deliberou contrapor-se ao Integralismo. Em Curitiba, por exemplo, o general Raul Munhoz convertido ao Integralismo também era maçom e “foi o vereador mais votado do Integralismo nas eleições municipais em Curitiba, realizadas em setembro de 1935”. (ATHAIDES, 2012, p. 178). Lembramos a necessidade de estudos específicos para compreender como se dava a relação integralismo/maçonaria em diferentes lugares.

habitantes de Teixeira Soares e seus distritos entre 1935 e 1938. Antigos moradores do município afirmam que naqueles anos era comum ouvir anauês e ver pessoas envergando suas bem passadas camisas-verdes nas ruas, reuniões e comícios repletos de discursos religiosos e nacionalistas. A presença dos integralistas e dos varguistas, esses últimos representados no município pelo PSD<sup>27</sup>, foi motivo de conflitos e disputas, mesmo antes do Estado Novo colocar os verdes na clandestinidade e na cadeia.

O ano de 1935 foi de ruptura. Após a crise de 1929 e o declínio do café e outros produtos de exportação como a madeira e o mate, o município de Teixeira Soares viu sua economia se retrair gerando cortes no orçamento municipal e demissão de funcionários públicos. (GUBERT FILHO, 1989, p. 40). Em sintonia com o que ocorria em outras partes do mundo, especialmente na Europa, após 1929 o Brasil recebeu reflexos da polarização ideológica entre esquerda e direita. Internamente, o governo de Vargas ganhava adeptos e críticos. Simultaneamente ao varguismo, ideias políticas de inspiração comunista e fascista se propagaram condensadas em torno de dois movimentos: Aliança Nacional Libertadora (ANL) e Ação Integralista Brasileira (AIB).

Em Teixeira Soares, município localizado nos Campos Gerais do Paraná, a doutrina integralista, que defendia a propriedade privada e a construção de um Estado forte, sob o lema Deus, Pátria e Família, ecoou vigorosamente. Em 17 de maio de 1935 a pequena cidade conheceu grande novidade: viu fundar seu núcleo integralista.

Desde o início daquele ano, os integralistas paranaenses organizavam campanhas no interior do Estado com objetivo de preparar o terreno, semear a doutrina do sigma e fundar novos núcleos. Geralmente, tais campanhas, conhecidas como “bandeiras”<sup>28</sup>, eram realizadas por núcleos maiores como os de Ponta Grossa, Rio Negro e Curitiba. As atividades compunham-se de sessões doutrinárias, missas e a inscrição dos novos integralistas.

---

<sup>27</sup> O Partido Social Democrático era o partido governista estadual. Eram membros desse partido, entre outros, o interventor estadual Manoel Ferreira Ribas, Albary Guimarães, prefeito de Ponta Grossa e Brasil Pinheiro Machado, Deputado Estadual no Paraná na década de 1930. “Não confundir com a agremiação homônima fundada sob influência de Getúlio Vargas no final do Estado Novo. O PSD (Partido Social Democrático) em questão era um partido regional com grande penetração nos meios políticos pontagrossenses na República Velha e no início da década de 1930.” (DITZEL, 2004, p. 79).

<sup>28</sup> “As ‘Bandeiras’, termo de origem paulista, que no Integralismo ganhou um significado particular: expedições ‘irradiadoras do sigma’, eram compostas por milícias que almejavam estabelecer núcleos ou pontos de apoio (coordenações) para futuras fundações. Ao longo da história da AIB, inúmeras ‘bandeiras’ de distintas proporções, organizaram-se no intuito de propagar a doutrina Integralista. Após o movimento se tornar um partido, muitas bandeiras tinham a finalidade de fazer propaganda eleitoral. No período após a fundação da AIB destacaram-se duas bandeiras, ambas em agosto de 1933: a primeira, direcionada ao Norte e Nordeste, liderada por Plínio Salgado com participação de Gustavo Barroso que visitou as principais capitais das duas regiões; a segunda, destinada ao sul do país, comandada por Miguel Reale”. (ATHAIDES, 2012, p. 66-67).

Na medida em que a AIB se afirmava no Paraná, as atividades voltadas à fundação de núcleos no interior se ampliaram. Assim noticiava *A Razão*:

Ypiranga, vizinho município de Ponta Grossa, tem recebido o influxo de entusiasmo dos pontagrossenses, e o movimento já está coordenado, sendo escolhido para Chefe local o valoroso companheiro Reinaldo Safreider.

Dentro de breve **Teixeira Soares, será visitado por um grande número de camisas-verdes de Ponta Grossa**, onde levarão a palavra ardente e vigorosa da idéa nova, que sacode o Brasil e já estremece os inimigos...

O Chefe Municipal Estevam Coimbra [Ponta Grossa], auxiliado por abnegados e talentosos companheiros, vem coordenando o movimento em todos os districtos do município. (A RAZÃO, nº 2, 10/05/1935). (Grifo nosso)

Ainda que o verde angariasse adeptos em vários municípios, vemos, pelo menos num primeiro momento, que alguns núcleos visavam se tornar referências e obter maior representatividade. Este é o caso do núcleo de Ponta Grossa que organizou algumas bandeiras no interior do Paraná.

Para instalar um núcleo municipal eram requeridas lideranças locais simpatizantes e vontade político-ideológica, entre outros aspectos. No caso de Teixeira Soares, a ‘pista de pouso’ era preparada desde início de 1935, mas se organizou em maio do mesmo ano. Os verdes de Teixeira Soares e Ponta Grossa constantemente se comunicavam por cartas (pelos Correios) ou pelo telégrafo. O pacote enviado por Estevam Coimbra (primeiro chefe da AIB em Ponta Grossa) a Adélio Ramiro de Assis (chefe da AIB em Teixeira Soares) em 04 de fevereiro de 1935 evidencia os contatos entre integralistas desses municípios. É bem provável que levasse material de propaganda do sigma utilizado antes da fundação do núcleo local.<sup>29</sup>

Com pouco mais de três meses de divulgação da doutrina, os integralistas teixeirassoarenses fundaram o núcleo local. A instalação tardou, mas não falhou. Sobre a fundação desse núcleo o jornal *A Razão* noticiou:

#### TEIXEIRA SOARES

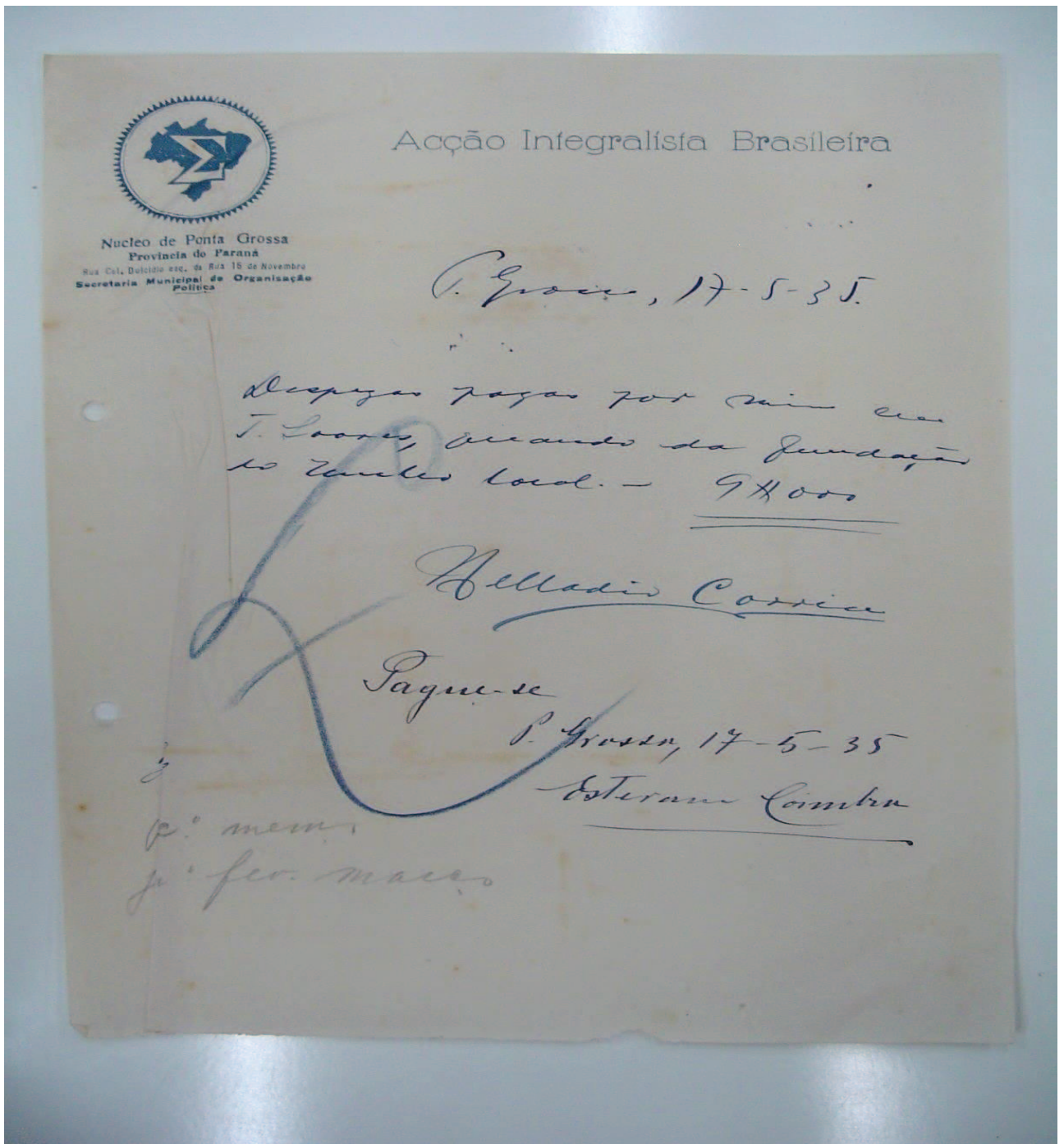
Vae em franco desenvolvimento o núcleo integralista de Teixeira Soares. Fundado que foi, nos últimos dias do mez próximo passado, tem recebido grande numero de adhezões, sendo que conta actualmente com 160 companheiros inscritos. (A RAZÃO, nº 14, 05/08/1935, p. 4).

A nota evidencia que, com a fundação do núcleo, o Integralismo rapidamente se

<sup>29</sup> Despacho nº 178 feito pelo Senhor Estevam Coimbra de um pacote filme a Teixeira Soares. Ponta Grossa, 04/02/1935. Disponível no Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais. Documento: 0117, 2.b.

legitimou no município. Oficialmente instalados, os verdes poderiam coordenar suas ações sob tutela e protocolos da Chefia Provincial e Nacional, como informa o registro integralista.

Figura 1: Comprovante de despesas pagas na fundação do núcleo de Teixeira Soares  
17/05/1935.



Transcrição: "Ponta Grossa, 17/05/1935. Despesas pagas por mim em Teixeira Soares, quando da fundação do núcleo local. 9#000. Helladio Correia. Pague-se. Ponta Grossa, 17/05/1935 -

Estevam Coimbra” Fonte: Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais. Documento: 0169.

Em meados de 1935, o núcleo de Teixeira Soares iniciava sua expansão distrital, confirmando as expectativas dos camisas-verdes. Na fundação do subnúcleo de Fernandes Pinheiro<sup>30</sup>, em 07 de julho de 1935, tomaram a palavra os integralistas pontagrossenses: Estevam Coimbra (primeiro chefe do núcleo de Ponta Grossa), João Cecy Filho (diretor da Revista Integralista *Brasil Novo*), Pedro Rodrigues Martins (engenheiro da prefeitura de Teixeira Soares) e Nicolau Meira de Angelis (professor da Escola Normal de Ponta Grossa). Considerando o perfil de Meira de Angelis inferimos que os temas de seu discurso foram a vida moralizada, valores cristãos e regeneração dos bons costumes.<sup>31</sup> Palavras que soaram como música para ouvintes católicos. Talvez até mesmo, para não católicos.

A inauguração do subnúcleo teve a presença dos moradores e foi prestigiada por autoridades municipais. Inscreveram-se 14 novos membros, resultado aclamado pelos integralistas e creditado ao Chefe Municipal Adélio Ramiro de Assis que, segundo os integralistas, “tem sido de uma actividade extraordinária, pois não tem se limitado a coordenar elementos na cidade”. (A RAZÃO, nº 14, 05/08/1935, p. 4).

Não há indícios de um coordenador em Fernandes Pinheiro. Provavelmente, os distritos ficavam subordinados ao chefe municipal e aos militantes da cúpula integralista. Apesar da distância entre as sedes, isto não impedia o contato entre os verdes.

Desde o início das atividades do sigma em Teixeira Soares, alguns personagens se

---

<sup>30</sup> Distrito do município de Teixeira Soares. Era uma localidade movida pela passagem da ferrovia e exportação de erva-mate e madeira. Um dos líderes locais era Alberico Xavier de Miranda, agricultor, e exportador de madeira e erva-mate. Possuía terras, serraria e muitos trabalhadores a seu serviço. Alberico era irmão de Renato Xavier Miranda (simpático à AIB), que escondia os documentos da AIB de Irati em sua residência, quando da perseguição do Estado Novo. Havia uma estação ferroviária em sua propriedade para facilitar o escoamento de sua produção, além de capela, barracão e casas para funcionários. Sua casa, atualmente conhecida como “Palácio do Pinho”, foi construída no início do século XX com pinho, imbuia, canela preta, sassafrás e ipê, madeiras nobres nativas da região, atualmente em vias de extinção. Seus salões foram revestidos com lambris, com forros e escadas emolduradas destacando-se na arquitetura paranaense por suas características europeias. Em 1995 o distrito emancipou-se de Teixeira Soares como município de Fernandes Pinheiro, criado através da Lei Estadual nº 11266.

<sup>31</sup> Na década de 1920 Nicolau Meira de Angelis foi professor da Escola Normal de Ponta Grossa. Segundo Chaves (2011, p. 96) “A principal missão dos educadores de então era a de combater os comportamentos desviantes”, preocupação explícita em um discurso de Meira de Angelis datado de 1927, intitulado: Pela perfeição da raça brasileira. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Curitiba, 1927. Brasília: INEP, 1997, p. 73. Sobre essa tese Abreu, Carvalho e Guimarães (2008, p. 4) afirmam: “Nicolau Meira de Angelis se refere aos problemas causados pela sífilis: perturbação no crescimento, deformidades ósseas, raquitismo da prole... imbecilidade, neurastenia, epilepsia, demência... monstruosidade e envelhecimento precoce. E termina citando o médico Renato Kehl: fealdade = sífilis”. Além de educador, podemos inserir Meira de Angelis no rol dos pensadores eugenistas do início do século XX como Renato Kehl e Belisário Penna que, assim como Angelis, participaram ativamente do movimento integralista.

destacaram: Adélio Ramiro de Assis, Pedro Rodrigues Martins, Osmar Ramiro de Assis, João Molinari Sobrinho e João Baptista Gubert. Eles se empenharam nos propósitos iniciais do movimento no município como a organização e reunião do maior número de adeptos.

Notamos que além das conferências e sessões doutrinárias nos núcleos e subnúcleos, como Fernandes Pinheiro, as confraternizações foram frequentes na trajetória do sigma local. Exemplo disso foi a comemoração do primeiro aniversário da Ação Integralista Brasileira no Paraná, em 23 de julho de 1935. Naquele dia os integralistas ofereceram suculenta churrascada aos teixeirassoarenses:

compareceram envergando a gloriosa Camisa do sigma, perto de dusetos integralistas. Tomaram parte no festival, pessoas de grande destaque social, notando-se entre ellas as altas autoridades Municipais. Mais uma vez, Teixeira Soares, vem mostrar que apesar de pequeno em território, é grande em Patriotas! (A RAZÃO, nº 14, 05/08/1935, p. 4).

Apesar da recente instalação do núcleo, a AIB atraiu a atenção das autoridades municipais e da população em geral. Atividades lúdicas como as churrascadas eram formas estratégicas de atrair pessoas ao movimento. Eram momentos propícios para anunciar a doutrina e fazer novos prosélitos locais. Mais que mera informação sobre um evento corriqueiro, a nota do jornal trazia a perspectiva de mudanças: a entrada do sigma na política em Teixeira Soares.

São diversos os aspectos relacionados às dinâmicas cotidianas internas do movimento. Assim, observaremos fatores relevantes do crescimento integralista em Teixeira Soares.

## 1.2 JORNAIS, COMÍCIOS E CHURRASCADAS: A PROPAGANDA DO SIGMA

A propaganda foi imprescindível para a AIB em âmbito nacional, estadual e local. Os integralistas utilizaram estratégias distintas, mas uma das formas mais comuns e eficazes foi a mídia impressa. Tanto jornais com circulação local e regional como *A Razão* e periódicos integralistas de alcance nacional como *A Offensiva*.<sup>32</sup>

A AIB de Ponta Grossa e Guarapuava dispunham de jornais locais como o *Brasil*

---

<sup>32</sup> *A Offensiva* foi o jornal mais expressivo da AIB, editado no Rio de Janeiro. Circulou em todo o Brasil entre 1934 a 1938. No início, era um jornal semanário, a partir de 1936 tornou-se diário.

*Novo e Revista Invicta*<sup>33</sup>, *Brasilidade e Folha do Oeste*, respectivamente. Na ausência de um jornal local, os verdes teixeirassoarenses utilizavam a imprensa estadual e nacional na difusão político-ideológica da AIB, além de empregarem outros meios para divulgar a doutrina e arregimentar militantes. Seguindo os protocolos da cúpula nacional, os líderes municipais deviam assinar mensalmente os periódicos integralistas com objetivo de homogeneizar a doutrina entre os verdes.

Para a historiadora Rosa Maria Feiteiro Cavalari (1999, p. 79) a imprensa integralista visava atualizar e popularizar o “corpus teórico” do sigma junto aos militantes de maneira uniforme, ou seja, além de veicular as ideias integralistas, era importante que isso ocorresse homogeneamente em todos os periódicos, em conteúdo e forma. Plínio Salgado e os integralistas eram hábeis em traduzir conceitos e teorias em textos de leitura acessível aos militantes da AIB e a leitores em geral. Suas publicações podiam ser adquiridas livremente por qualquer pessoa em bancas de jornal, sem a necessidade da assinatura mensal exigida aos chefes da AIB. Essa facilidade de acesso e disponibilidade de suas publicações era uma das estratégias de difusão do Integralismo. É possível que, muitos curiosos engrossaram o movimento a partir desses impressos.

Em Teixeira Soares, foram designados como agentes do jornal *A Razão* os integralistas Osmar Ramiro de Assis (para a sede do município) e Albino Blitzkow (no distrito de Fernandes Pinheiro). Estavam encarregados de divulgar o periódico na sociedade e obter novos assinantes. Além de disseminar os desígnios da ideologia integralista com textos do chefe nacional e da alta cúpula da AIB, o jornal *A Razão* noticiava a instalação de novos núcleos, eventos, conflitos, posturas internas referentes à política internacional, ao fascismo italiano e ao nazismo na Alemanha. Reservava também espaço para publicidade, geralmente de produtos brasileiros, afiançando assim sua defesa da produção nacional. O primeiro número do jornal, publicado no Dia do Trabalho em 1935, destacava marcas de farinha que continham trigo brasileiro.

---

<sup>33</sup> A Revista *Invicta* era dirigida por João Cecy Filho (Agente do jornal *A Razão* em Ponta Grossa) e Vulmeron Borges Marçal. Contava com colaborações de universitários integralistas do Paraná e Santa Catarina. (A RAZÃO, nº 23, 07/10/1935, p. 3).

Figura 2: Anúncio de marcas de trigo nacional.



Fonte: A RAZÃO, nº 1, 01/05/1935.

Além de defender o nacionalismo econômico integralista através das marcas de farinha com trigo nacional e o “dever” de preferi-las, entre outras marcas, certamente de trigo importado, a propaganda se apresentava simbolicamente. Os brasileiros deviam consumir produtos nacionais, incluindo ideias políticas. Quem poderia fornecê-las? O Integralismo.

Além da mídia impressa, jornais e panfletos, a persuasão ‘boca a boca’ foi o meio mais utilizado pelos militantes da AIB em Teixeira Soares. Notícias envolvendo os camisas-verdes corriam o tecido social, nas esquinas, bodegas, casas e rodas de chimarrão.



Os comícios e churrascadas promovidas pelos integralistas (financiadas pelos mesmos) eram abertos a todos que desejassem comparecer, mostrando que o movimento e suas atividades não eram exclusivos para seus filiados. Essa busca pela ‘integração’ dava o tom do discurso verde que pautava o cotidiano social do movimento em Teixeira Soares.

Assim, a AIB pretendia criar no município uma ‘nova política’, utilizando diferentes maneiras para mobilizar a população. Havia particularidades nos discursos e nas práticas da Ação Integralista Brasileira que seduziram milhares: ritualização da política, uso do uniforme, insígnias, bandeiras, gestos e palavras como a saudação fascista e os desfiles. Elementos que compunham uma linguagem simbólica e uma estética comum ao movimento, revelando o sentimento de pertencimento a um grupo, forte e coeso, pelo menos em suas manifestações públicas.<sup>34</sup> Sobre a utilização discursiva de imagens enquanto recurso de auto-representação, Alcir Lenharo afirma que: “o apelo imagético visa demarcar uma identidade cultural própria, manter uma distância preventiva e guarnecer a aura de mistério” (1986, p. 169). Os fascismos eram hábeis em transformar conceitos e teorias em linguagem codificada, como símbolos, gestos e palavras que se propagavam como uma onda.

O desejo dos integralistas em conquistar a receptividade da população para o movimento levou os estrategistas locais a explorarem diferentes meios para difundir os preceitos do sigma. Os verdes não se restringiram apenas ao espaço público com seus desfiles e comícios, mas levaram sua doutrina aos espaços privados nas visitas às casas de amigos e parentes:

A repercussão do Integralismo aqui foi muito grande porque era um lugar pequeno, com poucas famílias, praticamente todas aparentadas. Lugar pequeno, sempre tem um parente pelo meio. Então, a turma aderiu assim valendo! Faziam reuniões, debatiam o ideal e as propostas do movimento e também desfilavam pelas ruas, as famílias inteiras, o pai, a mãe, as crianças, todos uniformizados. Tudo isso tinha uma simbologia. O lema deles era Deus, Pátria e Família, eles achavam que a sociedade brasileira devia escorar-se nestes três pilares. Eles tinham essa parte religiosa bem assentada. Naquela época a maioria aqui era católica, poucos protestantes. Era uma boa proposta. Muito disso baseado no fascismo, isso foi um fator que manchou esse partido. Como na maioria do Paraná,

---

<sup>34</sup> Gonçalves e Vieira destacam que: “a corporificação da doutrina integralista se deu através da adoção de uma vestimenta de caráter simbólico e unificador que chamamos de “traje integralista”. Nele e em seus elementos estruturais estão contidos todo o autoritarismo e a rigidez do movimento que teve início em 1932. Manter a força da ideologia, do norte ao sul do país, foi uma tarefa árdua para os dirigentes do partido. Portanto, se fez necessário tecer uma teia de ligações que uniformizassem os membros, gerando, assim, uma coesão ideológica”. (GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel Mendes. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira. CES Revista, v. 24. Juiz de Fora/MG, 2010, p. 197).

aqui na época havia muitos imigrantes italianos, a maioria das famílias. Claro que também tinha poloneses e bem mais tarde alemães. Então a maioria era de descendentes de italianos e absorveram aquilo com muita disposição, era um dos motivos de muita repercussão aqui. Mas, por exemplo, meus avós Joaquim Ferreira Neves, eles eram bem brasileiros, descendentes de português, mas também aderiram com muita alegria e felicidade. E assim, praticamente, na época só a família do meu pai que não participava quando vinham na casa dele convidar. Minha mãe era italiana e por causa disso, eles [os integralistas] achavam estranho dela não aderir. (NEVES, Rosy Gubert. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 03/01/2014, 4 min).

Ao considerarmos a propaganda do sigma é necessário enfatizar que a AIB possuía um aparato de mídia impressa e uma militância estratégica, orientada para disseminar e solidificar seus ideais entre os próprios integralistas e habitantes locais, ocupando espaços públicos e privados, utilizando as relações de parentesco e amizade para conseguir maior número de adeptos e simpatizantes.

### **1.3 PERFIS DE MILITANTES E A QUESTÃO ÉTNICA**

Em diferentes ocasiões, a historiografia sobre a Ação Integralista Brasileira se utilizou de certos argumentos para explicar o fenômeno da adesão ao movimento. Lembremos a questão étnica, o discurso católico e as condições político-econômicas adversas com o fracasso do modelo liberal democrático e o temor da ameaça comunista.

A questão étnica é um dos fatores explicativos mais complexos para compreendermos a expansão do movimento, considerando os limites das fontes disponíveis para a pesquisa. Por vezes, o tema é utilizado para afirmar ou negar o sucesso do movimento integralista em áreas de colonização italiana e alemã. No caso de Teixeira Soares destacamos a impossibilidade de mapear e mensurar a inserção étnica de todos os integralistas também em função da limitação das fontes e a escassez estatística sobre a imigração no município. Consideramos, no entanto, que breve debate acerca do fator étnico ajuda a compreender como um movimento que pregava a integração e a valorização da brasilidade foi aceito e recebido em uma sociedade plural, econômica e etnicamente, além de marcadamente rural. A análise baseada em uma “amostra” possibilita comparações com outros núcleos paranaenses.

Para o historiador René Gertz, pesquisador dos fascismos e do Integralismo no Brasil:

[...] naquilo que tange à expansão do Integralismo no sul do Brasil, minha posição é a de que ele pode ser explicado, muito satisfatoriamente, através de variáveis universais, sem necessidade de recorrer à variável específica, a

étnico-cultural, a qual muito mais atrapalha que explica. (GERTZ, 2012, p. 7).

Gertz estudou o Integralismo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Estados de significativa imigração italiana e alemã. Concluiu que a adesão ao movimento integralista nessas áreas não ocorreu de forma ‘automática’ ou ‘natural’ devido à presença de italianos, alemães e descendentes, contrariando o senso comum e alguns historiadores que embarcaram na ideia de que o Integralismo foi um possível disfarce às atividades fascistas no país. Nesse aspecto, seus estudos demonstram que é necessário considerar diversas variáveis para interpretar o fenômeno integralista, não apenas o reducionismo do quesito étnico, bastante frágil.

Concordamos com Gertz que não devemos reduzir a análise a variáveis tão específicas para compreendermos a expansão integralista. Porém, consideramos que a variável étnica, aliada a outras análises, pode contribuir para compreendermos, senão o sucesso integralista em determinadas localidades, ao menos as lutas e rupturas entre e dentro dos próprios grupos étnicos. Isso permitirá sustentar argumentos posteriores no trabalho e refutar definições generalizantes sobre o movimento, como a de que a inserção nas fileiras do sigma teria sido maior entre italianos, alemães e seus descendentes.

Um dos que contestam a variável étnica sobre a questão da adesão as fileiras integralistas é Josênio Parente (1986). Em seu estudo o historiador estendeu a discussão do Integralismo para o Nordeste onde a presença dos imigrantes era restrita. A peculiaridade de seu trabalho está centrada na relação do sigma com o movimento operário e a Igreja Católica, ali caracterizada pela Legião Cearense do Trabalho (LEC). Esse é outro argumento a reforçar a ideia de que o Integralismo não se atrelava a certos grupos étnicos, ou que isso seria mais evidente nos Estados do sul e sudeste. Mesmo distante do sul e do ‘centro’ de difusão do sigma, São Paulo e Rio de Janeiro, muita gente no Ceará vestiu a camisa verde e abraçou os ideais integralistas.

Em seu estudo sobre a Ação Integralista Brasileira no Paraná, Athaides chegou a algumas conclusões sobre a questão étnica:

a presença de descendentes de imigrantes na Província do Paraná foi de fato importante, muito embora os números não nos permitam afirmar que o grupo politicamente ativo da AIB seja de maioria imigrante ou descendente. Os dados da DOPS apresentam um percentual um pouco maior de sobrenomes alemães, mas são de pouca confiabilidade para o período estudado, uma vez que foram produzidos no contexto da Segunda Guerra, auge da caça aos “alemães 5ª colunas”. Ademais, muitos nomes e sobrenomes estrangeiros não significam muita coisa, quando gerações da família já se encontravam

perfeitamente ‘abrasileiradas’ (apenas um estudo concreto das origens familiares dos militantes com nomes estrangeiros poderia ser revelador nesse sentido). Ainda assim, não é desprezível o fato de que, assim como nos outros Estados do Sul, a porcentagem de ‘alemães’ ingressos na Província da AIB seja superior em cerca de 13% a da proporção de ‘alemães’ na sociedade paranaense (aproximadamente 12,1%). (ATHAIDES, 2012, p. 170-171).

Athaides verificou que na Província<sup>35</sup> do Paraná a maioria étnica predominante entre os “militantes ativos” do sigma eram de origem luso-brasileira, com os alemães em segundo lugar e os italianos em terceiro.<sup>36</sup> Reconhecendo os limites das fontes para a análise étnico-cultural o autor observa que “a despeito desses resultados, estudos localizados seriam extremamente profícuos e poderiam contrariar essa tendência geral, em que os luso-brasileiros predominam na Província” (ATHAIDES, 2012, p. 172).

Como faltam estatísticas sobre a difusão do Integralismo nos diversos municípios paranaenses elaboramos uma tabela parcial com nomes de integralistas de Teixeira Soares e sua respectiva descendência. A tabela foi elaborada a partir de fontes distintas como jornais, telegramas, fichas individuais da DOPS, fotografias, atas da câmara municipal de Teixeira Soares e depoimentos orais. Essa documentação informa os nomes da ‘cúpula’ integralista municipal e de militantes que se candidataram aos cargos de vereador e juiz de paz pela legenda do Partido Integralista.

Apresentamos na tabela 1, o perfil profissional e étnico dos camisas-verdes teixeirassoarenses, que participaram em algum momento do movimento no município:

Tabela 1: Integralistas de Teixeira Soares - Classificação profissional e origem étnica<sup>37</sup>

NOME	PROFISSÃO	ETNIA <sup>38</sup>
João Molinari Sobrinho	Industrial do mate e madeira	Italiano
Pedro Rodrigues Martins	Engenheiro técnico da prefeitura	Luso-brasileiro

<sup>35</sup> As províncias eram subdivisões nacionais feitas pelos integralistas, e correspondiam aos Estados.

<sup>36</sup> Mais informações sobre a adesão dos integralistas paranaenses e a questão étnico-cultural ver, especialmente, o subitem 3.3 intitulado: “Adesão e feição social” de: ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*, 2012. 297 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.

<sup>37</sup> Tabela elaborada pelo autor. Fontes: artigos da imprensa integralista, Ata da Câmara Municipal de 21 de março de 1936 a 11 de novembro de 1937, telegramas, fotografias e entrevistas.

<sup>38</sup> Neste trabalho a classificação étnica se refere aos sobrenomes segundo sua descendência e não leva em conta a percepção subjetiva destes atores.

Adélio Ramiro de Assis	Contador	Luso-brasileiro
Osmar Ramiro de Assis	Contador	Luso-brasileiro
Ercílio Ramiro de Assis	Juiz Distrital	Luso-brasileiro
João Negrão Junior	Industrial da madeira e mate / Comerciante de armazém	Luso-brasileiro
João Baptista Gubert	Industrial da madeira e mate / Comerciante de armazém	Italiano
João Nicoletti Daros	Funcionário público – Secretário da Prefeitura	Italiano
Jesuíno Alves de Brito <sup>39</sup>	Coletor Estadual	Luso-brasileiro
João Ribeiro dos Reis	Exportador de mate	Luso-brasileiro
Waldemar Pabis	?	Polonês
Aloisius Baumel	Alfaiate	Alemão
João Baptista Daldin	Contador	Italiano
Aristeu Santos Andrade	Dono de armazém em Diamantina	Luso-brasileiro
Antônio Fogaça	?	Luso-brasileiro
Afonso Tomáz	Fabricante de Café	Luso-brasileiro
Ricardo Marquardt	Padeiro em Diamantina	Alemão
Antônio Honório dos Santos	?	Luso-brasileiro
Emílio Gonçalves de Freitas	?	Luso-brasileiro
Luiz Clevés de Bonfim	?	Luso-brasileiro
Augusto Daros	Comerciante de tecidos em Fernandes Pinheiro	Italiano
João Baptista Turra	?	Italiano
Joaquim Pires	?	Luso-brasileiro
Joaquim Ferreira Neves	Dono de armazém	Luso-brasileiro

<sup>39</sup> Jesuíno Alves de Brito foi candidato a vereador pelo PSD nas eleições municipais de 1935. Porém, em 1936 seu nome apareceu como candidato a Juiz de Paz pela Ação Integralista Brasileira e em alguns telegramas no jornal *A Offensiva* do Rio de Janeiro. Após a vitória integralista nas urnas houve uma grande adesão à AIB na cidade. Essa “esverdeada” em Teixeira Soares pode ter inspirado alguns políticos locais a embarcarem no vagão do sigma.

Nolvidor Prohmann	?	Alemão
Albino Blitzkow	?	Alemão

Pelas informações da tabela 1 verificamos que em Teixeira Soares predominavam luso-brasileiros entre camisas-verdes. Nada mal para um movimento nacionalista brasileiro. Do total, os luso-brasileiros eram 57,5%, italianos 27,5% e alemães 15%. Aqui enfatizamos que eram descendentes de alemães e italianos na maioria. Mesmo que falassem a língua dos pais ou avós eram brasileiros natos de maneira que muitos não se viam como italianos ou alemães. Visto dessa maneira, a porcentagem dos brasileiros no movimento era ainda mais confortável. A constatação de Athaides não é equivocada. Apesar da ausência de estatísticas sobre a difusão do Integralismo em Teixeira Soares e demais municípios paranaenses esta breve reflexão corrobora a predominância luso-brasileira entre os integralistas no Paraná. Ainda assim, isso não esgota a questão. Os documentos que forneceriam informações precisas sobre quais grupos étnicos tiveram maior inserção no movimento e em que proporção, seriam as fichas individuais de registro dos filiados aos núcleos locais. Alguns materiais de propaganda e de inscrição no núcleo local foram destruídos pelos próprios integralistas por medo da perseguição policial<sup>40</sup> e as fichas de membros da AIB-TS foram confiscadas pela polícia varguista na repressão ordenada pelo interventor Manoel Ribas<sup>41</sup>. É possível que documentos e demais objetos integralistas escondidos naqueles dias venham a ser encontrados em porões, sótãos e baús empoeirados.

Sobre as relações étnicas em Teixeira Soares, vejamos o que diz Rosy Gubert:

Visitavam e convidavam meus pais para entrar no integralismo. Até meu pai era bastante hostilizado por causa disso, minha mãe era descendente de italianos: eram Perreto, Borgo, então minha mãe sempre dizia que **“era italiana nascida no Brasil”**. E eles [os integralistas] achavam estranho que ela por ser italiana não aderir. Meu pai nunca gostou desses extremismos, desses fanatismos. Ele dizia: “não gosto desses fanatismos, nem em religião, política ou ideologia. (NEVES, Rosy Gubert. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 03/01/2014, 5:40 m).

<sup>40</sup> Segundo Nice Oliza Walenga, seu pai Lourenço Serenato era integralista. Como muitos de seus familiares e amigos, Serenato queimou seus materiais integralistas, entre eles a camisa verde, jornais e carteirinha de filiação ao núcleo local para não se comprometer durante a repressão em 1938. Agradeço essa informação a meu amigo Fabiano Geros.

<sup>41</sup> Sobre a repressão aos integralistas no Paraná, Pereira afirma: “o primeiro período de repressão desenfreada aos integralistas teve início no Paraná, após os eventos que circundam as malogradas ‘intentonas’ integralistas em âmbito local”. [...] “O segundo período se estabeleceu juntamente com a ‘caça aos nazistas’, quando alguns integralistas, descendentes de alemães, foram ‘convidados’ a se apresentarem à DOPS após o rompimento do Brasil com os países do Eixo (janeiro de 1942)”. (PEREIRA, 2013, p. 6).

De acordo com Rosy Gubert, sua mãe, mesmo italiana, não aderiu ao movimento. Isso revela que muitos descendentes de italianos se consideravam inseridos na nação brasileira não havendo motivações "naturais", portanto, para aderir a um movimento com influência estrangeira. Entre outros aspectos, o que chama mais atenção nessa fala é o estranhamento por parte dos integralistas pelo fato de uma italiana não ser integralista. O que isto pode significar? Que os integralistas tinham certa afeição pelo fascismo europeu e consideravam que a adesão ao Integralismo por parte dos italianos e estrangeiros deveria ser “natural”?

Havia certo estranhamento com a não adesão ao movimento por parte dos descendentes de italianos como a mãe de Dona Rosy. Afinal, a adesão dos descendentes italianos era vista como "natural" pelos verdes locais que associavam a origem étnica, entre outros pontos, à motivação para unir-se às fileiras do sigma. Entretanto, a origem étnica não pode se colocar como único argumento explicativo para o avanço do Integralismo em Teixeira Soares. Se o sigma atraiu muitos italianos e descendentes, atraiu também poloneses, alemães e luso-brasileiros que se filiaram ao movimento.<sup>42</sup> De acordo com Rosy Gubert, sua mãe, mesmo italiana, não aderiu ao movimento. Isso revela que muitos descendentes de italianos e de outras nacionalidades se consideravam inseridos na nação brasileira não havendo motivações "naturais", portanto, para aderir a um movimento com influência estrangeira.<sup>43</sup>

O Fascismo italiano e o Integralismo não mediram esforços para tentar atrair os italianos e seus descendentes para suas fileiras, apesar de disputarem um mesmo público alvo, ambos os movimentos mantiveram uma relação de solidariedade ideológica, como apontou o João Fábio Bertonha em seu artigo “Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil” (2001). Bertonha afirma que:

Os descendentes de italianos, influenciados por esse contexto político nacional, por seus próprios e específicos problemas de aceitação na sociedade brasileira como filhos de imigrantes e pelo clima geral de apoio às idéias de extrema direita suscitado pela propaganda italiana, poderiam ter sido cooptados pelos fascios, mas acabaram, dada a sua aculturação e desejo de serem vistos como brasileiros e de participar efetivamente da política brasileira, por aderir à Ação Integralista. (BERTONHA, 2001, p. 95).

---

<sup>42</sup> Consideramos a origem étnica a partir da análise dos sobrenomes das pessoas. Tema a ser abordado adiante.

<sup>43</sup> Em seu estudo sobre o *Fascismo no Sul do Brasil* (1987) Rene Gertz aborda temas como germanismo, nazismo e integralismo, questionando a historiografia que avaliava apenas a questão étnica para explicar os fatores de adesão ao movimento integralista. Gertz destaca que as relações entre alemães e integralistas não foram cordiais nos Estados do sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Porém, com um olhar mais atento, notamos que os descendentes de italianos que já se consideravam inseridos na sociedade brasileira não eram unânimes quanto ao sigma. Este pode ser apenas o caso da família da mãe de Rosy, Perreto e Borgo, mas reforça o argumento de que a variável étnica não deve ser colocada em primeiro plano ao se analisar a adesão ao Integralismo.

Como o Integralismo alcançou grande adesão em Teixeira Soares, observamos que o fato de não ser integralista muitas vezes gerava hostilidades e estranhamentos por parte dos verdes que se sentiam fortalecidos e ‘donos do pedaço’.<sup>44</sup> Se receberam militantes encantados pela propaganda do sigma, se depararam também com muitas recusas em seus esforços doutrinários. Caso pudessemos perguntar a um integralista daquela década sua opinião sobre os não simpatizantes do movimento, por certo teríamos respostas genéricas indicando que eram comunistas ou não compreendiam os ideais da AIB.

É possível que a presença integralista no município tenha criado limites dentro um mesmo grupo étnico, no caso, os italianos. Sobre as fronteiras entre os grupos, Barth ressalta:

Em primeiro lugar, é evidente que os limites persistem apesar do trânsito pessoal através deles. Em outras palavras, as distinções étnicas categóricas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato ou informação, ao contrário, envolvem processos sociais de exclusão e de incorporação em que categorias discretas são mantidas, apesar de alterar a participação e adesão no decorrer das histórias individuais. Em segundo lugar, demonstra-se que certas relações estáveis, persistentes, e muitas vezes importantes, sociais são mantidas acima dos limites e muitas vezes são baseados precisamente no estado étnico, na dicotomia. Em outras palavras, as distinções étnicas não dependem de uma falta de interação social e aceitação, pelo contrário, é geralmente a base sobre a qual os sistemas sociais são construídos que eles contêm. Em um sistema social, a interação não leva à sua liquidação, como resultado da mudança e aculturação, as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência. (BARTH, 1976, p. 9-10).

---

<sup>44</sup> Em 1938 quando teve início a repressão da polícia varguista aos camisas-verdes, vários integralistas foram presos incluindo os principais líderes locais, o chefe do núcleo Adélio Ramiro de Assis e o ex-prefeito integralista João Molinari Sobrinho. Conta Sr. Vilico, que era amigo de Adélio Ramiro e trabalhava tirando lenha para a família Molinari: “O chefão, todos foram pra cadeia, os chefes do integralismo e acabaram com o integralismo aquela vez lá. Não se criou o integralismo no Brasil, porque se o Plínio Salgado criasse como ele queria, ele tirava o Getúlio de lá, só que não deu como ele pensava. Prenderam o chefe do integralismo que era o Adélio Ramiro e outros caras aí, “cabocros burros” que quiseram “dá uma de bão” também foram pra cadeia, diziam: “porque eu sou integralismo, eu jurei a bandeira”. Possivelmente, pela proeza de eleger um prefeito, os integralistas se sentiram fortalecidos após as eleições. Por quase dois anos com o prefeito e maioria da câmara ao seu lado, os camisas-verdes ganharam reconhecimento e simpatia na sociedade. Essa situação contribuiu para atrair novos membros para o movimento, por convicção, medo ou conveniência. Esse domínio político e o crescimento do número de militantes locais fizeram com que os integralistas se sentissem à vontade e verdadeiramente “donos do pedaço”.



O advento do sigma criou fronteiras identitárias políticas dentro de um grupo étnico, nesse caso, italianos integralistas e não integralistas. Dessa maneira, é possível compreender como um grupo buscou representar o seu “outro” (BARTH, 1976). O Integralismo em uma pequena cidade do interior paranaense representou uma ruptura. Temos a imagem de uma comunidade dividida na política, nas relações pessoais e de amizade. Estas fronteiras não obstruíram a interação entre as famílias, mas interpuseram distinções dentro do grupo que poderiam ser transpostas a qualquer momento. Bastava vestir a camisa do sigma ou tirá-la.

Para estabelecer a diferença entre "nós" e "eles", os integralistas usavam sua parafernália simbólica: camisa verde e gravata preta, braçadeira com o sigma, a saudação anauê, entre outras insígnias. A disciplina, o discurso anticomunista e o respeito à hierarquia eram outros elementos distintivos.

Por outro lado, apelidos e estereótipos marcavam as diferenças. Os integralistas eram chamados de sigmáticos, sigmóides, fascistas e fanáticos. Assim, as fronteiras étnicas que separavam os de origem italiana, polonesa, alemã e luso-brasileira, se redefiniam em fronteiras ideológicas entre os próprios italianos e demais grupos. O Integralismo atraiu e reuniu em suas fileiras descendentes de diferentes etnias e, como vimos, não foi unanimidade entre os italianos. Entre os italianos que não aderiram ao Integralismo estavam José Brustolin, Gavert N. Branco, Ludgero Borgo e Flodoaldo Branco.<sup>45</sup>

Com a chegada do Integralismo em Teixeira Soares, comunidade marcada pela diversidade cultural e política, foram delineadas novas fronteiras na localidade. Através dos depoimentos e mapeamento dos nomes de integralistas e não integralistas, notamos que entre 1935 e 1938 ocorreram cisões no município. Étnicas e políticas, amalgamando desconfortos e conflitos, motivados pelas distintas filiações partidárias.

#### **1.4 PAISAGENS VERDEJANTES: ERVAIS, ARAUCÁRIAS, CAMISAS**

Para compreendermos a conjuntura da cidade na fase embrionária do sigma e seu ajuste à dinâmica política local, fator que favoreceu sua propagação, é importante expormos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais da década de 1920 e início da década seguinte.

---

<sup>45</sup> Estes nomes foram citados na Ata da Câmara Municipal do dia 03 de abril de 1936, p. 26. Pertenciam ao Partido Social Democrático (PSD), opositor da Ação Integralista Brasileira e situacionista em Teixeira Soares e em diversos municípios do Paraná nos anos 30. Um dos seus líderes era o político Líbero Nunes (interventor municipal em 1935).

A cidade de Teixeira Soares, antiga Boa Vista<sup>46</sup>, foi elevada à categoria de município com a denominação de Teixeira Soares pela lei estadual n.º 1696, de 26 de março de 1917, desmembrado de Ponta Grossa. O novo município possuía uma sede e dois distritos: Teixeira Soares (sede), Diamantina (atual distrito de Angaí) e Fernandes Pinheiro (atual município homônimo) (IBGE, 2013).<sup>47</sup>

Entre os primeiros moradores estão nomes como Bernardes, Dias, Neves e Nunes, considerados de famílias fundadoras. Entre as “tradicionalistas”: Negrão, Correia de Sá, Macedo, Gubert, Molinari, Baumel, Amâncio dos Santos, Fogaça, Ribeiro, Oliveira Mendes e Witkoski. O primeiro prefeito eleito foi João Negrão Jr. e esteve no cargo de 14 de julho de 1917 a 21 de setembro de 1924. Francisco Adyr Gubert Filho informa que entre 1917 e 1935 a cidade teve os seguintes prefeitos: João Negrão Jr., Carlos Ribeiro de Macedo; Domingos Molinari; Manoel Ogero Dias; Manoel Pereira Marques; João Baptista Gubert; Líbero Sant’Ana Nunes e o Tenente Palmiro Gomes de Oliveira (GUBERT FILHO, 1989, p. 20-22). Foram eleitos de forma direta ou nomeados.

Além do fator político, aspectos socioeconômicos e culturais foram determinantes para as desenvolvimentos integralistas no município na década de 1930. É notório que apenas pessoas de posses e sobrenomes ‘ilustres’ vinculadas à elite se elegeram ou foram nomeadas para cargos públicos importantes. Essa característica da política nas pequenas localidades se relaciona à estrutura coronelística da “República Velha”, na qual as decisões eram centralizadas pela elite econômico-social, mediadas por uma política de compromissos. Isso viabilizava o controle direto e indireto do eleitorado e a manutenção do poder. (JANOTTI, 1992, p. 33).

Mais do que comportar membros da classe média, como geralmente destacada pela historiografia sobre a AIB (TRINDADE, 1979; BERTONHA, 2001), o Integralismo em Teixeira Soares abriu caminho para representantes de uma oligarquia desprestigiada politicamente, descontente com governo Vargas. Desse modo, mesmo exercendo em grande parte atividades profissionais ligadas ao comércio e prestação de serviços, os camisas-verdes mantinham fortes laços com grupos tradicionais da política local. Além dessa proximidade entre os integralistas e tais grupos políticos, verificamos que a AIB atraiu para suas fileiras

---

<sup>46</sup> Primeira designação do povoado de Teixeira Soares. Em 1896 chegaram à localidade Horácio Nunes (Pai de Líbero Nunes) e Joaquim Neves (Avô da Senhora Rosy Gubert), época em que se achava em construção a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e a estação ferroviária localizada na Vila de Valinhos (atual Guaraúna). Esses moradores ofereceram terrenos de suas propriedades para que a estação fosse construída em Boa Vista. A mesma foi inaugurada a 1º de janeiro de 1900 recebendo o nome do engenheiro João Teixeira Soares que a partir daquela data passou a denominar o povoado.

<sup>47</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=412700>

jovens novatos na política e na vida profissional. Em um prontuário da AIB no Arquivo da DOPS-PR encontram-se fotografias apreendidas de integralistas paranaenses. Nelas figuram integralistas desfilando em congressos, casamentos, escolas, consultórios odontológicos, enfermarias e ambulatórios móveis da AIB. Algumas registraram momentos de encontro entre camisas-verdes, como a seguinte:

Figura 3: Foto de integralistas de Teixeira Soares



Fonte: Pasta temática do Integralismo - DOPS/FOTOS – DEAP-PR Departamento de Arquivo Público do Paraná.

Mesmo sem informações sobre o local e as pessoas que compunham essa imagem no prontuário da DOPS-PR, foi possível identificar o segundo integralista em pé (da esquerda para a direita). Era João Molinari Sobrinho, filho de Domingos Molinari - industrial residente em Teixeira Soares, dono de serraria e sócio de João Baptista Gubert, o quarto integralista em pé (da esquerda para a direita) - também do ramo madeireiro. A identificação desses dois integralistas foi possível inicialmente pela comparação com fotografias de arquivos pessoais. Foram confirmadas por Rosy Gubert que reconheceu na imagem 3 o “Seu João Baptista” e “Joanim (João) Molinari”. Ela afirmou que tais personagens e suas famílias eram “fatia da sociedade”, devido ao seu prestígio político, econômico e social.

Nas imagens dos integralistas de Teixeira Soares apresentadas neste trabalho observamos uma diversidade etária. A AIB comportou jovens sem carreira política e ‘velhos’ políticos. Outra característica dos militantes teixeirassoarenses, a exemplo de integralistas de outras localidades, é que alguns representavam o papel de elite intelectual e desenvolveram intensa atividade doutrinária no município e cidades vizinhas. O engenheiro Pedro Rodrigues Martins, por exemplo, além de exercer sua profissão, escrevia para o jornal integralista *A Razão* e discursava em reuniões e congressos.

Sobre as relações entre a AIB e grupos políticos tradicionais, destacamos a influência local das famílias dos integralistas identificados na imagem 3. As famílias Gubert e Molinari eram proprietárias de grandes fazendas. Nelas havia extrativismo da erva-mate e madeiras nativas como araucária e imbuia, de grande valor comercial. A erva e a madeira extraída em Teixeira Soares eram comercializadas no mercado interno e externo. Essas mesmas famílias eram proprietárias de pequenas indústrias e serrarias que empregavam muitos trabalhadores. Os Gubert e Molinari praticamente monopolizavam a mão de obra local. Isso os colocava em posição privilegiada quando se tratava de decisões políticas, sobretudo quando envolvessem eleitores e votos.

Durante as décadas de 1920 e 1930, a organização econômica de Teixeira Soares foi pautada pela produção de madeira, mate e pelas indústrias relacionadas como serrarias e moinhos, além de atividades urbanas como casas comerciais, armazéns de secos e molhados, padarias, bodegas e comércio ambulante. Essas características definiram o poder político-econômico e as lideranças locais. Ao mesmo tempo em que eram patrões em suas serrarias e fazendas, ocupavam cargos públicos na prefeitura, câmara municipal, delegacia de polícia e juizado de paz. As relações sociais entre proprietários e trabalhadores se aproximavam das relações coronelísticas.

Deliberadamente ou não, Domingos Molinari (décadas de 20 e 30) desempenhava no contexto rural e semiurbano de Teixeira Soares seu papel de potentado local. Sua esposa Angelina organizava animadas reuniões para as senhoras da igreja católica. O filho João Molinari era integralista e trabalhava na serraria do pai como gerente. João era presidente da comissão da igreja e inserido no círculo religioso. Os atributos mais citados nos depoimentos associados ao sobrenome Molinari se referem à liderança local, à política e à riqueza da família por suas atividades e posses.

Domingos Molinari provinha da colônia Santa Maria do Novo Tirol, em Deodoro, atual Piraquara, próximo a Curitiba. Mudou-se para Teixeira Soares e ali se tornou sócio de Ernesto Gubert, filho de imigrantes tirolezes, procedente da mesma colônia. Não demorou e

Gubert se tornou genro de Molinari. Constituída a firma e o parentesco, instalaram escritório na sede do município e compraram terras na localidade de Bom Retiro, a 4 km da cidade. Na propriedade instalaram um armazém. Junto à administração da ferrovia São Paulo-Rio Grande, que passava por Teixeira Soares e pela fazenda, conseguiram concessão para fornecer lenha às locomotivas. Uma cartada decisiva.

Segundo Gubert:

Em 1918 instalaram a Serraria São Sebastião no km 66 da ferrovia, com desvio próprio destinado ao embarque de erva-mate, madeira e lenha. Em 1922 instalaram uma olaria, produzindo mensalmente cerca de 50.000 tijolos e telhas francesas de excelente qualidade. A firma era administrada pelos dois sócios, auxiliados pelo guarda-livros João Daldin, o auxiliar de escritório Vedolino Neves (que logo se tornaria também genro de Molinari) e pelos dois filhos: João Molinari Sobrinho (gerente da serraria) e Antonio Molinari (gerente do armazém).

Em 1923 a firma estava entre os maiores núcleos industriais do município e, na década de 50, seus sócios – Ernesto Gubert e Joaquin Molinari – eram contados entre as grandes fortunas do Paraná. (GUBERT, 1989, p. 86).

Os Molinari e os Gubert, em família, formaram uma diversificada rede de empresas das quais se destacavam a extração de erva-mate e madeira. Como conta o Sr. Vilico:

Os Molinari eram empreiteiros da rede [ferroviária] que colocavam lenha. Naquele tempo a [maria] fumaça carregava poucos vagões, dez, não carregava mais que dez vagões. E a fumaça comia lenha! Os Molinari fizeram contrato com a rede, de não deixar faltar lenha. Eles compravam lenha, mandavam cortar lenha, quer dizer, a caboclada cortava lenha e vendiam lá, puxavam tudo, daí vendia para os Molinari. De Ponta Grossa a União da Vitória eles tinham que por lenha. O problema é que em algumas partes não tinha bastante mato, aí tinha a estação onde havia lenha para combustível. Então eu trabalhei para os Molinari, quer dizer: eu coloquei muita lenha, cortava no mato dez metros de lenha. Colocava a lenha, empilhava, e quem fazia o pagamento era o Joanim [João] Molinari. Domingos Molinari era o pai do Joanim, e a gente tinha que colocar a lenha bem empilhadinha. Aquele que trabalhava no escritório, o Joanim Molinari era quem fazia o pagamento. A gente recebia apenas depois que a marcação vinha. A marcação vinha, marcava lenha e a gente já ia lá ao escritório receber o dinheiro. Aquele tempo era 6 mil réis, depois foi subindo, subindo. Eles faziam pagamento depois que eles marcavam. De repente, vinha a marcação apitando fino: FIUUUU. A gente escutava o apito da marcação e já ficava alegre, para ir receber. Às vezes acontecia que não dava pra pagar todas as contas e comprava fiado no bodegueiro. Eles ficaram ricos, o Joanim Molinari, o Domingos Molinari, que era o pai do Joanim e pai do Antonio Molinari. (SANTOS, Adelino Lopes dos. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 30/07/2013, 17 min).

Nas palavras do Sr. Vilico, que trabalhou para a família, é possível notar as relações

de trabalho estabelecidas entre os Molinari e aqueles que lhes prestavam serviços. A concessão de fornecimento de lenha para a ferrovia demandava muita mão de obra. Quando não cortavam a lenha com seus empregados, famílias de moradores das vizinhanças vendiam lenha para eles. Assim, empregavam muitos teixeirassoarenses, direta e indiretamente. Naquele momento, a principal fonte de renda local era o extrativismo da erva mate, da madeira e o fornecimento de lenha para a ferrovia. Esses produtos eram escoados pelos trens da São Paulo-Rio Grande. A importância desse meio de transporte marcou não só os assuntos políticos e econômicos da cidade, como também as memórias dos moradores mais antigos que, ao falarem do trem, o fizeram com nostalgia. O apito da *Maria-Fumaça* marcava o momento esperado do resultado do trabalho árduo. Com esse aviso sonoro os trabalhadores sabiam que era hora do pagamento. As memórias do trem se associavam ao trabalho, ao crescimento de Teixeira Soares e ao enriquecimento de algumas famílias locais. Quanto aos fornecedores de lenha para os Molinari, pelo depoimento do Sr. Vilico notamos que apesar dessa atividade ser o ganha pão de muitas famílias e os pagamentos serem realizados em dia, muitas vezes eram insuficientes para o rancho do mês na bodega sendo necessário recorrer ao célebre fiado. Não por acaso, os Molinari mantinham um armazém em sua propriedade. Muito do dinheiro (mal) pago pela lenha retornava aos seus bolsos através do fornecimento aos seus empregados e fornecedores de lenha. Havia, portanto, uma relação de exploração e dependência entre patrões e empregados, certamente mais conveniente para os patrões. Uma relação que se estendia à política.

Mesmo afirmando não ser integralista, o Sr. Vilico afirmou que mantinha boas relações com os membros da AIB. Certa ocasião foi convidado a participar de um encontro integralista em Curitiba. A respeito das atividades dos camisas-verdes com os quais conviveu naqueles anos, informou o seguinte:

Os integralistas eram partidários, entravam reunindo gente, só que quando ele tava se criando, Getúlio cortou o partido de Plínio Salgado. Até fui pra Curitiba aquela vez, aproveitei a carona, assim eu conheci Curitiba, né, em 36. Teixeira Soares tinha o chefe do integralismo, aquele lá, o Ramiro. Adélio Ramiro que era o chefe do integralismo aí, companheiro meu! Fomos dia 19 de novembro, que é o dia da bandeira brasileira, que daí ele veio, vamos pra Curitiba? Vai ter um trem especial, levando gente daí do Sul lá na Curitiba, lá na festa da bandeira, no dia da bandeira, na festa da bandeira brasileira.

Foi tudo de graça, eles deram comida, eles deram passagem, deram tudo! Então pensei, vou aproveitar uma dessa, né, vou aproveitar, mas daí eu disse pra ele, mas eu não tenho camisa, não sou integralista. Não, vamos lá no Ramiro, conversa lá com o Adélio. Cheguei lá, ele disse: ele não é integralista, mas no que ele veio, ele vai assinar o integralismo. Ele já me

arrumou gravata, arrumou camisa e daí no outro dia esse trem especial veio pegando, veio lá de União da Vitória, veio cheio, daí que fomo lá em Curitiba. (SANTOS, Adelino Lopes dos. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 30/07/2013, 24 min).

Neste relato fica evidente uma das táticas dos integralistas para conseguir mais adeptos para a AIB local ou pelo menos para ‘engrossar’ seu contingente nas comemorações do Dia da Bandeira e demais eventos do sigma. Deixando de lado os burocráticos protocolos de juramento da AIB<sup>48</sup>, rapidamente os membros do núcleo local, sob a chefia de Adélio Ramiro, cederam a farda integralista e a gravata preta ao Seu Vilico. Este aproveitou a chance para conhecer a capital sem gastar nenhum tostão. Para isso, vestiu a camisa verde e seguiu no trem repleto de integralistas do interior paranaense rumo a Curitiba. Vilico contou sobre sua primeira experiência na capital do Estado:

Fomos no postão, naquele tempo não existia ônibus, mas tinha lá um bonde elétrico que levava lá no postão, daí nós fomos em uma turma lá. Aqueles que levaram dinheiro foram pros hoter, mas nós fomos só pra ver a festa. Uma turma, daí no outro dia cedo, que é o dia da bandeira, em 19 de novembro de 1936, desfilaram em Curitiba, desfilou criança, desfilou escola, desfilou exército, desfilou o integralismo. A turma do integralismo fez uma festa muito grande, festa da bandeira. Naquele tempo adoravam a bandeira, lá em Curitiba, aquelas véias com a bandeira na mão, ah, tudo vai mudando, hoje não! Daí chegemos lá, desfilou exército, desfilou cavalaria, desfilou de noite lá. Daí no outro dia, o trem voltou. Mas daí, eu tinha lá o companheiro, mas nós resolvemos ficar, daí fiquemos por nossa conta lá no restaurante lá, fiquemo mais dois dias pra nós conhecer, fiquemo por nossa conta lá. Mas nós tava num bar com companheiro bebendo cervejinha, os cara lá, daí os cara proseando, disseram pra nós, daí ele contou. “Meu pai morreu na revolta do Getúlio e a minha mãe recebe pensão, mas eu vou dizer pra vocês que o Getúlio vai cortar o integralismo, o Getúlio não vai criar, enraizar o integralismo, vai cortar o integralismo”. Daí voltemos no outro dia, mas eu não tinha nada, não tinha jurado bandeira, mas quem jurou bandeira, teve que voltar lá e assinar. (SANTOS, Adelino Lopes dos. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 30/07/2013).

---

<sup>48</sup> Segundo Cavalari, o ingresso no movimento se dava por meio de um rígido protocolo especial de juramento: “A autoridade mais graduada que se encontrasse no local da inscrição perguntaria ao neófito: Já pensou maduramente na responsabilidade que vai assumir? Ao obter resposta afirmativa, dir-lhe-ia: Considero-o inscrito; deverá, porém, esperar noventa dias para prestar juramento, em homenagem ao Chefe Nacional que o esperou desde 7 de outubro de 1932. Possivelmente para evitar eventuais reflexões a respeito do movimento, que poderiam redundar em desistência, os Protocolos previam também a dispensa do estágio, isto é, do período de espera entre a inscrição e o juramento. Neste caso, curiosamente, o período que o novo integralista deveria esperar para fazer o juramento era drasticamente reduzido de 90 dias para 5 minutos. Assim, a autoridade lhe diria: Dispensei-o do estágio; deverá porém, esperar cinco minutos, para prestar o juramento, em homenagem ao Chefe Nacional, que o esperou desde 7 de outubro de 1932.” (CAVALARI, 1999, 168-169). É possível que o Sr. Vilico tenha sido dispensado do estágio de 90 dias para 5 minutos, caso tenha feito o juramento ao sigma. Todavia, o período relatado aproximava-se das eleições presidenciais que seriam realizadas em 3 de janeiro de 1938 (para a qual Plínio Salgado era candidato da AIB), e a dispensa de qualquer protocolo de juramento era conveniente aos verdes, sobretudo por envolver eleitores e votos.

Presumimos que o evento integralista em comemoração ao Dia da Bandeira em Curitiba tenha ocorrido em 19 de novembro de 1937, já sob o Estado Novo, data de uma grande concentração integralista em Curitiba, não em 1936 como informado por Vilico.<sup>49</sup> Naquele momento o Integralismo ainda gozava de liberdade política, pois todos os partidos brasileiros foram extintos apenas em dois de dezembro do mesmo ano.<sup>50</sup> As notícias sobre o fechamento do novo regime corriam soltas e possivelmente os integralistas temiam a proibição de suas atividades em todo o país. Se o Sr. Vilico entrou ou não para o Integralismo ao retornar a Teixeira Soares é um mistério. Não disse que sim ou que não, mas suas palavras deixaram entrever seu nacionalismo, quando ressaltou que “naquele tempo adoravam a bandeira” e “hoje não”. Seu depoimento indicou como os integralistas utilizavam diferentes meios para aliciar novos membros, além das reuniões e churrascadas abertas a todos. As confraternizações e reuniões em outras cidades com tudo pago faziam parte da propaganda do movimento. Bastava usar a camisa verde. Os ‘mandões verdes’ da localidade, utilizavam todo seu capital social para aliciar a população ao movimento, e especialmente seus empregados.

Além das famílias que enriqueceram nos áureos tempos da madeira e do mate na região, muitos prosperaram com os armazéns e bodegas que ‘amarravam’ seus fregueses. Tais estabelecimentos comerciais eram importantes para o abastecimento da população com alimentos, ferramentas e todo tipo de mercadoria, além de emprestarem dinheiro e venderem fiado. Os donos de armazéns e bodegueiros eram pessoas conhecidas e influentes na localidade. Isso lhes permitia entrar para a política ou, pelo menos, angariar muitos votos para seus candidatos mediante arranjos, como o perdão de dívidas ou crédito facilitado. Um exemplo foi Antônio Correa Machado que nas eleições municipais de 1935 concorreu ao cargo de vereador pelo PSD, rival dos integralistas. Após eleito, mudou de lado.

Assim como o Clube Guarany e a estação ferroviária, os armazéns e bodegas eram pontos de encontro e sociabilidade. Entre um trago e outro, todos sabiam das novidades. Ali se falava de tudo, especialmente política. Como assinalou a historiadora Neli Maria Teleginski:

---

<sup>49</sup> Lembramos que o período de proibição das atividades integralistas no Paraná se estendeu de abril a dezembro de 1936. Não encontramos indícios de grandes concentrações de integralistas nesses meses, uma vez que a camisa verde estava proibida em todo o território paranaense e, no episódio relatado pelo Sr. Vilico, o mesmo estava usando a camisa verde integralista. Estes indícios nos levam a crer que o evento tenha ocorrido mesmo em 1937. Uma fotografia do arquivo da DOPS intitulada: “Concentração dos integralistas – Dia da Bandeira, 19/11/1937”, corrobora nossa suspeita. Fonte: Pasta temática do Integralismo - DOPS/FOTOS – DEAP-PR, pasta 68, Departamento de Arquivo Público do Paraná.

<sup>50</sup> A emenda de 2 de dezembro de 1937 da Constituição de 10 de novembro do mesmo ano, extinguiu todos os partidos políticos. Plínio Salgado reformulou a AIB como Associação Brasileira de Cultura (ABC), conservando-se na presidência.



A presença de “coronéis bodegueiros”: comerciantes de secos e molhados ligados aos negócios do mate e da madeira, que ostentavam patentes de coronéis da guarda nacional ocupando cargos públicos em Irati, evidencia as características da organização política na primeira república, na qual a política municipal era influenciada pelos “coronéis” que controlavam o comércio e a economia locais, e as decisões que mantinham seu poder e privilégios. (TELEGINSKI, 2012, p. 85).

Entre os donos de armazéns em Teixeira Soares que faziam jus a esse perfil podemos citar Antônio Manoel Correia de Sá (PSD), Antônio Correa Machado (PSD-AIB), João Negrão Júnior (AIB) e João Baptista Gubert (AIB), diretamente envolvidos na política.

Além de comerciantes, empresários do ramo madeireiro e ervateiro ocupavam conceituada liderança social. É o caso de João Molinari Sobrinho, um dos líderes da AIB em Teixeira Soares e que presidia a comissão da igreja, além de gerenciar uma das serrarias que mais empregava gente na cidade. Sua situação permitia o contato com pessoas de diferentes inserções, interligadas por interesses econômicos, políticos e religiosos. Como João Molinari, os integralistas João Baptista Gubert, João Negrão Junior, Adélio Ramiro de Assis e João Baptista Daldin, cada qual a sua maneira, desempenhavam papel de liderança na vida comunitária de Teixeira Soares. Podemos inferir que isso lhes proporcionava certa facilidade para recrutar novos membros para o movimento integralista.

Assim, consideramos que a AIB marcou a cena política em Teixeira Soares adequando-se à dinâmica política local. Aliou-se a uma elite que constituiu a cúpula integralista municipal. No entanto, como expresso na Tabela 1, o sigma alcançou diferentes segmentos da sociedade, independente de etnia ou profissão, colocando em prática o discurso de integração, essencial ao movimento. Quanto à disseminação do movimento, observamos que os integralistas constituíram um ‘raio de ação’ na sede de Teixeira Soares e nos distritos de Fernandes Pinheiro e Diamantina, apresentando-se de forma incisiva no cotidiano econômico, político e religioso dessas localidades.

Portanto, os vínculos criados socialmente na comunidade contribuíram para o crescimento do movimento integralista. Podemos dizer que aliar-se aos integralistas significava aliar-se aos líderes locais ou, pelo menos, parte expressiva deles. O crescimento do sigma no município e o grande número de camisas-verdes inscritos no núcleo de Teixeira Soares atraiu ainda mais inscritos que desejavam participar do ‘status’ dos ‘integrados’. A ‘onda verde’ incitava parentes e amigos a seguir o sigma, com o receio de ficarem excluídos e serem taxados de ‘comunistas’ ou ‘traidores da pátria’. Estereotipar quem não fosse

integralista tinha por objetivo levar à adesão pela via da vergonha e/ou medo. Em muitos aspectos, os ardis propagandísticos integralistas no Brasil, dialogavam com aqueles utilizados por fascistas e nazistas. Uniformes, insígnias, bandeiras, desfiles, concentrações e atos públicos eram os recursos mais eficientes da propaganda fascista e definiam quem eram os ‘integrados’ nesses movimentos.

As considerações sobre o sucesso do sigma em Teixeira Soares remetem à configuração sócio-histórica da região dos Campos Gerais, da qual faz parte o município. Assim, nossas reflexões se aproximam da afirmação da historiadora Carmencita Holleben de Mello Ditzel:

No Paraná o Integralismo teve ampla aceitação em Curitiba e nos Campos Gerais, região cuja formação sócio-histórica esteve vinculada ao poderio da elite campeira e da Igreja. E cuja base identitária está indissolúvelmente ligada às práticas sociais originadas no processo de ocupação regional e na atividade tropeira. (DITZEL, 2007, p. 262).

Teixeira Soares constituiu uma encruzilhada de caminhos e de atividades econômicas em torno de um elemento essencial: a ferrovia. A cidade abrigou diferentes grupos que conviveram e colidiram para transformá-la em seu espaço de poder. Nessa disputa, o movimento integralista entranhado na elite local e sua persuasiva propaganda, alcançou grande sucesso ao apresentar suas propostas políticas na década de 1930.

A ferrovia<sup>51</sup>, além de escoar a produção do município e abastecer a cidade com alimentos e bens de consumo, conduzia personagens e suas bagagens ideológicas. Com aquele meio de transporte, Teixeira Soares buscou seu desenvolvimento e modernização, recebendo lideranças políticas diversas. Pelos trilhos da São Paulo - Rio Grande circulavam mercadorias e ideias. Através deles, os verdes integraram os núcleos da região, utilizando também outro meio que acompanhava o trem: o telégrafo.

---

<sup>51</sup> As ferrovias foram elementos essenciais para a difusão do sigma em todo o território nacional. Articulavam as atividades entre núcleos de grandes cidades e pontos mais distantes. Sobre Mato Grosso, Luciana Agostinho Pereira em seu capítulo de livro: *A Ação Integralista Brasileira em Mato Grosso (1933-1937)*, demonstrou a importância do trem para o sucesso integralista naquele estado, marcado pelas grandes distâncias geográficas. A autora aponta que o trem foi responsável direto pelo surgimento do Integralismo no sul de Mato Grosso (Campo Grande e Três Lagoas), em lugar da capital Cuiabá. Uma das peculiaridades do sigma local apontada por ela foi sua organização geográfica interna. Segundo Pereira: “a Província de Mato Grosso foi a primeira a ser dividida em ‘regiões administrativas’, designadamente três, com um governador independente para cada uma delas: a primeira região, com sede na cidade de Campo Grande; a segunda região, sediada na cidade de Corumbá e a terceira região, com sede na capital, Cuiabá. Plínio Salgado justificou tal organização pela extensão territorial da Província e pela deficiência de seus meios de comunicação”. (PEREIRA, 2013, p. 21). Para mais informações sobre AIB mato-grossense: PEREIRA, Luciana Agostinho. *A Ação Integralista Brasileira em Mato Grosso (1933-1937)*. In: BERTONHA, João Fábio (org.) *Sombras Autoritárias e Totalitárias no Brasil: integralismo, fascismo e repressão política*, Maringá: Eduem, 2013.

Pela ferrovia e pelo telégrafo, os verdes mantiveram intenso contato entre os núcleos de todo o país. Inferimos que, os integralistas de Teixeira Soares cultivaram uma relação de conveniência<sup>52</sup> com os verdes de Ponta Grossa, articulando constantes reuniões e confraternizações em ambas as cidades, mobilizando diariamente suas populações com suas sociabilidades.

---

<sup>52</sup> A conveniência é entendida como um “saber viver” na coletividade da rua, do bairro e da cidade. Nas relações sociais entre familiares e amigos, é visível uma imposição do espaço na rotina de seus habitantes de que “é preciso conviver”. Convivência no sentido de tolerância porque sempre se espera obter algum benefício em uma relação. (CERTEAU, 1994, p. 47).

## CAPÍTULO II – INTEGRALISTAS: COTIDIANO E SOCIABILIDADES

Neste segundo capítulo abordamos aspectos voltados às sincronias dos integralistas de Teixeira Soares com representantes de núcleos estaduais e nacionais. Analisamos a mudança de postura dos militantes, influenciada pelo estabelecimento do sigma municipal e pelos anseios eleitorais. Acenamos para as investidas e constituição de um grupo oposicionista ao Integralismo. As perseguições, proibições e prisões de integralistas estampadas em jornais paranaenses (*A Razão e Diário dos Campos*), revelaram os ânimos exaltados no período das eleições municipais de 1935.

## 2.1 A BOA VIZINHANÇA

Algo relevante na experiência integralista em Teixeira Soares foi a rápida inserção de seu núcleo entre os núcleos representativos do Paraná e as chefias integralistas estaduais e nacionais. Em julho de 1935, o chefe municipal Adélio Ramiro de Assis já se destacava entre as chefias integralistas paranaenses.

Em 23 de julho de 1935, *A Razão* publicou edição especial comemorando o primeiro aniversário da Província Paranaense, rememorando as atividades ‘embrionárias’ da AIB no Estado. Como outros chefes municipais e secretários dos departamentos integralistas no Paraná, Adélio foi destacado por suas atividades com um retrato no jornal ao lado da cúpula estadual. Aclamado pelos integralistas paranaenses e nacionais, Adélio chegou a fazer parte da Câmara dos Quatrocentos em 1937.<sup>53</sup> Ainda em julho, o chefe municipal de Teixeira Soares visitou a sede da redação do jornal em Curitiba. O contato entre os militantes estaduais era constante, evidenciado na coluna d'*A Razão* chamada “Visitas”.

Na medida em que o sigma se afirmava na região, as atividades de integração se expandiram. O movimento no município, desde os primeiros passos, teve estreita relação com os integralistas da vizinha Ponta Grossa. Portanto, antes, durante e após a instalação da estrutura integralista local ocorreram dinâmicas internas e externas, com objetivo de conectar os municípios de maior destaque.

Abaixo, a fotografia identifica aspectos externos de uma atividade integralista em Teixeira Soares:

---

<sup>53</sup> A Câmara dos Quatrocentos era um órgão consultivo da AIB, o segundo na escala hierárquica nacional, formada em junho de 1937. Era “composta de militantes de diversas províncias integralistas”. (TRINDADE, 1974, p. 175).

Figura 4: Visita de integralistas pontagrossenses a Teixeira Soares, 30 de junho de 1935.



Fonte: Pasta temática do Integralismo - DOPS/FOTOS – DEAP-PR Departamento de Arquivo Público do Paraná

Além da fundação de núcleos, churrascadas e sessões doutrinárias integrando núcleos municipais e distritais, as confraternizações integralistas se tornaram frequentes em Teixeira Soares. Mais que aspectos externos da ritualística verde: uniformes, boinas (de uso não obrigatório e peculiar de alguns núcleos), braçadeiras e anuês, a imagem revela militantes em um momento descontraído, posando para a fotografia na sombra das árvores. Ambiente distinto dos congressos, palestras e comícios, pautados pela hierarquia das falas e solenidade dos gestos. O sorriso dos jovens contrasta com os olhares graves dos mais velhos, em uma ensolarada tarde de inverno nos Campos Gerais, possivelmente, após um opíparo almoço.

Um aspecto a destacar é a participação de crianças no movimento. Desde pequenos, seguindo os passos dos pais, os “plinianos”<sup>54</sup> engrossaram as fileiras do sigma no Paraná. Os núcleos de Curitiba e Guarapuava organizaram escolas integralistas visando a militarização do corpo infanto-juvenil, segundo os propósitos do movimento. Uniformizados, os alunos recebiam os conteúdos escolares orientados pela moral cristã e a defesa da família. A busca

---

<sup>54</sup> “O processo de iniciação na militância do movimento desenvolvia-se na organização da juventude (plinianos), dos quatro até os 15 anos de idade. Contudo, só a partir dos 16 anos poderia o “camisa verde” ter ingresso definitivo na Milícia”. (SIMÕES, 2009, p. 116).

por uma postura disciplinada e obediente indicava a intenção de conformar, desde tenra idade, o futuro soldado integralista.<sup>55</sup>

Como exemplo das relações internas e a preocupação em manter o sentimento de família entre os integralistas, *A Razão* comunicou:

#### **Nascimento**

Foi enriquecido o lar do companheiro Osmar Ramiro de Assis, operoso secretário do núcleo Integralista desta cidade, com o nascimento de uma galante menina de nome Marly, a pequenina Pliniana, tem recebido inúmeras visitas de seus futuros companheiros do Sigma. Por intermédio da “A Razão” os integralistas de Teixeira Soares felicitam esse distinto casal. (*A RAZÃO*, nº 14, 05/08/1935, p. 4).

A nota familiar esqueceu-se de informar o nome da esposa de Osmar e mãe de Marly, enfatizando o marido secretário, a galante pliniana e os companheiros do sigma. Com a extinção da AIB no final de 1937, a “pequenina pliniana” não foi educada em uma escola integralista. A menção à Marly revela a preocupação do movimento com a juventude integralista. Apesar de não termos indícios documentais, acreditamos que em Teixeira Soares possa ter existido uma escola ou, pelo menos, iniciativas educativo-doutrinárias voltadas às crianças. Como exemplo dessas iniciativas, destacamos a escola integralista Hely van der Brook de Ponta Grossa e a escola de primeiras letras em Curitiba. No interior do município de Jaguariaíva, destacamos a Escola de Alfabetização no bairro Campina do Elias (*O LEGIONÁRIO*, nº 10, 31/03/1937, p. 4).

Notícias sobre núcleos integralistas emergentes no interior do Estado motivaram maior atenção a eles por parte da cúpula provincial, especialmente o de Teixeira Soares. Desde a fundação do núcleo, as dinâmicas dos integralistas no município estavam presentes na maioria das edições do *A Razão*, por vezes, em matérias de capa, ratificando assim seu destaque entre os verdes paranaenses.

Além das referências às dinâmicas internas e com os núcleos regionais, havia a relação desses militantes com o movimento nacional. Os congressos realizados, geralmente em Ponta Grossa e Curitiba, buscavam estreitar os laços do movimento nos municípios com as chefias estaduais e nacionais, para maior sintonia entre núcleos vizinhos. Não por acaso, notamos uma mudança de comportamento dos integralistas a partir de meados de 1935, após maior

---

<sup>55</sup> Sobre a concepção de educação integral e a implantação de escolas integralistas pelo Brasil, ver: COELHO, Lígia Martha. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005; Capítulo 2, “A revolução do espírito” em: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 41-79.

entrosamento entre as lideranças provinciais e municipais. Considerando a estreita relação mantida entre os verdes de Teixeira Soares e Ponta Grossa, apresentaremos alguns acontecimentos que marcaram a trajetória do sigma na região, nos quais os integralistas teixeirassoarenses estiveram envolvidos, cujo palco foi a cidade ‘princesina’ dos Campos Gerais.

Como programado, nos dias 20, 21, 22 e 23 de julho foi comemorado o primeiro aniversário da Província Integralista do Paraná. O dia 20 de julho, no Teatro Édén em Ponta Grossa<sup>56</sup>:

[...] foi agitadoíssimo. A sucessão de ordens contraditórias da Chefia de Polícia que, em Curitiba, proibia toda e qualquer manifestação Integralista, inclusive e, absurdamente, até o uso da camisa-verde, estendeu-se até a cidade dos Campos [Ponta Grossa]. E aí, onde se realizaria a Concentração dos Camisas-verdes do interior, os quais começaram a chegar em automóveis desde as primeiras horas da manhã, estabeleceu-se logo após a transmissão daquelas ordens descabidas, a azáfama natural que ocasiona o imprevisto das decisões injustas e momentâneas. (A RAZÃO, nº 13, 30/07/1935, p. 5).

Os congressos e comemorações conferiam maior coesão e unidade ao movimento. Naquela data, para impressionar os representantes do chefe nacional vindos de São Paulo, a cúpula integralista de Ponta Grossa reuniu o maior número possível de camisas-verdes. Para isso contou com a presença de integralistas das cidades vizinhas. Tática por sinal, bastante atual na política.

O crescimento do sigma em Teixeira Soares incomodou as autoridades locais e estaduais. O mal-estar teve origem especialmente a partir das candidaturas integralistas nas eleições municipais de 1935. Seriam adversários da situação nas urnas e para isso era necessário ‘sabotar’ o voo dos ‘galinhas verdes’<sup>57</sup>. Começaram proibindo o símbolo mais caro e distintivo do grupo, a camisa verde. Eram prenúncios de uma “repressão precoce” em relação aos outros Estados. A partir de Curitiba, a proibição da camisa verde se estendeu aos demais municípios. Neste episódio, verificamos o contato entre as chefias policiais, revelando uma repressão coordenada contra os verdes paranaenses. (ATHAIDES, 2012, p. 198).

A presença de integralistas de cidades próximas era um argumento para a imprensa

<sup>56</sup> O Cine Teatro Édén foi fundado na década de 1920. Sucessor do Teatro Sant’Anna, situava-se inicialmente na praça Barão do Rio Branco e posteriormente na esquina das ruas Augusto Ribas e XV de Novembro. No Édén, a partir da década de 30, os pontagrossenses se maravilharam com as "fitas" hollywoodianas e se divertiram com peças de teatro e políticos da época.

<sup>57</sup> ‘Galinhas verdes’ foi um termo inventado pelos antifascistas, após o embate entre comunistas e integralistas em 1934, na Praça da Sé em São Paulo. Esmagados pela maioria antifascista nas ruas, os integralistas recuaram, tal acontecimento ficou conhecido como a “revoada das galinhas verdes”, o evento ficou marcado na memória da esquerda brasileira.



local deslegitimar o Integralismo em Ponta Grossa. Nas páginas do *Diário dos Campos*, seu diretor-redator José [Juca] Hoffmann, tecia críticas ao “fascismo tupiniquim” (termo frequentemente utilizado pelo *Diário dos Campos* para referir-se ao Integralismo). Duvidando do número de adeptos do Integralismo na “Princesa dos Campos”, destacava que a grande presença de camisas-verdes na cidade, nos desfiles, congressos e sessões doutrinárias era devida à participação de integralistas vindos de Castro, Ipiranga e Teixeira Soares.

Na manhã seguinte ao evento integralista, um domingo, o *Diário dos Campos* publicava:

Coincidindo a resolução da polícia do Paraná, de proibir quaisquer reuniões integralistas, com a vinda a Princesa dos Campos de uma caravana de camisas-verdes de S. Paulo e a consequente realização de um comício no Eden Theatro, a cidade teve a sua atenção voltada ontem para o caso, indagando, curiosa, se a assembleia política projetada seria levada a efeito mesmo em desobediência as determinações das autoridades policiais ou não. Outro fato veio emprestar a situação certa gravidade: foi ter o Coronel Adolphito Guimarães, ilustre delegado de polícia da Comarca recebido instruções, para não permitir que os adeptos da doutrina do Sigma envergassem sequer a camisa verde oliva. Todos ficaram aguardando uma reação de parte dos soldados de Plínio Salgado, tanto mais que os componentes de caravanas de municípios vizinhos só trouxeram uma camisa, a verde... Acatada e respeitada como é, a digna autoridade policial pontagrossense não encontrou resistência alguma na observância de suas determinações, concordes com as que lhe vieram da capital. O Sr. Emmanuel Bittencourt Correa de Castro, chefe municipal interino do núcleo integralista, agindo com elogiável ponderação, afixou avisos aos seus subordinados, ordenando-lhes que não envergassem a camisa-emblema. Os integralistas de Teixeira Soares e outros municípios expuseram as razões porque não poderiam deixar de aparecer com as camisas-verdes. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 21/07/1935, p. 1).

A repressão aos verdes regionais não foi coincidência. Havia ordens de Curitiba para tanto. O delegado Adolphito Guimarães recebeu instruções superiores para impedir as manifestações integralistas, começando pelo uso da camisa verde. O episódio alvoroçou Ponta Grossa. Não apenas os integralistas, mas a população em geral aguardava o desenlace do imbróglio para assistir o comício no celebrado teatro local. Evitando maiores tumultos e o cancelamento do evento, o chefe integralista municipal Emmanuel Bittencourt serenou os ânimos dos verdes que, afinal, compareceram ‘paisanos’. Os visitantes de outros municípios, pegos de surpresa pela interdição da camisa verde, justificaram ter que usá-la, pois não tinham outra. Além de sofrer com o frio do inverno, atentariam à moral pública... E isso contrariava os princípios do sigma e das leis vigentes!

Alguma rusga ocorreu. O militante José Ferreira, ignorando a proibição policial e as

recomendações do chefe municipal Bittencourt, apareceu na estação ferroviária envergando garbosamente sua camisa verde, bem passada e engomada para receber os paulistas. Advertido por dois policiais, o surpreso e indignado Ferreira declarou que “não havia ali nenhum comunista capaz de sacar-lhe a camisa. Era integralista, prosseguiu, e vesti-la-ia em qualquer parte. O chefe municipal, sem estar de camisa verde e os demais também, não eram integralistas, mas sim ‘chefe de peludos’”.<sup>58</sup> (DIÁRIO DOS CAMPOS, 21/07/1935, p. 1).

Após ouvir um sermão do chefe municipal, José Ferreira acatou as imposições. As ações do chefe Bittencourt devem ter alegrado as autoridades integralistas estaduais, pois agiu conforme os protocolos nacionais condizentes à sua função. De acordo com Cavalari:

A autoridade integralista tinha o dever de impor-se ao respeito de seus subordinados, sendo a omissão, a tolerância ou a falta de energia entendidas como incompatíveis com o exercício do cargo. Entretanto, a autoridade integralista devia ser exercida com brandura. Sua função residia muito mais em advertir e aconselhar do que em penalizar. A menos que se trate de inesperado caso grave. Por seu lado, o integralista devia ter consciência de que sua única função era obedecer, sem discutir ou comentar: a honra integralista impõe que todos obedeçam sem discutir ou comentar ordens superiores. A anarquia provocada pela discussão ou comentário de uma ordem é muito mais danosa que todas as consequências más ou injustas que ela possa traduzir. (CAVALARI, 1999, p. 167).

Era falta grave questionar as atitudes do chefe. As punições iam desde a repreensão em particular, como aconteceu neste episódio, até a expulsão do movimento. Vemos que a paixão pelo sigma gerava descontentamentos e atritos até mesmo entre os próprios integralistas.

Sobre a atuação do chefe Emmanuel Bittencourt, *A Razão* noticiou:

O valoroso chefe municipal interino Emmanuel Bittencourt, logo ao saber das determinações da polícia, que proibiam o uso da gloriosa camisa verde, fez espalhar cartazes pela cidade, determinando que os integralistas não saíssem de camisa-verde, afim de que mais uma vez patenteassem ao povo brasileiro que o Integralismo quer agir dentro da lei, acatando as ordens das autoridades.

A população de Ponta Grossa aplaudiu o gesto do Chefe Bittencourt, que soube conter a exaltação natural dos bravos camisas-verdes de Ponta Grossa, diante da determinação injusta e ilegal da Chefia de Polícia, que foi suspensa horas depois. (A RAZÃO, nº 13, 30/07/1935, p. 4).

Para o jornal verde as atitudes de Bittencourt foram acertadas e surtiram efeito. Horas

---

<sup>58</sup> “A denominação de pelados e peludos foi criada pelos sertanejos na Guerra do Contestado (1912-1916) que raspavam o cabelo e a barba como uma forma de identificação do grupo, em contraposição aos peludos para identificar as tropas do governo”. GOSS, Fernando. DISCURSOS E NARRATIVAS DO CONTESTADO, 1999, p. 32. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina. Provavelmente, José Ferreira utilizou esse termo para questionar a posição do chefe municipal Emmanuel Bittencourt que contemporizou com as ordens do governo proibindo o uso do uniforme integralista.

depois o chefe de polícia deliberou “deixar suspensa provisoriamente a proibição referente às camisas e a que diz respeito à realização de comícios que poderiam ter lugar em recintos fechados”. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 21/07/1935, p. 1). Assim, as atividades previstas pelos integralistas no sábado à noite não foram comprometidas. E certamente as camisas-verdes lá estavam de volta. A tensão ocorrida no evento foi vista como “natural” à bravura dos integralistas que desejavam ignorar a proibição e trajar sua emblemática camisa verde. O atrito entre os verdes foi omitido por sua imprensa, mas pelo *Diário dos Campos* notamos que a relação entre eles nem sempre era cordial.

Para Niltonci Batista Chaves (1999), a sociedade “princesina”<sup>59</sup> se revestiu de uma conveniência:

A isenção do Diário dos Campos aos integralistas locais era verificada sempre que o jornal tratava de pessoas de destaque na política e na sociedade local. As relações pessoais tinham o seu peso. Hoffmann [diretor/redator] convivia com muitos daqueles que eram objeto de seus escritos e isso repercutia em seu discurso. Assim, para criticar o Movimento Integralista adotava estratégias de modo a resguardar a imagem de muitos de seus integrantes. (CHAVES, 1999, p. 72).

Entretanto, a sociedade pontagrossense abrigava diversas correntes políticas, entre elas, os arquirrivais dos integralistas: os comunistas. Como diz Chaves, “os comunistas, eram mostrados pelo jornal pontagrossense como maus elementos, inclinados à desordem, à subversão, prontos a negar a Deus e dispostos a implantar um regime ateu”. (CHAVES, 2001, p. 153). Os comunistas não eram poupados pela imprensa local como os integralistas, mesmo estando em minoria e, naquele momento, fora de combate. Resguardar a imagem de figuras de destaque na política e sociedade locais, como os líderes integralistas (Emmanuel Bittencourt, João Cecy Filho e os irmãos Paula Xavier), era uma estratégia de preservar uma relação entre pares e, principalmente, poupar o jornal e o ‘próprio pelo’ de José Hoffmann. As atitudes exaltadas dos integralistas contribuíram para o discurso ardiloso de Hoffmann para isentar certos personagens. Em março de 1938, quando do *putsch* integralista em Ponta Grossa, caso tivesse êxito, era plano dos verdes fuzilarem o diretor do *Diário dos Campos* José Hoffmann, o prefeito Albary Guimarães e até mesmo Brasil Pinheiro Machado<sup>60</sup>, ironicamente, pioneiro

<sup>59</sup> O termo refere-se à cidade de Ponta Grossa, conhecida como “Princesa dos Campos Gerais”.

<sup>60</sup> No artigo intitulado “SERIA FUZILADO O DIRETOR DO DIÁRIO DOS CAMPOS”, o jornal pontagrossense dá indícios da suposta estrutura dos integralistas de Ponta Grossa e região na organização do *putsch* de 10 de março. Entre os nomes na ‘lista negra’ dos integralistas encontravam-se: José Hoffmann, Brasil Pinheiro Machado, Elias Mubaiad, Ari Santos, Agassis Linhares e Hugo Colli. Segundo essa nota, na noite de 10 de março, a casa do prefeito Albary Guimarães chegou a ser vigiada pelos integralistas. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 20 de março de 1938, p. 1).

do Integralismo no Estado do Paraná.<sup>61</sup>

Neste sentido, o “início do Integralismo no Paraná” foi deliberadamente “esquecido” ou apagado pelas lideranças verdes e isso tem relação com as alianças políticas de Pinheiro Machado, consideradas detestáveis. É uma possibilidade. Por outro lado, também é possível que rivalidades e disputas internas dos integralistas pelo pioneirismo no Estado tenham mexido com os brios dos militantes da capital Curitiba, que não toleraram perder para os do interior e promoveram a “fundação oficial” da Província do Paraná. Se o “núcleo esquecido” de Ponta Grossa foi fundado em 1932, isso ocorreu enquanto Brasil Pinheiro Machado era prefeito da cidade o que o obrigava a certas atitudes políticas por conta do cargo.

A omissão desse dado biográfico de Pinheiro Machado entre os integralistas do Paraná tem seus sentidos. Para um movimento que prezava a fidelidade, a paixão pela camisa verde e o coletivo, seria uma mácula em seu currículo ter um Coordenador de Província ‘vira casaca’, ou que tenha ‘tirado a camisa verde’ em prol de suas articulações políticas e interesses individuais. Assim, a imprensa integralista considerou com primazia e oficialmente Manoel Barreto Vieira de Alencar como Chefe da Província do Paraná, liderando as atividades incontestavelmente desde 1934 até início de 1938 (ATHAIDES, 2012, p. 68).

Em Ponta Grossa havia, portanto, certa convivência entre personagens políticos de maior relevo, mas, no conjunto e na prática, os conflitos político-ideológicos envolvendo grupos distintos (integralistas, comunistas, maçons), afloravam nas páginas do *Diário dos Campos*, nas quais José Hoffmann destilava sua verve.

Voltemos ao dia 20 de julho. Prosseguindo sua viagem ao Paraná, a caravana dos verdes paulistas desembarcou às 13:30 horas na estação ferroviária de Ponta Grossa, apinhada por centenas de integralistas. As camisas-verdes que se viam eram dos visitantes de outras cidades, desprevenidos quanto às proibições policiais, como já informado:

Ao desembarque dos companheiros Gofredo da Silva Teles Junior e Francisco da Silva Prado, componentes da embaixada Provincial de São Paulo, nenhum discurso foi pronunciado. Dois anuês vibrantes foram as únicas e significativas saudações que os receberam. Da estação, todos seguiram em massa para a Sede, onde se dispersaram! (A RAZÃO, nº 13,

---

<sup>61</sup> De acordo com Athaides: “Brasil Pinheiro Machado coordenava as atividades do Integralismo em todo Paraná pelo menos até 1933 e depois seu nome não figurou mais no *Monitor Integralista*. [...] se se entregasse ao exclusivismo político integralista entraria em choque com as forças locais que lhe depositavam confiança, em especial com o interventor Manoel Ribas, com quem mantinha ótimas relações. Em outras palavras, a paixão de Machado pelo sigma se mostrou inferior aos seus compromissos políticos. Essa situação, qual seja, a de ter um primeiro líder ‘desistente’ ou ‘traidor’, que optou pela manutenção das alianças ‘odiosas’ com os poderes estabelecidos, pode ter sido percebida pelos novos líderes de Curitiba como uma vergonha para a militância estadual”. (ATHAIDES, 2012, p. 69-70).

30/07/1935, p. 4).

Após os dois vibrantes Anauês<sup>62</sup> que receberam, os paulistas e sua comitiva seguiram para a sede da AIB local. Por volta das 19 horas o Éden Teatro transbordava camisas-verdes. Famílias inteiras com seus plinianos marcavam presença. Entre hinos, poemas e juramentos integralistas, destacaram-se os discursos do chefe de Ponta Grossa Emmanuel Bittencourt, de Jorge Lacerda, representante do chefe provincial e redator do jornal *A Razão* e dos emissários da comitiva paulista. Os representantes da chefia nacional vindos de São Paulo versaram sobre “A Organização Corporativa do Estado Integral, falando sobre o Estado Forte, distinguindo-o das ditaduras” (Gofredo da Silva Teles Junior), contrastando com as palavras sobre “Os velhos liberalões e os pobres comunistas e o erro enorme de suas ideias sedições.” (Francisco da Silva Prado). (*A RAZÃO*, nº 13, 30/07/1935, p. 5). Em todos os discursos era pululante a repulsa aos inimigos: o liberalismo e o comunismo.

Em sua exposição, o representante dos integralistas de Teixeira Soares, Pedro Rodrigues Martins, traduziu em poucas palavras:

a solidariedade de 200 brasileiros daquele núcleo, que ali mais uma vez de corpo e alma, se entregavam as ordens de Plínio Salgado, pela redenção da Pátria. A assistência abafou as suas palavras finais, que foram incisivas. (*A RAZÃO*, nº 13, 30/07/1935, p. 4).

O representante de Teixeira Soares professou publicamente sua fé ao reafirmar sua fidelidade ao sigma e a submissão cega ao chefe nacional Plínio Salgado. Apesar da ausência de Salgado e dos duzentos integralistas teixeirassoarenses, o texto transmite a ideia de que estavam presentes: ‘de corpo e alma’, entregues à causa máxima, à nação imaginada idealizada pelos integralistas<sup>63</sup>.

A criação de mecanismos simbólicos foi essencial para compartilhar o nacionalismo integralista, reduzindo assim as distâncias geográficas, culturais e, ao menos nas camisas, as

<sup>62</sup> De acordo com Cavalari, sobre a hierarquia no movimento: “somente o Chefe Nacional, ou o representante designado por ele, tinha direito a três *Anauês*. Os membros do Supremo Conselho Integralista, membro da Câmara dos Quarenta, Secretários Nacionais e Assistentes, Arqui-Provinciais e Chefes Provinciais receberiam dois *Anauês*. Finalmente, os Secretários Provinciais, Governadores de Região, Chefes Municipais e Chefes Distritais, seriam saudados com um *Anauê*”. (CAVALARI, 1999, p. 200-201).

<sup>63</sup> Na definição de Anderson: “o nacionalismo implica em atos de imaginação, que, por sua vez, engendram o sentimento de pertença a determinada comunidade nacional. Assim, a imaginação é essencial para a conformação de uma identidade comum, uma vez que os seus membros jamais estabelecerão laços entre si em sua totalidade, nem em parte significativa dela, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão” (ANDERSON, 1991, p. 25). Neste sentido, o nacionalismo integralista/fascista, transcende a divisão e a luta entre as classes e a harmonia em meio a uma crise. Esquerda, direita e centro não fazem nenhum sentido para os fascistas, que se consideravam ‘além’ dos partidos políticos tradicionais e se apresentavam como os únicos representantes e regeneradores da nação. A nação fascista, nesse sentido, seria expurgada dos males materialistas, que incluía o capitalismo, liberalismo e o comunismo, automaticamente relacionados aos judeus.

distâncias sociais. Com juras de fidelidade ao líder Plínio Salgado, Rodrigues Martins aspirava alcançar maior representatividade e integração do núcleo de Teixeira Soares junto ao sigma estadual e nacional. Mesmo sem conhecer o líder pessoalmente, em seu discurso Martins se deixou levar pela emoção que certamente contagiava seus extasiados ouvintes. Utilizou a expressão “se entregar” para se referir ao chefe maior do Integralismo. Entregar enquanto submissão, rendição, confiança e dedicação total a alguém ou alguma coisa. Neste caso, dedicação a Plínio Salgado. A finalidade: a redenção da pátria. Instigado pelos sentimentos de dedicação ao líder e pela numerosa plateia, Martins discursou veementemente como porta-voz dos verdes de Teixeira Soares.

Neste tópico sobre os primeiros passos da AIB em Teixeira Soares, observamos que a propaganda foi fundamental na legitimação do sigma local. Os camisas-verdes souberam utilizar habilmente seu aparato simbólico e ritualístico, criando no município uma identidade política que os ajudou a fazer adeptos. De forma estratégica, os integralistas foram persuasivos nas visitas aos amigos e familiares, nas comemorações, comícios, churrascadas e conversas informais nas esquinas e bodegas. Todas as chances eram bem vindas para alcançar novos membros. A propaganda e as dinâmicas com outros núcleos foram importantes no proselitismo e na legitimação do núcleo perante a hierarquia estadual e nacional.

Porém, o emprego recorrente dessas práticas mescladas ao entusiasmo dos militantes, resultou em inimizades e conflitos com as autoridades situacionistas locais e estaduais. Apreensivos com a força política oposicionista que o sigma poderia representar nas eleições municipais de setembro de 1935, varguistas e integralistas se envolveram em peripécias movidas por paixões e ódios. E claro, por interesses.

## **2.2 ACOSSADOS**

Gradualmente, o cerco ao Integralismo se fechava. Inicialmente no município (1935), depois veio a perseguição movida pelo interventor Manoel Ribas (1936) em todo o Paraná. O Estado Novo arrematou o serviço (1938). Em Teixeira Soares, os verdes que juraram fidelidade a Plínio Salgado e ao sigma passaram a ser mais contidos em suas investidas. Em harmonia com o crescimento do movimento em nível nacional, as tensões tendiam a aumentar e apoquentar políticos e autoridades governistas. Tais arbitrariedades ‘temporãs’ em Teixeira Soares se comparam às ocorridas em Rio Negro no Paraná e em Santa Catarina, no mesmo período.

Em 17 de maio de 1935, instruções da chefia estadual orientavam sobre boatos

relacionados à impossibilidade de funcionários públicos se filiarem ao Integralismo, destacando que o movimento estava amparado na Lei de Segurança Nacional.<sup>64</sup> Sobre este fato, *A Razão* noticiou:

No interior da Província, há inúmeros mistificadores que propalam que o funcionário público estadual ou federal, não pode ser integralista, porque estaria incurso na Lei de Segurança. É preciso que se esclareça esta questão. Com as últimas reformas havidas na estruturação da Ação Integralista Brasileira, a Lei de Segurança, não a atinge absolutamente. Porque se assim fosse, o governo já teria dado ordens para que ela fechasse suas sedes, etc. [...] Daí se conclui logicamente que, se a Lei não atinge a AIB, não pode, por conseguinte atingir os seus associados ou partidários, sejam eles os militares que têm direito ao voto, sejam eles funcionários públicos federais ou estaduais, que da mesma forma, têm o grande direito de pensar e de agir conforme a sua consciência. Fica, portanto, esclarecido este ponto de dúvida dos funcionários. O funcionário público pode ser integralista. O governo não pode permitir por este fato de sua função ou de seu cargo, o que incorreria num ato inconstitucional. O Integralismo está garantido pela Lei. (A RAZÃO, nº 3, 17/05/1935, p. 6).

Essas instruções foram dadas diante do crescimento integralista no interior do Paraná. Em Teixeira Soares e outros municípios, o sigma atingiu várias categorias profissionais, incluindo os funcionários públicos. Isso gerou repulsas entre as autoridades governistas, principalmente nos interventores municipais, receosos desses funcionários públicos que ‘abraçaram’ a doutrina de Plínio Salgado. Os boatos de possíveis represálias rondavam as prefeituras. Com objetivo de acalmar os funcionários integralistas, as chefias do *A Razão* publicaram a nota garantindo seu amparo pela Lei de Segurança Nacional, deixando evidente o clima de tensão que pairava no ar.

A avalanche que atingiu o Integralismo em Teixeira Soares começou a deslizar em agosto de 1935. A imprensa regional verde publicava notícias sobre a Lei de Segurança Nacional para tranquilizar os integralistas enquanto os chefes dos núcleos municipais enviavam informações sobre suas atividades. Quanto à relação funcionários públicos/Integralismo, permitida pela Lei de Segurança Nacional, o prefeito de Teixeira Soares, Líbero Nunes, consumou uma das ações mais impactantes da trajetória integralista nesse município. Ignorou a lei federal e demitiu todos os funcionários integralistas da prefeitura. Este fato motivou o telegrama enviado por Adélio Ramiro de Assis, chefe

---

<sup>64</sup> “A Lei de Segurança Nacional, promulgada em 4 de abril de 1935, definia crimes contra a ordem política e social. Sua principal finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. Visava garantir a ordem contra a chamada subversão das leis”. Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional>

municipal da AIB, à redação do jornal *A Razão*:

Teixeira Soares acaba de pagar seu tributo pela grande causa nacional, com exoneração do cargo que ocupavam na prefeitura os companheiros Osmar Ramiro de Assis, Pedro Rodrigues Martins e Germano Baumel, unicamente por serem integralistas, Anauê!  
Adélio Ramiro de Assis – Chefe Municipal (A RAZÃO, nº 16, 15/08/1935, p. 1).

O telegrama expressa um tom de sacrifício dos integralistas teixeirassoarenses no altar da pátria. Vítimas, por sua devoção ao sigma. Apesar da atmosfera densa e das intimidações do prefeito Líbero Nunes e autoridades municipais, os integralistas continuaram suas atividades políticas. Sentindo-se acossados, talvez tenham acirrado ainda mais seus discursos e acabaram perdendo seus cargos pela paixão integralista, pela “grande causa nacional”. Se havia um amparo legal federal aos integralistas no serviço público, é verdade que acima do prefeito Líbero Nunes havia um interventor estadual preocupado com o futuro das eleições naquele ano. Os integralistas estavam organizados em várias cidades do interior e almejavam eleger uns tantos prefeitos. Em Teixeira Soares os funcionários públicos verdes tinham o apoio da elite integralista. Na prática, Líbero Nunes e seus correligionários do PSD, se viam comprimidos pelo forte sigma local. Naquele momento, as pressões eram exercidas de ambos os lados, mas em sentidos opostos, resultando em abalos mútuos.

Em resposta ao eloquente telegrama de Adélio Ramiro, *A Razão* publicou eloquente nota:

Oh Bravos camisas-verdes que fostes demitidos! Conservai a vossa coragem, o vosso ardor, o vosso entusiasmo! Que crime cometestes em Teixeira Soares?  
Cometemos o grande crime de amar a Pátria! Respondeis.  
E só por isto, oh valorosos companheiros, tiraram-vos e à vossa família, o pão de cada dia!  
Mas os nossos perseguidores não tem coração? Não compreendem os grandes ideais?  
Oh Deus, tu que reges os destinos do Universo, dá-nos sempre a mesma coragem e o mesmo ardor nesta campanha e dá-nos força, para que cheguemos ao término da cruzada, a fim de enxotarmos a chicote os miseráveis vendilhões do templo da Pátria!  
Aos intrépidos companheiros demitidos, pela politicalha vil e interesseira, o estímulo e a vibração do nosso ANAUÊ! (A RAZÃO, nº 16, 15/08/1935, p. 1).

O texto do *A Razão* elogia a bravura e dedicação dos camisas-verdes demitidos e os coloca como vítimas da "politicalha vil e interesseira", sem coração que roubava o pão de



suas famílias. Invocando as forças divinas em desagravo, o articulista evidencia um lado pouco enfatizado na propaganda integralista: a violência e o revanchismo quando afrontados. Sua luta era uma cruzada, portanto sagrada, o que justificava o “chicote” contra os inimigos, neste caso, os membros do PSD, “vendilhões do sagrado templo da pátria”. Considerando que faltava pouco menos de um mês para a “cruzada” nas urnas, os integralistas demitidos ganharam uma “licença forçada”, antes das eleições municipais de 12 de setembro.

As demissões tinham o intuito de frear o avanço do Integralismo e amedrontar os militantes. Líbero Nunes agiu por força das disputas políticas e, provavelmente, por ordens superiores. Afinal, Nunes tinha relações profissionais e de amizade com Assis, Martins e Baumel.<sup>65</sup>

As demissões foram um ‘tiro no pé’ de Nunes e do PSD? O episódio causou comoção na cidade e acirrou rancores entre pessedistas e integralistas. Desempregados, Assis, Martins e Baumel devem ter dado tudo de si na campanha do Partido Integralista em Teixeira Soares. Não apenas por amor ao sigma, mas por interesse em recuperar seus empregos elegendo um prefeito verde.

A temporada de caça aos integralistas estava aberta em todo o país<sup>66</sup>. Ocorreram perseguições aos camisas-verdes de Rio Negro/PR e prisões em Santa Catarina, como a do chefe integralista de Jaraguá do Sul, Ricardo Gruenvaldt. Ainda em agosto de 1935, o delegado de Rio Negro saiu no encalço dos integralistas proibindo o uso da camisa verde. Os líderes do sigma local remeteram telegramas ao jornal *A Razão* denunciando as arbitrariedades policiais. Logo, as perseguições aos integralistas no interior do Estado ocuparam as manchetes. Diante da situação o jornal destacou:

No interior do Paraná e de Santa Catarina notamos heroísmos de paciência dos camisas-verdes. O Chefe ordena calma! Os integralistas sabem obedecer!

Há, porém, certos fatos que merecem repulsa devida. Por exemplo, o delegado de Rio Negro, proibiu o uso da camisa-verde, discricionariamente, como se Rio Negro, fosse um feudo, que não seguisse a nossa Constituição.

Depois quando era levada a fita integralista, no cinema local, o delegado colocava na porta deste cinema, ostensivamente, alguns soldados com armas embaladas. As distintas famílias rio-negrenses tiveram que voltar,

<sup>65</sup> Segundo Dona Elenite Baumel, seu Tio Germano Baumel ficou “muito sentido” com o “Lili” (Líbero Nunes) após as demissões dos integralistas da prefeitura. A experiência integralista na cidade e seus desdobramentos interferiram nas relações interpessoais, distanciando companheiros de trabalho e amigos. (BAUMEL, Elenite. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 15/05/2014).

<sup>66</sup> Para maiores informações sobre a perseguição no governo de Vargas, ver: VIANNA, Marly; GONÇALVES, Leandro. *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2014.

pois julgaram ao ver os policiais que iam a uma trincheira... (A RAZÃO, nº 14, 05/08/1935, p. 3).

Em Rio Negro, Teixeira Soares e Jaraguá do Sul/SC, o clima denso remetia aos tempos da ‘República Velha’, com suas disputas políticas envolvendo bravatas e violências, práticas que o governo instalado em 1930 prometeu combater. Tais conflitos ganharam amplitude nacional a partir de 1935 e colocaram em cheque parte importante da ritualística da Ação Integralista Brasileira. Mais uma vez, a camisa verde era proibida.

Os conflitos entre os verdes e autoridades locais geravam um sentimento de insegurança. Ser integralista, simpatizante da AIB ou ter amizade com integralistas podia trazer complicações. Tudo dependia das condições em cada localidade.

Segundo Leônidas Baumel, no episódio da demissão dos integralistas da prefeitura de Teixeira Soares, seu pai Germano Baumel sofreu com a perseguição aos integralistas. De acordo com Leônidas, seu pai não era integralista, mas acabou preso com os camisas-verdes e demitido de sua função na prefeitura por ter laços de amizade com eles. Afinal, ser amigo ou estar acompanhado de um integralista era motivo para ser qualificado como tal. Os conflitos políticos tomaram grandes proporções na pequena Teixeira Soares. Nessas perseguições sobravam ‘estilhaços’ para todos os lados. Cogitamos que Germano Baumel tenha se aproximado do movimento integralista durante os primeiros meses da fundação do núcleo local. Porém, suas relações pessoais com políticos de distintas posições partidárias o fizeram se afastar do movimento evitando maiores conflitos, o que se verificou inútil. Naqueles tempos a neutralidade era algo difícil. Talvez seja essa a razão pela qual seu nome tenha desaparecido dos periódicos verdes, entre nomes de outros integralistas de Teixeira Soares.

Para o jornal *A Razão*, as notícias divulgadas sobre as perseguições, prisões e demissões em vários municípios repercutiram negativamente para os varguistas. Em repúdio ao despotismo das autoridades locais situacionistas, segundo o jornal, as adesões ao sigma aumentaram.

Pressentindo os efeitos nefastos da demissão dos integralistas da prefeitura, o prefeito Líbero Nunes, contraditoriamente, se apressou em atestar que Assis, Martins e Baumel desempenharam com zelo e honestidade suas funções. A essa atitude, *A Razão* se manifestou em artigo na primeira página:

Os camisas-verdes do Paraná ainda estão revoltados diante da injustiça praticada pelo Prefeito de Teixeira Soares, demitindo os três nossos valorosos companheiros: Osmar Ramiro de Assis, Pedro Rodrigues Martins e Germano Baumel, dos cargos que ocupavam na Prefeitura local

só pela razão de serem integralistas.  
 Isto é apenas a antevisão da fragorosa derrota nas próximas eleições municipais, do senhor Prefeito!  
 Teixeira Soares em peso é integralista, daí os desatinos do prefeito, que quer a viva força se conservar no poder, que o povo já lhe nega. (A RAZÃO, nº 17, 23/08/1935, p. 1).

Em seguida, publicou o atestado dirigido pelo prefeito a um dos demitidos:

Atesto que, o Sr. Dr. Pedro Rodrigues Martins, exerceu, durante o tempo que vai de Dezembro de 1933 a Agosto de 1935, nesta Prefeitura o cargo de Engenheiro Municipal, desempenhando-o com todo o zelo e honestidade, tendo se demonstrado um ótimo funcionário e um técnico de alta competência profissional.  
 Teixeira Soares, 12 de Agosto de 1935. Líbero Nunes – Prefeito Municipal. (A RAZÃO, nº 17, 23/08/1935, p. 1).

O atestado de Líbero Nunes demonstra como o discurso político podia ser elástico e mudar o timbre facilmente em uma pequena localidade. A notícia da prisão e demissão dos integralistas se espalhou rapidamente e em poucas horas estava na ‘boca do povo’. Como os demitidos eram benquistos na cidade e certamente pelo próprio Líbero Nunes, o prefeito tratou logo de se retratar diante da opinião pública, ou pelo menos amenizar a repercussão de seu ato. As eleições se aproximavam, mas o estrago já estava feito.

Contudo, *A Razão* viu beleza no drama. Afirmou que o episódio foi “uma prova de que a consciência de um povo não se abafa com perseguições”. (A RAZÃO, nº 17, 23/08/1935, p. 6). Em seguida, apresentou um telegrama de 18 de agosto enviado pelo chefe municipal de Teixeira Soares, Adélio Ramiro:

Em protesto a demissão dos companheiros, ingressaram ontem, para as fileiras integralistas, mais 63 novos companheiros. Anauê! Adélio Ramiro, Chefe Municipal. Diante disso ainda pretendeis perseguir-nos, oh Calígulas da Liberal Democracia? (A RAZÃO, nº 17, 23/08/1935, p. 6).

O jornal valorizou o apoio recebido pelos verdes de Teixeira Soares, enfatizando a reprovação aos políticos situacionistas, rivais dos integralistas nas eleições municipais.

O ‘fantasma de camisa-verde’ fora criado e legitimado no município. Assim, as autoridades administrativas, policiais e militares passaram a vigiá-lo. Diversas solicitações foram dirigidas ao Tenente Jaime do Nascimento, da vizinha cidade de Irati, para acompanhar de perto as atividades ‘subversivas’ dos verdes em Teixeira Soares. Porém, nem sempre esse trabalho se dava de forma pacífica. O jornal pontagrossense *Diário dos Campos* destacava que as atividades dos integralistas de Teixeira Soares eram

“ostensivas” e “provocantes”:

A atividade dos integralistas deste município vinha sendo ultimamente, ostensiva e até provocante para as autoridades do município. Orientados quase que unicamente por elementos que pertenceram à União Republicana, o núcleo dos camisas-verdes de Teixeira Soares vinha agindo de maneira tal, que nem sequer a magnitude do segundo imperador a teria tolerado. Passava em muito os limites da pregação e prática de uma doutrina: enveredava pelo terreno da baixa politiquice, de desassossego à vida pública e de desrespeito às autoridades municipais. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 28/08/1935, p. 6).

A leitura deste jornal demonstra a frequência com que os integralistas eram representados como desrespeitosos à ordem pública e às autoridades. O *Diário dos Campos* circulava em Ponta Grossa, Teixeira Soares e outras cidades com núcleos integralistas. Seu diretor e redator José Hoffmann não economizava tinta para alimentar o sentimento anti-integralista. Consideramos que através de suas páginas, o *Diário dos Campos* colaborou para criar um imaginário social antifascista/anti-integralista em seu raio de alcance.<sup>67</sup>

Nesse sentido, os anti-integralistas e favoráveis ao governo Vargas encontraram em José Hoffmann um forte aliado. Nem todos os varguistas eram anti-integralistas como Hoffmann, visto que varguistas e integralistas compartilhavam o anticomunismo e o nacionalismo, ou seja, tinham pontos em comum. Em Ponta Grossa, o Integralismo ameaçava levar as eleições com seu candidato Benjamin Mourão. Isso pode ter motivado os ‘ataques’ de Hoffmann através de seu jornal, veículo estratégico de propaganda. Ele buscou desmoralizar o movimento integralista, conter seu avanço na região e criar obstáculos ao seu objetivo maior: chegar ao poder.<sup>68</sup>

Os textos de Hoffmann abordavam o Integralismo, suas práticas e atividades de maneira crítica e negativa. Ao mesmo tempo em que buscava inferiorizar os integralistas de Ponta Grossa, Teixeira Soares e região com analogias e termos que denotavam subversão, esperava justificar as truculências policiais.

A respeito das atividades consideradas provocadoras às autoridades municipais, citamos um trecho registrado pela esposa do prefeito Líbero Nunes, Dona Noêmia, em seu livro de memórias:

---

<sup>67</sup> De acordo com Baczko: O imaginário social é uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o *lugar* e o *objeto* dos conflitos sociais. (BACZKO, 1985. p. 310).

<sup>68</sup> Sobre isso ver: CHAVES, Niltonci B. A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do Diário dos Campos a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*, v. 4, n. 1, 1999.

#### ATITUDE INESPERADA

Para bom andamento da administração da Prefeitura nomeou um engenheiro e um secretário. Ambos trabalhavam juntos.

Fazia um ano que Líbero assumiu a Prefeitura quando surgiu o Integralismo, sendo Chefe Plínio Salgado com a **finalidade de derrubar** Getúlio Vargas. Trabalhavam em todo o Brasil com o juramento DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA.

Os dois de confiança de Líbero, secretário [Osmar Ramiro de Assis] e engenheiro [Pedro Rodrigues Martins] ingressaram no Integralismo e fora do expediente normal trabalhavam na Prefeitura para o dito partido de Plínio Salgado.

Líbero sabendo, exaltou-se, despedindo os dois. Ficaram constrangidos com ele, cujo **desejo era vingança**. Lutaram para Líbero aderir ao movimento Integralista, mas **ele não era traidor**, não aceitou. Era firme em suas decisões. (NUNES, 1983, p. 20-21). (Grifo nosso)

Nesse universo de conflitos engendrados em 1935, percebemos no relato da esposa de Líbero Nunes, redigido quase 50 anos depois, que o episódio das demissões e a presença do sigma na cidade motivaram ressentimentos entre os políticos, estendendo-se às suas famílias. Dona Noêmia se refere de maneira negativa aos integralistas resumindo seus objetivos a “derrubar Getúlio Vargas”. Seu relato revela certo desencanto quanto ao convívio dos integralistas com seu marido, o varguista Líbero Nunes, derrotado pelos camisas-verdes nas eleições de 1935. Conforme a Sra. Elenite Baumel, verificamos que as demissões dos camisas-verdes da prefeitura e a relação desses com os varguistas deixaram marcas profundas entre os moradores do município. Seu tio Germano Baumel era amigo e companheiro de trabalho de Líbero Nunes. Segundo Elenite, o “Tio Germano ficou muito triste com o Lili [Líbero Nunes]”. (BAUMEL, Elenite. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 15/05/2014).

A efervescência política e os ânimos exasperados entre getulistas e integralistas estremeceram laços de amizade e moveram sentimentos de mágoa entre amigos e famílias. Os eventos daqueles dias conturbados da década de 1930 permaneceram vivos nas memórias de moradores e descendentes daqueles que os vivenciaram diretamente. Podem, através da metodologia da História Oral, trazer seus ecos ao palco da história e de sua escrita.

Com o crescimento da AIB em âmbito nacional em meados de 1935 e com os comunistas imobilizados, os integralistas vislumbravam o poder nacional. Isso gerou os primeiros estranhamentos entre varguistas e integralistas. Em Teixeira Soares as relações entre os dois grupos azedaram, na medida em que as eleições se aproximavam e ambos se preparavam para o embate nas urnas. Na visão de Dona Noêmia, a demissão dos funcionários

integralistas da prefeitura de Teixeira Soares por seu marido ocorreu porque eles trabalhavam para a AIB depois do expediente, fazendo da prefeitura um escritório do sigma. Ou seja, os integralistas foram demitidos por ‘justa causa’ por pregarem a ‘doutrina verde’ no local de trabalho, não apenas “pelo fato de serem integralistas”, como diziam os militantes. A repartição pública era um espaço propício para difundir as ideias do sigma e angariar novos adeptos e eleitores. Além de Pedro Rodrigues Martins e Osmar Ramiro, outros funcionários podem ter mudado de lado, o que certamente irritou o prefeito. Como pessedista, considerava o ingresso na AIB uma traição ao governo de Vargas e ao seu partido, ainda mais ‘debaixo de suas barbas’. Outro ingrediente adicionado por Dona Noêmia foi o fato de Martins e Ramiro serem da confiança de Nunes. Somados os descontentamentos políticos e pessoais, Nunes teria agido por impulso e demitido os funcionários, mesmo esbarrando na legislação que naquele momento autorizava os funcionários públicos a militarem na AIB. Mas, antes disso, consta que os demitidos teriam tentado ‘converter’ o prefeito ao sigma. As paixões políticas estremeceram laços de confiança e amizade, produzindo ações intempestivas e sentimentos contraditórios.

Com o crescente número de confusões envolvendo os camisas-verdes, as autoridades municipais situacionistas:

...tiveram que tomar providências para por termo a tais abusos. E, para esse fim, veio destacado para aqui o Tenente Jayme Gonçalves do Nascimento, da Força Militar do Estado. Tão logo este oficial aqui chegou, para assumir o cargo, o chefe municipal dos camisas-verdes o procurou, indagando-lhe quais as instruções que Sua Senhoria trazia com referência às atividades dos adeptos do sigma. O tenente Jayme disse quais eram. Exortou então, aos integralistas que se abstivessem de envergar as camisas-verdes, que não levassem a efeito reuniões públicas, que cessassem a sua atuação condenável e perniciosa aqui. O chefe municipal deu-se por satisfeito e prometeu obedecer às instruções policiais. Dois ou três dias depois porém, reuniu um numeroso grupo de correligionários e de camisas-verdes todos foram para a estação. O tenente, em vista disso, para ali se dirigiu, arrancando o chefe municipal do meio do grupo e o levando para o presídio local, onde esteve ele detido algumas horas e onde foi advertido para que não mais vestisse a sua camisa verde. O chefe municipal do núcleo integralista local, Sr. Adélio Ramiro, seguiu hoje para Curitiba, onde foi se queixar as autoridades sobre as ocorrências. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 28/08/1935, p. 6).

Ao contrário do que ocorria em Ponta Grossa, onde as questões entre integralistas e autoridades policiais eram resolvidas supostamente pelo diálogo<sup>69</sup>, em Teixeira Soares os verdes viveram às turras com a polícia local. Os entreveros geralmente acabavam na

<sup>69</sup> Ver a notícia publicada no jornal *A Razão* de 30/07/1935, p. 4, citada na página 65.

delegacia. O *meeting* integralista organizado por Adélio Ramiro na estação revela as táticas verdes para escapar das proibições impostas pelo tenente Jayme do Nascimento.

A escolha da estação ferroviária para reunir integralistas não foi casual. Tratava-se de um dos principais espaços de sociabilidade em Teixeira Soares, ponto de confluências econômicas, políticas e sociais. O objetivo de Adélio era mostrar que os integralistas não cessariam suas atividades naquele momento, faltando duas semanas para as eleições. Sem se preocupar com as interdições da polícia e suas possíveis consequências, Adélio se dispôs a lutar pela causa integralista. Reuniu seus companheiros e foram à estação com suas camisas-verdes. Uma dupla transgressão às ordens do tenente Jayme: a reunião pública e o uniforme.

Os confrontos com as autoridades e com a polícia não foram fatos isolados em relação ao sigma. Além do prefeito Líbero Nunes e do tenente Jayme do Nascimento, outros políticos varguistas eram contrários às atividades integralistas. Podemos inferir que o sigma encontrou um grupo rival coeso em Teixeira Soares. Sobre a prisão de Adélio Ramiro de Assis, o político, coletor estadual e comerciante Antônio Correia de Sá deu seu depoimento ao *Diário dos Campos*:

#### **O caso dos integralistas de Teixeira Soares**

Tivemos o ensejo de ouvir anteontem, na Rua 15 de novembro desta cidade, ao Sr. Antônio Correia de Sá, prestigioso chefe político situacionista de Teixeira Soares. Indagamos se eram verdadeiras as notícias provindas daquela localidade e por nós registradas, com respeito às ostensivas e abusivas atividades dos camisas-verdes.

O nosso distinto interlocutor nos respondeu:

- O Sr. Adélio Ramiro não foi preso, consoante foi noticiado. Foi, apenas, convidado a comparecer à delegacia, para prestar certas informações, depois do que retirou-se à vontade. Não houve, pois, coação de liberdade alguma.

- E quanto às atividades dos integralistas, estavam mesmo, requerendo um paradeiro?

- Estavam infelizmente os adeptos do Sigma, em Teixeira Soares, ao invés de se dedicarem exclusivamente à sua doutrina e procurarem dar o exemplo que devia partir de todo aquele que deseja regenerar os costumes, acatando para este fim as autoridades constituídas, puseram-se a fazer toda espécie de politiquice, atuando em público de maneira nada recomendável conforme já foi noticiado.

Foram as declarações que nos fez o Sr. Correia de Sá. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 31/08/1935, p. 4).

As atividades policiais em Teixeira Soares chamam atenção. Após a fundação do núcleo integralista, a polícia municipal passou a acompanhar o sigma de perto. Os policiais, além da vigilância e controle da ordem, eram correias de transmissão de mensagens ideológicas e desempenhavam uma missão educativa, difundindo novos padrões de disciplina

urbana e ordem moral. (STORCH, 1985, p. 7-33).

Em 1935, artigos do *Diário dos Campos* noticiaram a brutalidade do delegado e seus policiais em Teixeira Soares. Nem todos os conflitos envolvendo a polícia tinham fundo político, mas contribuíam para que cenas violentas fossem comuns na cidade. Em 23 de janeiro de 1935, o mesmo jornal afirmava que Teixeira Soares havia voltado aos tempos de barbárie e selvageria. Não eram raras notícias sobre espancamentos em vias públicas. Mesmo denunciadas as arbitrariedades do delegado Rodrigo Teixeira Pinto e seus ajudantes, tais atos ficavam impunes.<sup>70</sup>

Teixeira Soares era um lugar pequeno, mas estava longe de ser pacato. O movimento era garantido pelo delegado e seus policiais que presenteavam pancadas democraticamente a qualquer um que tinham por suspeito, não poupando nem mesmo pessoas de prestígio como o comerciante Pestun. Os termos usados por Pestun como “barbaramente”, “brutalmente” e “canibalesca”, denotam a truculência policial contra os cidadãos. Se esse peculiar *modus operandi* ocorria em pleno espaço público, o que ocorreria nos fundos da delegacia?

O ‘espetáculo’ presenciado pela população nas ruas de Teixeira Soares pode ser compreendido como uma estratégia policial pedagógica, para coibir atividades consideradas desviantes e corrigi-las. Para Elizabeth Cancelli (1994), o governo Vargas pretendia criar o novo homem, o novo cidadão, por isso as afirmações da brasilidade, da valorização do trabalho, dos trabalhadores e dos bons costumes eram essenciais para “correta organização social”. A polícia servia como instrumento do poder para assegurar a organização da nova sociedade, para que os indesejáveis e os que não se adequassem a ela pudessem ser controlados ou dela excluídos. Essa operação de controle e saneamento social se estendia ao campo político, oferecendo tratamento especial aos tidos como hereges: opositores reais ou

---

<sup>70</sup> O jornal reivindicou que o chefe de polícia regional demitisse o delegado Pinto, após protestos populares. O Sr. Pestun narrou o fato no qual se viu envolvido: “No dia 9 do mês corrente, às 13 horas, aproximadamente, fui intimado pelo Sr. Teixeira Pinto para comparecer a delegacia. Não havia cometido nenhum delito e não via motivo para aquela intimação. Todavia, não pus dúvida em atender a intimação. Sucedeu, porém que, um contratempo me inibiu de estar na delegacia na hora aprazada. Um pouco atrasado, por isso, me dirigia, no mesmo dia, à presença do delegado, quando em plena via pública fui arbitrariamente preso. Quis obter que aquela prisão era injusta. A resposta que os soldados, seguindo instruções do delegado, me deram foi canibalesca: agrediram-me eles sem dó nem piedade, espancando-me barbaramente. Há algum tempo sofro de ataques epiléticos. E com essa agressão inopinada e brutal, tive um desses acessos. Nem diante de minhas contorções de sofrimento os soldados se apiedaram. Fui arrastado até a delegacia, onde fui atirado aos pés do delegado que, só então, me deu a conhecer o “nefando crime que ali me levava”: uma queixa formulada contra minha pessoa por questões de não haver eu ainda saldado uma conta! A população, ante o espetáculo assistido, exigiu a minha soltura, Rodrigo Teixeira Pinto, viu-se obrigado a me pôr em liberdade duas horas depois. Mas não foram só essas as violências da polícia de Teixeira Soares. Alguns praças indo à minha casa para me prender e não me encontrando ali, em virtude de me achar eu já em caminho para a delegacia, maltrataram brutalmente minha senhora, chegando a levar revólveres ao peito de minha esposa!” (DIÁRIO DOS CAMPOS, 23/01/1935, p. 1).



fictícios.

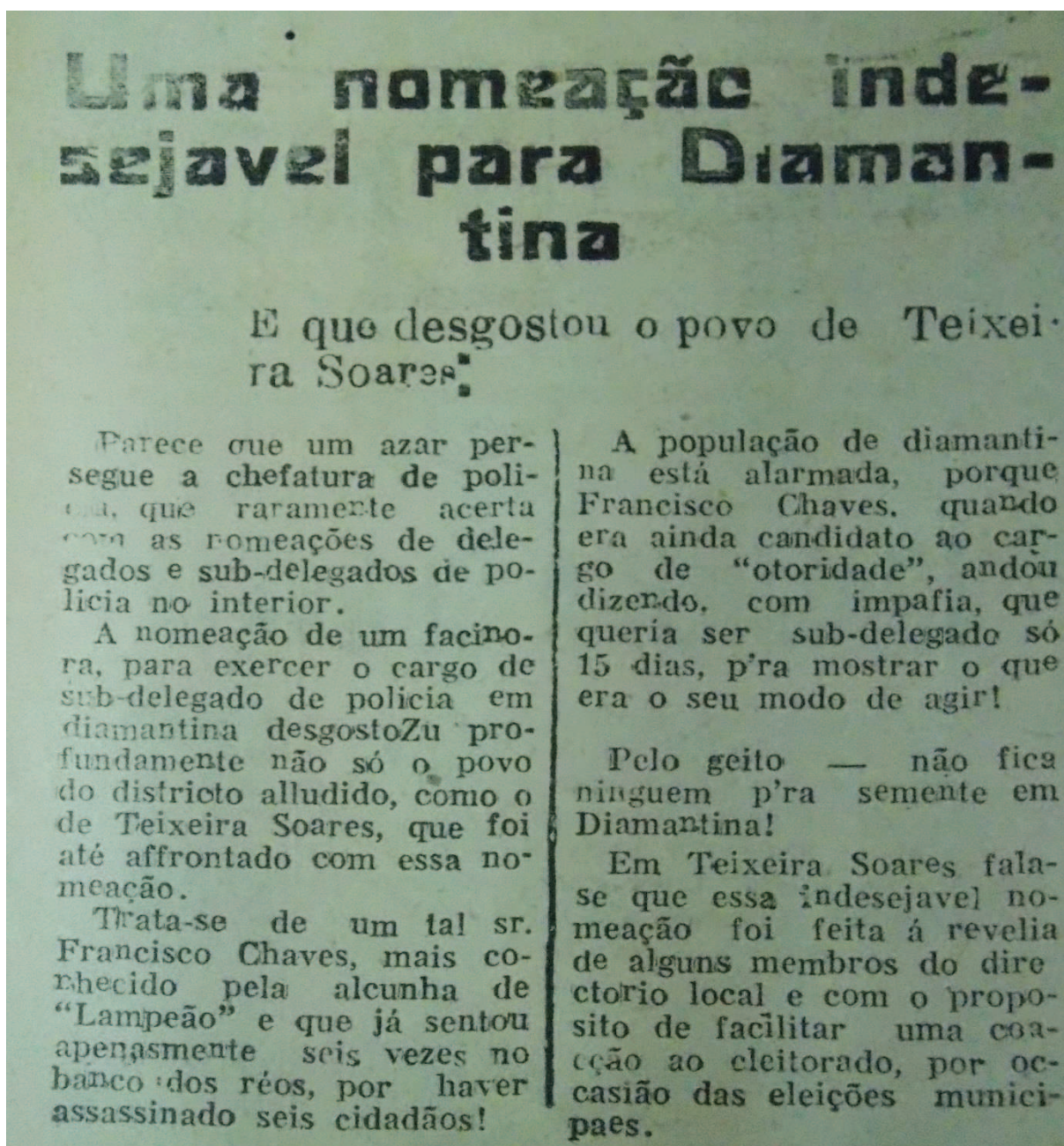
Devemos considerar o contexto de instabilidades políticas da década de 1930 e suas polaridades como o Integralismo e o comunismo, tidos como perigos concretos pelo regime. Assim, mais que assegurar a ordem pública, a polícia era a mão pesada do governo Vargas nos Estados e municípios. Ela garantia a manutenção do domínio através do terror e da insegurança gerada, era “o elemento que fundamentava o poder de Vargas”, retirando do indivíduo os seus direitos jurídicos e humanos. Essa violência estatal desembocaria na criação das polícias especiais no Estado Novo como as Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS), com o objetivo de assegurar a segurança nacional e ‘caçar’ os subversivos.<sup>71</sup> Certamente, esse “clima” de abertura para a violência e o ambiente antidemocrático da cidade nesse período, facilitou o trabalho da DOPS a partir de 1938.

Entretanto, observamos um número maior de agitações em Teixeira Soares após o desembarque do sigma em 1935. No mesmo ano, ocorreram mudanças nos cargos da polícia, atitudes reprovadas pelos teixeirassoarenses e até mesmo pelo ferrenho anti-integralista José Hoffmann, na edição do *Diário dos Campos* de 15/05/1935:

---

<sup>71</sup> Sobre as atividades policiais na Era Vargas: CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na Era Vargas*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. A respeito das atividades da DOPS no Paraná: MONTEIRO, Cláudia; GANDRA, Edgar. Arquivo DOPS-PR: fontes para história social no Paraná. *Revista Analecta*. v.8, n.1, jan/jun. 2007, p. 57-66.

Figura 5: Nomeação de “Lampeão” para subdelegado do distrito de Diamantina.



Fonte: DIÁRIO DOS CAMPOS, 15/05/1935, p. 4. Museu dos Campos Gerais – Ponta Grossa.

Mais que desgostar a população, a nomeação de "Lampeão" para o cargo de subdelegado do distrito de Diamantina tinha claras intenções políticas. O distrito era um reduto verde e o policiamento comandado por um "facinora" a serviço do governo visava intimidar os integralistas em seus anseios eleitorais. A polícia marcava presença também no espaço rural.

Essa medida evidencia que a presença integralista no Distrito de Diamantina

preocupou os políticos situacionistas. Em meados de 1935, com a explosão de filiados e o fortalecimento do sigma, os integralistas se animaram em contrapor o PSD nas urnas. Ao se associarem ao núcleo municipal e ao subnúcleo de Fernandes Pinheiro, os integralistas de Diamantina engrossaram o ‘caldo verde’ no interior do município. Com suas bandeiras e uniformes, os militantes de Diamantina energizavam os desfiles e as sessões cívicas públicas com suas melodias embaladas por uma banda, instruindo desde cedo as crianças e adolescentes no caminho do Integralismo.<sup>72</sup>

O sigma em Diamantina reunia bodegueiros, padeiros e vendedores ambulantes o que contribuía para articular a propaganda e as estratégias político-ideológicas. Os bodegueiros eram pessoas influentes, especialmente nas pequenas localidades. As bodegas eram pontos de encontro e sociabilidade e todos desejavam desfrutar da confiança do bodegueiro porque ele era a ponte entre o lugar e o mundo exterior. Fornecia o necessário, mesmo sem ver o dinheiro na hora. Por isso, a opinião, o conselho político do bodegueiro possivelmente pesava na hora das eleições. Votos podiam se transformar em moeda para pagamento de dívidas e mercadorias. Sobre as funções dos bodegueiros e as sociabilidades nas bodegas na região de Irati, vizinha a Teixeira Soares:

O envolvimento dos bodegueiros com diversas atividades era certamente uma estratégia para manter os negócios equilibrados em um contexto no qual havia diversas possibilidades abertas ao ganho. Aumentavam assim a freguesia, cativada pela oferta de outros serviços e produtos, além do consumo corriqueiro do armazém. Portanto, os vínculos que os bodegueiros buscavam criar com os frequentadores de seus estabelecimentos eram múltiplos. (TELEGINSKI, 2012, p. 179).

A sociabilidade marcava o espaço das bodegas e os contatos entre bodegueiros e fregueses extrapolavam as relações econômicas. Nas bodegas, encruzilhadas de atividades diversas, além das compras e vendas, circulavam ideias, informações e boatos. Ali se estabeleciam amizades e, por vezes, muito ao contrário. Entre um gole de cachaça e um tira gosto, a conversa corria solta e até se filosofava. Em um momento ou outro, todos cruzavam suas portas o que as tornavam propícias às “novidades” do sigma. Como em Irati, os comerciantes de Teixeira Soares ocupavam funções públicas: eram juízes de paz, funcionários da prefeitura e da junta do alistamento militar. Assim, a figura do bodegueiro era essencial na

---

<sup>72</sup> Há indícios da forte presença integralista em Diamantina a partir da fotografia de um desfile, com a participação de famílias. Com a banda, possivelmente a Banda do Clube Guarany de Teixeira Soares, as bandeiras integralistas e as camisas-verdes tinham como fundo a exuberância das araucárias, como veremos adiante. Fonte: Acervo particular de Aloisius Baumel. Legenda da foto: Desfile de integralistas em Diamantina em 31/10/1937.

vida econômica, social e política das pequenas cidades. Como afirma Teleginski: “uma das mercadorias das bodegas era o apoio eleitoral”. (2012, p. 73). “Mercadoria” que pode ter contribuído para a legitimação do sigma no distrito de Diamantina e decidido o resultado das eleições municipais.

A rede estratégica integralista formada na sede do município e seus distritos tornou-se um perigo concreto para os varguistas nas urnas. Como se verifica pelo *Diário dos Campos*, os rumores sobre a nomeação de Lampeão como subdelegado justificavam-se pela intenção da situação em coagir a população nas eleições. A presença de Lampeão em Diamantina assustou os moradores do distrito e da sede do município. Por tabela, o *curriculum vitae* do subdelegado nomeado desabonou as autoridades locais.

Frente às atividades e dinâmicas integralistas observamos uma escalada das dificuldades enfrentadas pelo sigma municipal. Isso o levou a reordenar suas atitudes. Listamos fatores que motivaram essas mudanças:

- Crescimento do núcleo: inferimos que em menos de três meses o número de adeptos de “carteirinha” passou de duzentos integralistas. A sociedade local “abraçou” as ideias do sigma.<sup>73</sup>
- A conquista de representatividade do núcleo municipal perante a hierarquia estadual e nacional. Os núcleos do interior do Paraná mostraram-se ávidos na propaganda do sigma. Com diferentes estratégias mobilizaram em pouco tempo significativa parcela de suas populações, agregando famílias inteiras.
- A afirmação do movimento enquanto partido político mostrou-se uma realidade no município. Os anseios eleitorais determinaram novas atitudes como a ocupação do cenário público e privado, e até mesmo de repartições públicas como a prefeitura.
- A oposição feita por autoridades estaduais e municipais como prefeito, delegado e policiais que desrespeitavam leis que asseguravam a liberdade de expressão aos integralistas. Especialmente quando perceberam que o sigma poderia ameaçar seu domínio.
- A repercussão da proibição das camisas-verdes, das prisões e, sobretudo, das demissões dos integralistas da prefeitura, pode ter gerado a desaprovação popular contra os situacionistas, e contabilizado novos membros e votos ao partido integralista, em vista das eleições municipais.

---

<sup>73</sup> Segundo informações prestadas por Dona Rosy Gubert e Dona Elenite Baumel, a sociedade teixeirassoarense entrou no movimento integralista com muita disposição, faziam desfiles com famílias inteiras empunhando bandeiras e vestindo a camisa verde.

Não esgotamos aqui as peias vividas pela AIB em Teixeira Soares. Citamos exemplos representativos que mudaram o rumo do cotidiano integralista. Isso abriu novas perspectivas ao sigma, como veremos adiante.

### 2.3 DA MILITÂNCIA ÀS URNAS: O SIGMA E AS ELEIÇÕES

Ao abordarmos aspectos político-eleitorais do movimento integralista no Paraná observamos um quadro significativo sobre a AIB. A força integralista no Estado pode ser avaliada pelos resultados nas eleições municipais de 1935. Naquele ano, a AIB elegeu em vários municípios quase a metade da câmara municipal, além de um prefeito em Teixeira Soares: o primeiro prefeito integralista do Brasil e o único no Paraná, triunfo que conferiu a Teixeira Soares título de “Cidade Integralista”.<sup>74</sup>

É possível notar o crescimento da AIB em Teixeira Soares após as perseguições contra seus membros. Integralistas de carteirinha e boa parte da população foram às urnas demonstrar sua opinião e mudar os rumos da política municipal. Como observou Rémond: “um povo se exprime tanto pela sua maneira de conceber, de praticar, de viver a política tanto quanto por sua literatura, seu cinema e sua cozinha”. (1996, p. 449-450).

Nessa perspectiva, parte da sociedade teixeirassoarensense se exprimiu na maneira de vestir. Usar uma camisa verde revelava suas concepções sobre a política e o voto. A camisa verde proclamava uma maneira de validar anseios, interesses e paixões pelo sigma. Se vestir a camisa estabelecia uma fronteira, por vezes perigosa devido às represálias contra os integralistas, o voto secreto instituído pela constituição de 1934 significava a chance de expressar maneiras de pensar e se comportar quanto à política e à vida em sociedade. Apesar de execrarem a democracia e o voto, as eleições representaram papel essencial na experiência dos integralistas de Teixeira Soares. Através das urnas lutaram por conquistas e por destaque no movimento em nível nacional.

Faltando pouco para as eleições municipais, o ambiente tenso criado após as perseguições e demissões na prefeitura motivou ainda mais os integralistas. Os demitidos Osmar Ramiro de Assis, Pedro Rodrigues Martins e Germano Baumel, visitaram a redação do jornal *A Razão* em Curitiba. A demissão assegurou a dedicação exclusiva dos mesmos às atividades eleitorais do sigma. Além da visita ao jornal, participaram de eventos na capital. Na Sede Provincial foi comemorado o 1º aniversário da fundação do Departamento Integralista

---

<sup>74</sup> Título honorífico concedido pelo chefe nacional aos núcleos por sua representatividade. O título era veiculado através do jornal *Monitor Integralista*, espécie de veículo “controlador” e divulgador das atividades e do crescimento dos núcleos integralistas em todo o país.

Universitário. Discursaram os integralistas Manoel Vieira de Alencar (chefe provincial), José de Figueiredo (universitário), João Alves da Rocha Loures Sobrinho (chefe do Departamento Integralista Universitário) e Jorge Lacerda (diretor-redator d'*A Razão*). Nesta celebração discursou o ‘garoto-propaganda’ de Teixeira Soares, engenheiro Pedro Rodrigues Martins:

Após falou o bravo companheiro de Teixeira Soares, Dr. Pedro Rodrigues Martins, demitido há pouco, só por ser integralista. Falou com grande entusiasmo, dizendo que os 300 camisas-verdes de Teixeira Soares, apesar de perseguidos nunca recuarão. (*A RAZÃO*, nº 17, 23/08/1935, p.3)

Entrementes, em Teixeira Soares o sigma recebia mais adesões, ampliando o número de membros do núcleo municipal. Para lembrarmos, em seu último discurso no mês de julho em Ponta Grossa, na comemoração do aniversário da província paranaense, Rodrigues Martins destacava a presença de duzentos camisas-verdes no núcleo de Teixeira Soares. Portanto, em um mês a AIB local teve o crescimento de 100 adeptos, passando de 300 o número de filiados. Em termos eleitorais, esse número não era nada desprezível e incendiou a política municipal. Devido aos limites das fontes, é impossível mapear quantos dos integralistas inscritos no núcleo eram eleitores. Se tivéssemos acesso aos registros dos eleitores do município, poderíamos estabelecer uma geografia e uma estatística dos votos de cada partido e esclarecer se o fato do movimento ter mais de 300 inscritos no núcleo local realmente decidiu as eleições ou se muitos não integralistas votaram no sigma.

Apesar das dificuldades, os verdes viam no crescimento de suas fileiras a possibilidade de vitória nas eleições. O clima era tenso, mas promissor. Uma nota do *A Razão* remete às expectativas dos integralistas paranaenses quanto às eleições em Teixeira Soares:

Nesse município os camisas-verdes já estão vitoriosos. O situacionismo político local tentou arrefecer os ânimos dos integralistas, demitindo de seus cargos, os valorosos companheiros, Osmar Ramiro de Assis, Pedro Rodrigues Martins e Germano Baumel. Estes companheiros com esta demissão receberão um grande prêmio: a glorificação de seus nomes no dia do triunfo. E com todas estas perseguições, os bravos camisas-verdes de Teixeira Soares, derrotarão fragorosamente os políticos locais, em setembro próximo. Esperem os nossos inimigos e verão. (*A RAZÃO*, nº 18, 30/08/1935, p. 5).

É evidente que os integralistas paranaenses e a imprensa verde estadual, por intermédio do *A Razão*, consideraram a demissão dos integralistas de Teixeira Soares como um sacrifício pelos princípios integralistas. Deixar de lado os interesses pessoais, até mesmo o ‘pão de cada dia’, significava dedicar-se integralmente a vida coletiva, aos interesses

nacionais, ligando-se a uma comunidade maior: o Integralismo estadual e nacional. Mas o sacrifício tornou-se também um trunfo, na medida em que muitos indignados e indecisos abraçaram o sigma às vésperas das eleições.

Rodrigues Martins em seu texto intitulado “São chegados os tempos” (A RAZÃO, nº 12, 23/07/1935, p. 7) não estava enganado sobre o crescimento dos núcleos integralistas em todo país em 1935. De acordo com Athaides a província da AIB estava presente em:

praticamente todo o Paraná habitado em fins de 1935 – contando com atividades de coordenação em municípios, bairros, distritos, vilas, fazendas e portos [...] Arredondando os dados inexatos do *A Razão*, referentes aos 6 meses seguintes, para 9.500 filiados, temos um incremento de 6500 filiados, até janeiro de 1936, o que reflete a criação e consolidação dos núcleos nas regiões interioranas. Até fins de setembro de 1935, o Paraná possuía 31 núcleos municipais e 55 núcleos distritais (ATHAIDES, 2012, p. 141-142).

Em termos comparativos nacionais, em agosto de 1935 havia no país, “segundo balanço de Salgado, 1 deputado federal; 4 deputados nos diversos Estados; 1.123 grupos organizados nos 548 municípios e 400.000 aderentes”. (TRINDADE, 1974, p. 297). A força do sigma ficou notória nacionalmente nas eleições de setembro daquele ano. Esse fato, aliado ao levante comunista de finais de 1935, estendeu aos camisas-verdes várias restrições motivando sua repressão em vários Estados. No Paraná, em função da censura, o jornal integralista *A Razão* encerrou suas atividades em novembro de 1935.

Os verdes de Teixeira Soares ganharam representação junto ao sigma estadual. Seus trabalhos na cidade e contribuições ao jornal eram enfatizados nas páginas do *A Razão*.<sup>75</sup> Um texto de Rodrigues Martins saiu na edição de 23 de julho, data simbólica do aniversário da Província Integralista do Paraná. Em suas palavras, repletas de sentimentos, notamos que o militante tinha plena consciência da força mobilizadora das emoções. Além dos Liberais Democratas (representados pelo Partido Social Democrático - PSD), rivais do Integralismo nas eleições, a crítica de Martins se estendeu aos comodistas e indiferentes, público alvo de seu discurso que poderia ser decisivo na hora do voto. Com sua proposta Rodrigues Martins almejava instigar os ideais do sigma em todo o país, congregando intelectuais e políticos das cidades e trabalhadores rurais do interior do Brasil.

Em âmbito nacional Vargas abria caminho para sua própria política, sem partidos após o golpe de 1937. Antes disso, havia um extenso quadro político partidário, além da AIB<sup>76</sup>. Na

<sup>75</sup> Fonte: (A RAZÃO, nº 12, 23/07/1935, p. 7). Trechos desse texto intitulado “São chegados os tempos” podem ser conferidos na epígrafe do trabalho e na nota de rodapé nº 97.

<sup>76</sup> Como exemplo, citamos: Partido Pró-Estado Leigo, Partido Concentração Trabalhista, Partido Consolidação Cívica, Partido Reivindicador Proletário, Partidos dos Universitários Independentes.

clandestinidade e na cadeia havia o PCB e outros grupos de esquerda. Em Teixeira Soares, além da ausência dos comunistas, notamos os choques entre as elites locais na disputa pelo poder. Líbero Nunes, prefeito nomeado, tentaria manter-se no cargo através do voto. Parte da elite econômica ligada ao mate e a madeira vinha de fora do município (outsiders) e teve problemas para se inserir politicamente diante dos moradores originais (estabelecidos).<sup>77</sup> É provável que o primeiro grupo tenha vislumbrado no sigma seu passaporte para mudar aquela situação.

Em Teixeira Soares o Integralismo se difundiu como elemento aglutinador de diversas classes, atraindo especialmente alguns industriais do ramo ervateiro e madeireiro. A ritualização e o pertencimento a um grupo pode ter mobilizado os “comodistas e indiferentes”, fator decisivo para o sucesso eleitoral do sigma. Em um momento em que o Partido Social Democrático (PSD), a União Republicana Paranaense (URP) e o Partido Social Nacionalista (PSN)<sup>78</sup> de Plínio Tourinho constituíam com maior destaque as possibilidades de participação política, o Integralismo apresentou-se como força alternativa ao eleitorado paranaense. Em Teixeira Soares (1935), porém, não havia muitas opções no cardápio partidário naqueles dias. As eleições para prefeito e vereadores confrontaram o PSD e a AIB.

Na primeira página da edição de 23/08/1935, *A Razão* convocou os camisas-verdes às urnas, como para uma guerra: “CAMISAS-VERDES! A Urna é o Peito da Liberal-Democracia! Cravemos nela, Com Rancor e Sem Misericórdia, o Punhal do Nosso Voto!” (A RAZÃO, nº 17, 23/08/1935, p. 1). O “punhal” integralista em Teixeira Soares foi confiado a João Molinari Sobrinho, candidato do sigma para enfrentar o interventor Líbero Nunes ao cargo de prefeito. Nunes, aliado de Manoel Ribas, buscava manter o PSD e a si mesmo no poder.

A menos de duas semanas das eleições, o delegado ‘caçador de integralistas’ em Teixeira Soares voltou às manchetes no *A Razão*, apimentando a reta final da campanha. Os

---

<sup>77</sup> Em *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Norbert Elias discorre acerca das normas de socialização e relações de poder, estabelecidas numa pequena comunidade da Inglaterra nos arredores de uma zona industrial composta de três setores. Apesar de não diferirem quanto ao aspecto econômico, sustentavam uma pluralidade latente em suas práticas e preceitos de socialização, reproduzindo sentimentos de discriminação, delinquência e exclusão entre os moradores de diferentes grupos. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>78</sup> Segundo Rafael Athaides “O PSD fora fundado por Manoel Ribas para concorrer às eleições de 1934 e representava, *grosso modo*, o suporte ao getulismo no Estado. O PSN era a maior oposição partidária local ao PSD; aglomerava revolucionários dissidentes de 1930 ao redor de Plínio Tourinho (ex-líder da Revolução de 1930 no Paraná), contrários às posições de Vargas e de seu interventor local. Já a URP reunia políticos ligados à “República Velha” e ao extinto PRP (Partido Republicano Paranaense)” (ATHAIDES, 2012, p. 188). De acordo com o *Diário dos Campos*, muitos membros da Ação Integralista Brasileira de Teixeira Soares foram pertencentes à URP ou a ela estavam ligados. Esta coligação pode ter significado uma forma de se contrapor ao PSD, aliança que obteve sucesso neste município.



integralistas locais iriam às urnas sem a simbólica e estimada camisa verde, além de terem direitos e rituais proibidos:

O ilustre Delegado de Polícia de Teixeira Soares, Paraná, num ato o mais original da história do movimento integralista, proibiu:

1º que os brasileiros prestem o juramento integralista, ao entrar para as nossas fileiras.

2º que os integralistas andem pelas ruas em grupo com mais de um.

3º que os integralistas se reúnam até na sede, desautorando assim, a determinação do Chefe de Polícia, que permite reuniões públicas dos camisas-verdes.

Nesse andar, o ilustre delegado, dentro em breve também proibirá que os integralistas se alimentem... (A RAZÃO, nº 18, 30/08/1935, p. 6).

Após a eleição, as urnas foram levadas a Ponta Grossa para apuração dos votos. No decorrer dos trabalhos, o candidato situacionista Líbero Nunes demonstrou confiar na vitória:

#### AS ELEIÇÕES NO INTERIOR

Ouvindo candidatos de Teixeira Soares e Reserva.

Estão chegando a Ponta Grossa candidatos aos governos municipais e chefes políticos de várias localidades do interior do Estado, com o fim de assistirem a apuração, nesta cidade, dos pleitos feridos a 12 do mês corrente.

A nossa reportagem teve oportunidade de abordar vários desses políticos, colhendo suas impressões sobre as pugnas em cujos resultados são diretamente interessados.

O Sr. Líbero Nunes, prefeito municipal de Teixeira Soares, e candidato ao mesmo cargo, declarou-nos que o comício eleitoral de 5ª feira última transcorreu sem novidade na aludida circunscrição territorial do Estado. Declarou o Sr. Nunes que, segundo lhe parece, a sua agremiação política, o PSD, obteve a palma da vitória, posto que por pequena diferença, e muito embora houvesse o mau tempo prejudicado a presença de grande número de eleitores às urnas, máximo dos residentes no distrito de Diamantina. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 15/09/1935, p. 6).

Como apontam as tabelas abaixo, as eleições municipais foram levadas por uma 'onda verde' efervescente:

Tabela 2: Resultados das eleições municipais em Teixeira Soares para prefeito - 1935<sup>79</sup>

PARTIDOS		CANDIDATOS	VOTOS
AÇÃO BRASILEIRA (AIB)	INTEGRALISTA	João Molinari Sobrinho	1ª SEÇÃO: 119 2ª SEÇÃO: 134
PARTIDO DEMOCRÁTICO (PSD)	SOCIAL	Líbero Nunes	1ª SEÇÃO: 109 2ª SEÇÃO: 88

Tabela 3: Resultados das eleições municipais em Teixeira Soares para vereadores - 1935

CANDIDATOS	VOTOS	RESULTADO
Amadeu Zanetti (PSD)	1ª SEÇÃO: 11 2ª SEÇÃO: 6	17 VOTOS – NÃO ELEITO
Antônio Correia Machado (PSD)	1ª SEÇÃO: 14 2ª SEÇÃO: 11	25 VOTOS – ELEITO
Frederico Horn (PSD)	1ª SEÇÃO: 8 2ª SEÇÃO: 7	15 VOTOS - NÃO ELEITO
Jesuíno Alves de Britto (PSD)	1ª SEÇÃO: 13 2ª SEÇÃO: 11	24 VOTOS – NÃO ELEITO
João Negrão Junior (AIB)	1ª SEÇÃO: 116 2ª SEÇÃO: 131	247 VOTOS – ELEITO
Ludgero Borgo (PSD)	1ª SEÇÃO: 40 2ª SEÇÃO: 32	72 VOTOS– RENUNCIOU <sup>80</sup>
Manoel Ogero Dias (PSD)	1ª SEÇÃO: 20	39 VOTOS – ELEITO

<sup>79</sup> Fontes: as tabelas foram elaboradas com dados do jornal *Diário dos Campos* de 18 de setembro de 1935. As eleições foram realizadas no dia 12 de setembro de 1935. Como o município contava com mais de 300 eleitores alistados, as urnas foram distribuídas em duas seções conforme o parágrafo 1º do artigo 108 da Lei nº 48, de 4 de Maio de 1935. Atendendo os meios de transporte e as residências dos eleitores, provavelmente a 1ª Seção estava disposta na Sede de Teixeira Soares e a 2ª Seção no distrito de Fernandes Pinheiro, contando com os eleitores do distrito de Diamantina. No dia 17 de setembro todas as urnas já haviam sido apuradas pela junta eleitoral do Estado, como noticiado pelo *Diário dos Campos* que fez ampla cobertura das eleições municipais na região dos Campos Gerais.

<sup>80</sup> Na sessão do dia 21 de março de 1936, o presidente da câmara municipal de vereadores, Antônio Correa Machado, leu para os colegas o ofício recebido do candidato do PSD Ludgero Borgo, segundo o qual: “renunciou ao mandato de vereador por este município, alegando que seus imperativos de ordem privada e mesmo por residir fora do município não podia atender o honroso mandato que lhe foi conferido, renunciando assim o referido cargo”. (Ata da Câmara Municipal, Teixeira Soares, 21/03/1936, p. 1-2).

## 2ª SEÇÃO: 19

As tabelas acima, contendo os nomes dos candidatos a prefeito e vereadores, revelam a tensão das eleições no município. Com apenas dois candidatos ao cargo de prefeito, a população se dividiu entre o Partido Social Democrático e a Ação Integralista Brasileira.

Ao final da apuração, a diferença de votos recebidos pelos representantes da AIB em relação aos candidatos do PSD deu vitória aos integralistas. Um parâmetro disso foi o fato do candidato a vereador pelo sigma, João Negrão Junior, ter obtido 50 votos a mais que o candidato a prefeito pelo PSD, e 55 votos a mais que os somados por todos os candidatos a vereador pelo PSD juntos.

Foram eleitos, além do prefeito João Molinari Sobrinho (AIB),<sup>81</sup> os vereadores João Negrão Junior (AIB), Manoel Ogero Dias (PSD) e Antônio Correia Machado (PSD). Ludgero Borgo, o mais votado pelo PSD, renunciou e não assumiu o cargo de vereador. Atitude que certamente gerou comentários e alguma surpresa. Alegou motivos pessoais e por não residir no município. Pelo menos o segundo motivo era conhecido antes da eleição. Mesmo assim, sua candidatura foi adiante e bem sucedida. O que realmente teria motivado sua renúncia? Tais motivos pessoais nunca foram esclarecidos e podem ocultar conflitos políticos daquele momento.

A ata da câmara municipal de 21 de março de 1936, já na gestão do prefeito integralista, registrou o quadro de vereadores composto por João Negrão Junior (AIB), Manoel Ogero Dias (PSD), Antônio Correia Machado (PSD), João Baptista Daldin (AIB) e João Baptista Gubert (AIB). Provavelmente, pela quantidade de votos recebidos por João Negrão Jr, a AIB elegeu mais dois vereadores pelo quociente da legenda partidária, ocupando assim mais da metade das cadeiras na câmara. Esse perfil deixava o prefeito João Molinari em situação confortável. A AIB envidou esforços em Molinari e Negrão Junior e obteve amplo sucesso eleitoral. Em termos comparativos os resultados eleitorais em Teixeira Soares revelam a particularidade do sigma local. Nos demais municípios paranaenses a AIB não elegeu nenhum prefeito. Seus melhores resultados ocorreram com a conquista da maioria na câmara municipal em Imbituva (6 vereadores), Ponta Grossa (4) e Rio Negro (4). Outros resultados importantes foram: Curitiba (3), Lapa (3), Jacarezinho (2), Paranaguá (1), e São Matheus (1).

---

<sup>81</sup> A vitória de João Molinari Sobrinho, candidato integralista a prefeito em Teixeira Soares, foi noticiada pelos principais jornais da região e da capital: *Diário dos Campos* de Ponta Grossa, o *Castro Jornal* da cidade de Castro e o *Correio do Paraná* de Curitiba. A imprensa integralista também cobriu o importante acontecimento e proclamou Molinari como primeiro prefeito integralista do Brasil. Entre os jornais verdes: *A Razão* de Curitiba, *A Offensiva* e a *Revista Anauê*, ambos do Rio de Janeiro que circulavam nacionalmente.

(ATHAIDES, 2012, p. 197).

De acordo com Athaides, além de Teixeira Soares a AIB no Paraná elegeu outro prefeito:

Em Rebouças, Altair Bittencourt – ex-prefeito converso ao Integralismo – foi eleito para seu segundo mandato. *A Offensiva* apresentou nota de capa informando que sua posse só foi garantida após decisão do Tribunal Superior Eleitoral, em sessão de 11 de setembro de 1936. (ATHAIDES, 2012, p. 196).

Altair Bittencourt foi interventor municipal em Rebouças<sup>82</sup> de 1933 a 1935, nomeado pelo interventor estadual Manoel Ribas. Era braço direito do “Maneco Facão”<sup>83</sup> neste município e representou os governistas nas eleições em setembro de 1935, pelo PSD. Fato interessante é que também foi interventor entre os anos de 1941 e 1946 na mesma cidade, também nomeado pelo próprio Ribas, o ‘caça integralistas’ do Paraná. Constatamos uma questão crucial nessa situação. Será que Manoel Ribas nomearia Bittencourt na década de 1940 caso este tivesse ‘vestido a camisa verde’? *A Razão* registra que Altair Bittencourt era o líder integralista em Rebouças, porém, como veremos adiante, provavelmente suas articulações políticas com o PSD, mais especificamente com Manoel Ribas, falaram mais alto que sua fidelidade a Plínio Salgado.

De fato, *A Offensiva* no dia 12 de setembro de 1936 noticiou a “conquista de outra prefeitura no Paraná”, porém, sem destacar o nome do prefeito integralista que assumiu o cargo no município de Rebouças.

A decisão do Tribunal Superior Eleitoral também foi noticiada pelo jornal carioca *Correio da Manhã*, no mesmo dia:

O Tribunal Superior de Justiça Eleitoral julgou, ontem, o recurso eleitoral 439, do Estado do Paraná, sendo relatado pelo desembargador Collares Moreira. Nesse recurso era recorrente Emilio Arzua e recorrido Altair Bittencourt. As eleições municipais de Rebouças sagraram nas urnas um prefeito, que eleito, faleceu, sem ter tomado posse. Houve, então, uma segunda eleição na qual concorreu o recorrido, que, como prefeito nomeado, estava em exercício. Ferido o pleito, obteve o referido prefeito 292 votos como candidato do Partido Social Democrata, o Sr. Altair Bittencourt, conseguindo o Sr. Emilio Arzua, candidato integralista, 203 votos. O Tribunal Superior julgou o Sr. Altair Bittencourt inelegível por ter exercido já o cargo de prefeito por nomeação, mandando proclamar eleito o candidato do Integralismo. Contra essa decisão votaram os Srs. João Cabral e Candido de Oliveira, que eram da opinião que se devia ferir novo pleito, por ter o

<sup>82</sup> Rebouças estava ligada a Teixeira Soares pela ferrovia São Paulo Rio Grande Railway.

<sup>83</sup> “O apelido de Manoel Ribas surgiu após a execução de sua política de modernização do aparelho estatal paranaense, na qual o então interventor se valeu de inúmeros **cortes** nas despesas e de um rígido controle sobre o funcionalismo”. (ATHAIDES, 2012, p. 203).

recorrido obtido menos da metade dos sufrágios do eleitorado. (CORREIO DA MANHÃ, 12/09/1936, p. 3).

Vemos nesta nota que Altair Bittencourt não se converteu ao Integralismo.<sup>84</sup> Estrategicamente, os representantes do PSD sob o comando de Manoel Ribas, tentaram mantê-lo nomeado no cargo. Mesmo tendo vencido o candidato dos integralistas nas urnas não pôde assumir o posto, pois o Tribunal Superior Eleitoral decidiu favoravelmente a Emilio Arzua, candidato do sigma. Esse, mesmo não obtendo a maioria dos votos na eleição, conquistou a prefeitura para os camisas-verdes do Paraná se tornando o segundo prefeito integralista no Estado.

*A Razão* fez ampla cobertura sobre a vitória dos integralistas de Teixeira Soares. Publicou artigos nos quais era manifesto o ressentimento diante das perseguições sofridas pelos militantes locais:

Camisas-verdes do Brasil! Os nossos valorosos companheiros de Teixeira Soares derrotaram os liberais-democratas, apesar das odiosas perseguições que sofreram elegendo o Prefeito Municipal de seu Município!  
E quantas perseguições e quantos sacrifícios não tiveram os heroicos integralistas de Teixeira Soares! Foram até demitidos da Prefeitura três dos nossos companheiros! De nada valeram, pois, tais coações e tais arbitrariedades! Uma ideia só se combate com uma outra ideia! Levantemos o nosso mais vibrante Anauê aos intrépidos integralistas de Teixeira Soares, verdadeiros baluartes do civismo e da dignidade! (A RAZÃO, nº 21, 20/09/1935, p. 6).

As perseguições aos integralistas em Teixeira Soares e, especialmente, o ‘sacrifício’ dos demitidos da prefeitura não foram esquecidos no momento da vitória. Após vencer as eleições, os integralistas teixeirassoarenses gravaram seus nomes na história do movimento. Orgulhosamente, foram apontados pelos articulistas do *A Razão* como heróis e exemplos de militantes.

Com o triunfo de João Molinari Sobrinho e a conquista da maioria na câmara de vereadores, a AIB saiu fortalecida em Teixeira Soares na disputa política e pessoal entre os chefes locais. Durante o processo eleitoral foi possível acompanhar o fracasso das estratégias dos representantes do PSD para frear o avanço verde. Na verdade, as coações, demissões e prisões tiveram efeito contraproducente. Os ‘novos caciques integralistas’ locais mandavam

<sup>84</sup> Em maio de 1935 Altair Bittencourt aparece como Chefe Municipal do núcleo de Rebouças. (A RAZÃO, nº 7, 15/06/1935, p. 7). Acreditamos que seu “flerte” com o movimento integralista tenha sido repreendido pelo governo situacionista do Paraná. Como vimos pelo Correio da Manhã de 12/09/1936, Bittencourt concorreu às eleições pelo PSD e não pela AIB, da qual havia sido chefe local. Provavelmente, suas articulações políticas com o PSD e sua íntima relação com Manoel Ribas podem ter influenciado sua saída da Ação Integralista Brasileira e na manutenção de suas alianças políticas anteriores.

na erva-mate, na madeira e em muitos empregos, o que ajudou o jogo político a pender para eles. Somem-se a isso, os desmandos dos liberais e a habilidade dos verdes em capitalizar dividendos políticos de situações adversas, as pressões do PSD, excessos dos delegados e subdelegados como “Lampeão”, mais a capacidade de mobilização do sigma, sua organização e espetacularização da política, foram fatores que podem ter sido decisivos para sua vitória.

Quanto ao número de votos colhidos pela AIB, notamos que os integralistas apostaram todas as fichas em seus candidatos João Molinari para prefeito e João Negrão Jr. para vereador. Pela semelhança no número de votos de ambos os candidatos, podemos dizer que os eleitores verdes em Teixeira Soares foram fiéis aos nomes escolhidos para representá-los. Disso resultou a ruidosa vitória integralista.

A ‘paisagem verde’ tomava conta do município. O curioso é que, mesmo com um prefeito eleito e conquistando a maioria na câmara municipal, os integralistas de Teixeira Soares não puderam reabrir a sede de seu núcleo, pois o delegado local não permitiu em desacato aos mandados estaduais que asseguravam os direitos dos camisas-verdes.

Além de Teixeira Soares o “regime do chicote”, como chamou *A Razão*, também “estalava” em Rio Negro, município paranaense na divisa com Santa Catarina. O Capitão Euzébio, delegado local, chicoteou na delegacia Raul Stange, um dos chefes integralistas rionegrenses. Em sua linguagem simbólica eloquente, *A Razão* relatou que ter arrancados os distintivos e a gloriosa camisa do sigma deve ter doído mais em Stange que as chicotadas. E que o chicote não atingiu apenas as costas do companheiro integralista, mas de 500.000 camisas-verdes de todo o país (A RAZÃO, nº 24, 17/10/1935, p. 1). Pelejas envolvendo integralistas e autoridades municipais foram constantes no Paraná em meados de 1935 quando foram fundados núcleos em várias localidades.

Na mesma edição, *A Razão* rememorou o terceiro aniversário do Manifesto de Outubro (lançamento oficial da AIB), no 1º Congresso Meridional Integralista realizado em Blumenau/SC, em sete de outubro de 1935. Entre os mais de 40.000 camisas-verdes de todo o país, Adélio Ramiro de Assis (chefe municipal de Teixeira Soares) e sua esposa marcaram presença acompanhados por colegas do jornal *A Razão*. Além do discurso do líder Gustavo Barroso, de líderes nacionais e representantes das delegações do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o jornal destacou o discurso de Everaldo Leite, Secretário Nacional de Organização Política:

“Camisas-verdes do Paraná!”

Todo o Congresso vibrou hoje de entusiasmo e saudou-vos delirantemente, quando narrei-lhe o êxito formidável que obtivestes nas recentes eleições municipais. Aqui vos renovo e envio ardorosamente aquela saudação. Pelo bem do Brasil! Anauê! Anauê! (A RAZÃO, nº 24, 17/10/1935, p. 1).

As perseguições dos delegados e o sucesso eleitoral dos integralistas paranaenses nas urnas deram o tom a diversos discursos no congresso. Provavelmente, os nomes dos integralistas de Teixeira Soares foram lembrados pelas humilhações sofridas, mas especialmente, pela eleição de um prefeito integralista no Paraná e de vários vereadores. O ambiente no qual “quarenta mil loucos da Pátria desfilaram pelas ruas de Blumenau, como aves anunciadoras de terra firme (o Estado Integral) aos Cavaleiros do sonho e da conquista”, nas palavras do emocionado Artur Thompson Filho (membro da Câmara dos Quarenta<sup>85</sup>), era auspicioso às práticas simbólicas do Integralismo. Em sete de outubro de 1935, Teixeira Soares recebeu o título de “Cidade Integralista”, concedido pelo chefe nacional Plínio Salgado. (MONITOR INTEGRALISTA, nº 22, 07/10/1937, p. 8). A vitória e o título deram visibilidade nacional aos integralistas do núcleo de Teixeira Soares.

As conexões entre os verdes nacionais e estaduais se intensificaram a partir dos sucessos eleitorais no Paraná. Menos de uma semana após o Congresso de Blumenau, estava programada uma conferência para 12 de outubro em Ponta Grossa. O conferencista da noite seria ninguém menos que o próprio chefe nacional, Plínio Salgado, em carne, osso e camisa verde:

Acompanhado de sua filha Maria Amelia e do bravo aviador Ribeiro de Barros, o Chefe Nacional passou por Curitiba no dia 12 do corrente, ficando apenas meia hora, nesta capital. O Chefe tinha vindo de Antonina e de Paranaguá, onde fizera duas formidáveis conferências. Devido o atraso da viagem e por ter que seguir imediatamente a Ponta Grossa, o Chefe Nacional fez uma rápida refeição na residência do nosso Chefe Provincial Dr. Vieira de Alencar. No momento em que o Chefe tomava o automóvel de linha rumo a Ponta Grossa, uma multidão enorme de camisas-verdes ovacionou-o com entusiásticos anauês. Soubemos que a conferência do Chefe em Ponta Grossa foi arrebatadora, tendo falado até a uma e meia da madrugada. (A RAZÃO, nº 24, 17/10/1935, p. 6).

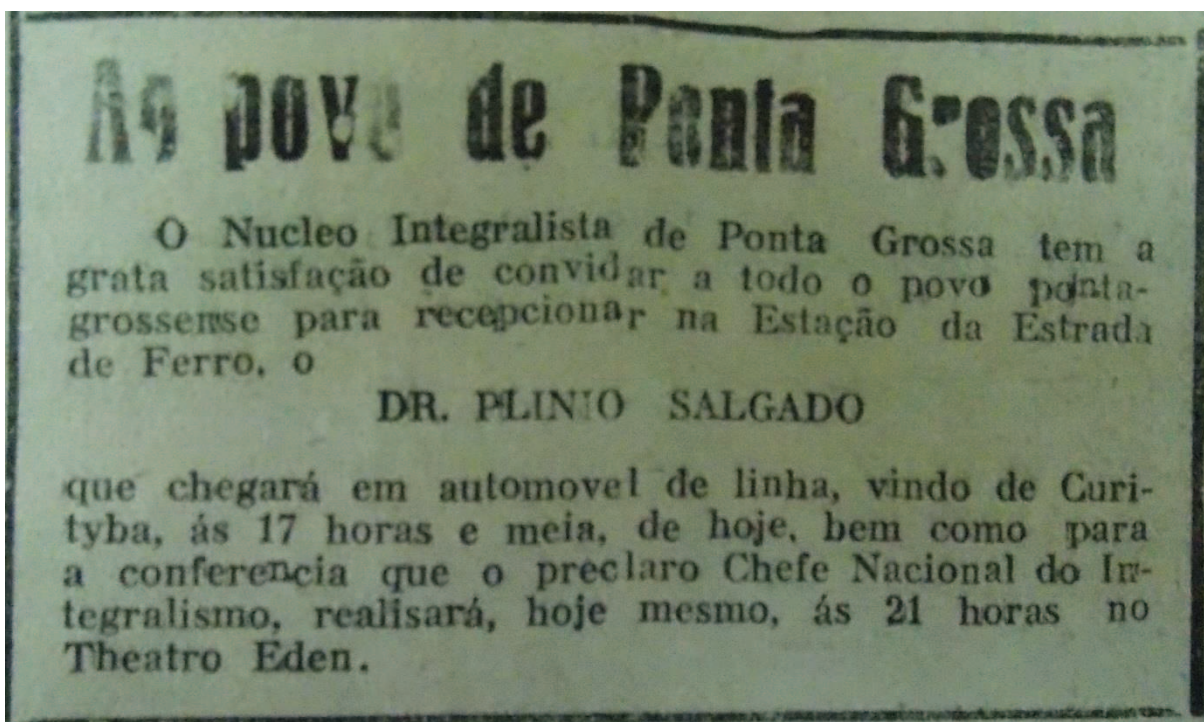
Acompanhado de suas famílias, a biológica e a do sigma, Plínio Salgado realizou conferências em Antonina e Paranaguá. Após subir a serra e passar pela capital, Salgado

---

<sup>85</sup> “A Câmara dos Quarenta é um organismo consultivo, formado por “personalidades de alto valor moral e intelectual.” Ele se estrutura internamente em comissões especializadas para opinar sobre problemas suscitados pelo Chefe Nacional. Seu papel, na realidade, é mais decorativo que consultivo. Segundo o testemunho de certos membros da Câmara, Salgado, para evitar divergências entre o Chefe e a Câmara, se entrevistava previamente com os relatores das comissões [...] A Câmara dos Quarenta seria o núcleo do futuro Senado integralista.” (TRINDADE, 1979, p 174-175).

seguiu viagem para a conferência em Ponta Grossa. Pelo *Diário dos Campos*, antipático ao sigma, mas que não recusava dinheiro, os integralistas ‘princesinos’ convidaram a população para recepcionar Salgado na estação e prestigiar sua conferência:

Figura 6: Convite para a conferência de Plínio Salgado no Teatro Éden em Ponta Grossa, dia 12 de outubro de 1935 <sup>86</sup>



Fonte: DIÁRIO DOS CAMPOS, 12/10/1935, p. 1. Museu dos Campos Gerais

Além do convite na imprensa, os verdes de Ponta Grossa enviaram telegramas aos núcleos de cidades como Imbituva, Irati, Ipiranga, Entre Rios, Castro, Rio Azul, Guaraúna, Rebouças e Teixeira Soares, na maioria ligadas a Ponta Grossa pela ferrovia. (Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais. Documentos: nº 439 à 447) Como era praxe, os militantes dos núcleos vizinhos engrossavam as fileiras do sigma em suas festividades e conferências realizadas em Ponta Grossa. Isso conferia maior efeito a esses eventos provocando indignação nos adversários e admiração da população.

Conforme agendado, o chefe nacional Plínio Salgado proferiu sua tão esperada conferência na noite de 12 de outubro de 1935 em Ponta Grossa:

<sup>86</sup> O convite para a conferência, publicado no *Diário dos Campos*, foi pago pelo Núcleo Integralista de Ponta Grossa no mesmo dia da edição, para destacar o mesmo na primeira página. Fonte: Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais. Documento: nº 450.



Grande massa popular recepcionou o ilustre patricio na “gare” da praça João Pessoa. Momento depois, compacta assistência foi levada a efeito a anunciada conferência no Eden Teatro. Falaram, no decorrer do comício político: o Sr. Emmanuel Bittencourt Correia de Castro, chefe municipal local; o Sr. Geminiano Guimarães; o Dr. Olympio de Paula Xavier, na qualidade de representante do núcleo de Ponta Grossa; o Sr. N. Lins como representante do núcleo da capital; o Sr. João Fairbanks, deputado estadual de São Paulo pelo integralismo, e componente da comitiva do Sr. Plínio Salgado. O último a falar foi o conspícuo autor de “O Estrangeiro”. Todos os oradores discorreram sobre a doutrina do Sigma. A partida desta cidade do Sr. Plínio Salgado está marcada para hoje. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 13/10/1935, p. 1).

Ocorria dessa maneira uma progressiva articulação entre os verdes paranaenses e nacionais em finais de 1935. Porém, o que mais chamou a atenção na conferência realizada em Ponta Grossa, não foram os discursos dos chefes integralistas, mas o que aconteceu nos bastidores da visita de Plínio Salgado à cidade. Em nota, *A Offensiva* noticiou o encontro entre o chefe nacional e o primeiro prefeito integralista do Brasil, João Molinari Sobrinho, eleito em Teixeira Soares.

Figura 7: Plínio Salgado (sentado ao centro) com João Molinari Sobrinho (sentado à esquerda de Plínio) e vereadores de Teixeira Soares/PR. João Negrão Junior é o primeiro em pé à esquerda.



Fonte: A OFFENSIVA, nº 78, 09/11/1935, p. 7. CDO/UEM.

Além de atos coletivos, havia momentos reservados dos integralistas, marcados pelo desenvolvimento do rito. Como vemos na imagem 7, os verdes estão dispostos de modo semelhante a muitas fotos com o chefe nacional Plínio Salgado ou outra alta autoridade integralista. Isso confirma a hierarquia no movimento. Entre os compromissos de Plínio Salgado no Paraná, acreditamos que a fotografia tenha sido tirada momentos antes da conferência no Teatro Éden. O intervalo entre sua chegada às 17:30 e 21 horas, horário da conferência, certamente foi marcado por contatos entre o chefe nacional e os chefes municipais paranaenses presentes no evento em Ponta Grossa.<sup>87</sup>

<sup>87</sup> No sábado em que foi realizada a conferência de Plínio Salgado no Teatro Éden, os integralistas de Teixeira Soares ficaram hospedados em Ponta Grossa. Verificamos no recibo emitido no dia 16/10/1935 por Ladislau

As comemorações<sup>88</sup> voltadas às datas históricas do movimento ocorriam em nível nacional, na capital do Estado e no interior do Paraná. Na região dos Campos Gerais, eram realizadas em Ponta Grossa para comportar os milicianos vindos de outras cidades, pois era um entroncamento ferroviário.

Após tantos conflitos nos quais se envolveram, o período pós-eleições foi de calma para os integralistas de Teixeira Soares. *A Razão* elogiou os novos tempos que se anunciavam. Desta vez, os camisas-verdes estavam no poder:

Teixeira Soares o município que teve a honra de ser o primeiro no Brasil em eleger um prefeito integralista, não dormiu sobre os louros da vitória. A gloriosa “Cidade Integralista” do Paraná, na última sessão, teve 48 novas inscrições, entre as quais as do ilustre Juiz de Paz e senhora. O famoso delegado que proibiu agrupamentos de integralistas mais de um já foi exonerado.

O nosso vibrante Anauê ao bravo Chefe Adélio Ramiro de Assis. (A RAZÃO, nº 26, 31/10/1935, p. 1).

Notamos no trecho acima que as adesões ao sigma em Teixeira Soares foram muitas depois da vitória nas eleições. Talvez muitos indecisos ou receosos diante dos desmandos do delegado, tenham aguardado a vitória integralista para externar sua simpatia e adesão com segurança. Muitos deles, certamente já haviam feito isso com seu voto secreto e ajudado a AIB a conquistar a prefeitura e a maioria na câmara. Mais de um mês após as eleições, os integralistas ainda comemoravam o triunfo contra os liberais democratas. Era um momento delicado. Os ânimos estavam a ‘flor da pele’ e os rancores mútuos causariam mais desavenças e desejos de vingança. Sobre aquele período, Dona Noêmia Nunes, esposa do ex-prefeito situacionista Líbero Nunes escreveu:

#### UM ACORDO

Depois que o Integralismo venceu as eleições em Teixeira Soares. Era um domingo quando compareceram em nossa residência um grupo de senhores, fazendo-nos um convite para participar de um churrasco com a finalidade de tentarem um acordo político. Líbero disse-me:

---

Bukowski, da Ação Integralista Brasileira, núcleo de Ponta Grossa, que o pagamento foi referente à hospedagem fornecida a 24 integrantes do movimento de Teixeira Soares. Fonte: Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais. Documento: nº 452.

<sup>88</sup> Entre as principais datas comemoradas podemos citar a Vigília da Nação (28 de fevereiro), as Matinas de Abril (23 de abril), Aniversário da Província do Paraná (23 de julho), Aniversário da fundação do Departamento Integralista Universitário (16 de agosto), Dia da Pátria, (como denominavam os integralistas, no dia 07 de setembro), Comemoração do Manifesto de Outubro da AIB e a Noite dos Tambores Silenciosos (07 de outubro) e Dia da Bandeira Nacional (19 de novembro). O aparato ritualístico e as sessões doutrinárias visavam unificar e dar maior coesão ao movimento. Sobre os símbolos e as festas integralistas: “Os símbolos e os ritos integralistas”. In: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 163-211.

- Vou para não imaginarem que não quero acordo. Mas contra a minha vontade.

Foi. Almoçou, tomou cerveja e conversaram muito; a cerveja subiu. Houve uma discussão, um tiro saiu. Deixo de revelar quem foi, mas quem salvou Líbero dessa tragédia foi um grande amigo, Arlindo Pereira Borges, que batendo no braço do pistoleiro o tiro foi desviado. Acabou-se a festa. Entraram em acordo. Líbero não queria inimigos. (NUNES, 1983, p. 26).

Pelos jornais, depoimentos e memórias, percebemos que havia um clima de guerra entre getulistas e integralistas em Teixeira Soares de maneira não ser difícil crer no drama narrado em detalhes por Noêmia Nunes. Depois do sufoco que haviam passado, os integralistas naquele momento controlavam a cidade. Em Teixeira Soares, o movimento alcançou um particular sucesso entre os núcleos integralistas paranaenses. A chegada dos integralistas ao poder desencadeou uma onda de choque na sociedade teixeirassoarense. Havia mágoas armazenadas o bastante para desforras até então proteladas. Possivelmente, com a vitória nas eleições após sofrimentos e perseguições, os integralistas encontraram satisfação em ostentar o poder e tripudiar sobre seus inimigos, autoridades policiais e políticos locais como o ex-prefeito Líbero Nunes. Conforme relatou sua esposa, Líbero foi ao churrasco dos integralistas contra sua vontade, para manter as aparências de liberal que ouvia e negociava. O “acordo” pressagiava claros objetivos políticos: silenciar os opositores derrotados, pelo diálogo ou pela violência. Mesmo remédio amargo que bem conheciam os verdes. Naquele domingo, em torno da mesa, a cerveja destravou as línguas e ânimos contidos resultando em quase tragédia. Desaforos políticos se resolviam à bala. O choque entre os grupos rivais alcançaram proporções nunca vistas até aquele momento. É possível que os integralistas, após chegarem ao poder, tenham incorporado às suas estratégias de aliciar novos membros a via das coerções e violências. Prática não exatamente original no Brasil e em várias partes do mundo naqueles tempos.

No clima de disputas e revanches, integralistas e getulistas impregnaram o cotidiano da cidade com suas polvorosas políticas. Entre demissões, perseguições e prisões, os integralistas sacralizaram o espaço da cidade com seus desfiles, gestos e discursos inflamados, terminando o ano de 1935 com grande novidade para o movimento integralista no município, no Estado e no país: a experiência de conquistar e exercer o poder.

**CAPÍTULO III - CIDADE INTEGRALISTA: CAMISAS-VERDES, DO PODER À  
QUEDA**

Neste capítulo analisamos as ações da gestão integralista em Teixeira Soares entre 1936 e 1937, seus projetos políticos e os conflitos envolvendo a câmara municipal cuja maioria dos vereadores era partidária do sigma. Analisamos em seguida o Estado Novo, os políticos e funcionários públicos integralistas foram destituídos e os partidos colocados na ilegalidade. Nesse momento tenso, os integralistas locais e de todo Paraná enfrentaram repressão generalizada após acusação de envolvimento nos *putsche* integralistas de 1938. Por fim, delineamos o ambiente de rivalidades e rancores engendrados pela experiência do Integralismo no poder.

### 3.1 MOVIMENTOS DE UMA GESTÃO INTEGRALISTA

A vitória nas eleições de 1935 coroou o crescimento e a consolidação do Integralismo em Teixeira Soares, ecoando no Paraná e no sul do Brasil. Se em 1935 os seguidores de Plínio Salgado já incomodavam as autoridades governistas, após os significativos resultados dos verdes nas urnas o incômodo virou dor de cabeça. O levante comunista de novembro estendeu aos camisas-verdes as restrições do governo varguista motivadas pela ameaça vermelha.<sup>89</sup> A vitória integralista em Teixeira Soares foi seguida de um período de calmaria, diferente dos conflitos entre a AIB e os liberais no primeiro ano da instalação do núcleo local. As pressões dos situacionistas sobre os verdes na cidade tiveram desaprovação popular repercutindo diretamente no resultado da eleição que deu à AIB o primeiro prefeito integralista do país.

---

<sup>89</sup> Sobre o levante de 1935: VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Figura 8: João Molinari Sobrinho. Primeiro prefeito integralista do Brasil, eleito em Teixeira Soares em 1935.



Fonte: Acervo pessoal de Francisco Adyr Gubert Filho.

João Molinari Sobrinho, prefeito de Teixeira Soares eleito pelo Integralismo, não teve maiores dificuldades nos meses que sucederam sua posse. Teve confortável maioria de vereadores camisas-verdes na câmara municipal. Entre eles João Negrão Jr., João Baptista Gubert e João Baptista Daldin. A onda verde que se ergueu nas eleições fez a política inclinar-

se favoravelmente aos integralistas. Nos primeiros meses de sua gestão, Molinari buscou por em prática seus projetos e cercar-se de pessoas de sua confiança. Com o distrito de Diamantina recém anexado do município vizinho de Palmeira, Molinari estendeu suas ações para toda área rural do município e seus distritos: Fernandes Pinheiro e Diamantina.

Em março de 1936, mês da prisão de Luiz Carlos Prestes no Rio de Janeiro, João Molinari Sobrinho tomou posse como prefeito eleito.<sup>90</sup> Em 22 de julho de 1936 a Câmara Municipal de Teixeira Soares, presidida por Antônio Corrêa Machado, sancionou a lei nº 8 aprovando o novo código de posturas do município, primeiro e prioritário projeto da bancada integralista. As atas da câmara registraram as colisões em torno da aprovação do novo código. De sua formulação à aprovação foram necessárias várias discussões e votações. Inicialmente eram dois anteprojetos: um de João Negrão Jr. representando os integralistas e outro do Capitão Manoel Ogero Dias pelos getulistas. Como os integralistas eram maioria na câmara, o projeto proposto por João Negrão Jr. prevaleceu. As desavenças corriqueiras em 1935, entre getulistas e integralistas nas ruas da cidade chegaram à câmara municipal em 1936.<sup>91</sup> No plenário, ambos os grupos se digladiavam:

Votou contra a aprovação da ata aludida o Sr. Vereador Manoel Ogero Dias. Pelo presidente foi perguntado que fizesse as restrições a fim de que faria constar, declarando o Sr. Manoel Ogero Dias que não tinha restrições a fazer e que apenas não assinava a referida ata em sinal de desaprovação. (Ata da câmara municipal, Teixeira Soares, 27 de março de 1936, p. 7).

Manoel Ogero Dias iniciou um processo de oposição sistemática aos vereadores integralistas que contavam com o apoio do prefeito. Nas sessões da câmara, o getulista geralmente votava contra os projetos propostos por integralistas e questionava as deliberações votadas pela maioria. Suas ausências em várias sessões eram uma forma de protestar contra os rumos da política local, dominada pelos integralistas no legislativo, executivo e judiciário. Com a aprovação do projeto de posturas municipais do vereador integralista João Negrão Jr., Manoel Ogero Dias apresentou à mesa um protesto por escrito requerendo que o mesmo fosse

---

<sup>90</sup> Até a posse do prefeito integralista João Molinari Sobrinho, a prefeitura ficou sob o comando do Oficial da Força Militar do Estado, o 1º Tenente Palmiro Gomes de Oliveira. Segundo Antônio Corrêa Machado, enquanto chefe do executivo municipal Palmiro se revelou um “administrador dinâmico incansável, honesto e zeloso em todos os serviços que lhe foram confiados, executando inúmeros benefícios ao município, contentando toda a população desta gleba paranaense”. (Ata da câmara municipal, Teixeira Soares, 29 de março de 1936, p. 16).

<sup>91</sup> A respeito das relações entre os vereadores da Câmara Municipal de Ponta Grossa entre o período de 1936-1937, a historiadora Carmencita de Holleben Mello Ditzel afirma que: “A leitura das Atas da Câmara Municipal de Ponta Grossa no período de 1936-1937 permite concluir que as relações entre integralistas e demais vereadores era de cordialidade e cooperação.” (2004, p. 142). Situação oposta das relações que analisamos na Câmara de Vereadores de Teixeira Soares.



registrado em ata. O pedido foi acatado com aprovação de todos os vereadores e registrado em ata por determinação do Presidente Antônio Corrêa Machado. Assim protestou Ogero Dias:

“Protesto pela nulidade das deliberações tomadas até hoje por esta Câmara, em virtude de haverem sido as mesmas resolvidas sob um requerer ilegal, qual o de se negar ao Presidente o seu direito de voto, como vereador, assegurado pelas leis estaduais em vigor. Teixeira Soares, 28 de Março de 1936. (a) Manoel Ogero Dias.” (Ata da câmara municipal, Teixeira Soares, 29 de março de 1936, p. 12)

Ato contínuo ao protesto de Ogero Dias, o vereador integralista João Baptista Gubert, fiscal da mesa e dos serviços deliberados pela câmara municipal, registrou que nenhum dos vereadores negou o direito de voto ao presidente. Em resposta ao protesto de Manoel Ogero Dias, o presidente da câmara Antônio Corrêa Machado deu satisfação à mesa de vereadores, justificando a ausência de seus votos nas reuniões:

“Até o momento presente, todas as reuniões que foram realizadas por esta Câmara, as quais tive a honra de presidi-las, cumpre-me declarar em plenário que todas as reuniões havidas bem como todas as deliberações tomadas por esta Câmara, realizaram-se dentro das leis estaduais em vigor e que, por vereador nenhum lhe foi tolhido o direito de votar. Se até o momento presente deixei de votar foi por minha livre e espontânea vontade e porque assim ditou a minha consciência. A verdade disso tudo, o diz bem alto as atas anteriores que estão por mim assinadas e conseqüentemente aprovadas, bem como pela maioria dos vereadores estando, portanto, todas as deliberações tomadas por esta Câmara justas e legais porquanto só funcionou com a maioria dos vereadores”. (Ata da câmara municipal, Teixeira Soares, 29 de março de 1936, p. 13)

Após o esclarecimento do presidente da câmara, Ogero Dias pediu a retirada de seu protesto e que “o considerassem sem efeito”. Porém, pela maioria dos votos, o protesto foi arquivado. Mesmo eleito pelo PSD, o presidente da câmara Antônio Corrêa Machado ficou em ‘cima do muro’ após a vitória dos integralistas, atitude que favoreceu a bancada verde. Em telegramas enviados aos chefes integralistas do Paraná e de todo o país em 1936 e 1937, verificamos que Antônio Corrêa Machado consta entre os nomes de integralistas conhecidos. Tudo indica que, apesar de eleito pelo PSD, opositor do Integralismo, Machado deve ter mudado de lado e abraçado o sigma após a vitória verde nas eleições municipais. Fato semelhante ocorreu com Jesuíno Alves de Brito (suplente do Partido Social Democrático), empossado em março de 1936 após a renúncia de Ludgero Borgo, citado anteriormente. Eleito pelo PSD, o nome de Brito também surgiu como camisa verde na imprensa integralista. A

vitória integralista em Teixeira Soares seduziu alguns pessedistas a surfarem na onda verde. Por conveniência, interesses ou por de fato concordarem com a mensagem integralista, essas adesões fortaleceram o sigma e a gestão do prefeito João Molinari Sobrinho, acuando o PSD na câmara municipal.

Quanto ao Código de Posturas aprovado pelos integralistas, contestado pelos vereadores do PSD, lembramos alguns de seus propósitos. Em seus artigos fica evidente a intenção integralista de atuar em todo o município, na área urbana e rural, com a conservação do patrimônio público, regularização do comércio, cuidados com a higiene e saúde pública para evitar a proliferação de doenças. O discurso do Código sobre organização, ordem e disciplina era coerente com o discurso do sigma. Disciplinar, moralizar e controlar soava bem aos ouvidos integralistas e conservadores, mas não eram ideias exatamente novas. Estavam presentes nos Códigos de Posturas de muitas cidades desde o século XIX. O código aprovado pelos integralistas na prática era um código padrão, mas foi contestado pelos pessedistas por não terem seu anteprojeto aceito. Não encontramos indícios do código proposto pelo PSD, mas acreditamos que as propostas fossem parecidas e que as divergências ficavam por conta das disputas partidárias.

Através de seu jornal *A Offensiva*, os integralistas divulgavam as realizações da gestão de João Molinari Sobrinho:

Em Teixeira Soares há quase unanimidade em torno do Integralismo. O Chefe Adelio Ramiro de Assis é incansável. O Prefeito João Molinari Sobrinho vem prestando também, grandes serviços a causa e, sobretudo, está realizando uma administração modelar. Já amortizou quase toda a dívida municipal que se elevava, quando assumiu a administração, a mais de 30 contos de réis, sem se descuidar de importantes obras públicas principalmente no tocante a viação municipal. Apesar do mau tempo reinante, realizamos em Teixeira Soares, uma sessão assistida por toda sociedade local, inscrevendo-se neste ato trinta e quatro novos companheiros. Em Entre Rios e Guaraúna o movimento é grande. Em suma, a linha sul é hoje uma linha verde! (A OFFENSIVA, 10/09/1937, p. 3).

Com a câmara municipal ao seu lado, Molinari tinha o caminho livre para atuar. O prefeito integralista reduziu o número de funcionários na prefeitura, mas cercou-se de camisas-verdes em suas repartições. Segundo o Código de Posturas, a Prefeitura Municipal contava com oito funcionários: secretário contador, tesoureiro procurador, fiscal geral (acumulando as funções de inspetor de veículos), contínuo e porteiro, zelador do cemitério, além de fiscais dos dois distritos. Ao fiscal geral competia fiscalizar o cumprimento das

posturas, mesma função dos fiscais de distrito aos quais cabia ainda arrecadar impostos, prestando contas mensalmente.

Além da aprovação do novo Código de Posturas, que revogava o código anterior, uma das primeiras medidas tomadas pelo prefeito João Molinari Sobrinho foi solicitar a reintegração de Osmar Ramiro de Assis ao cargo de procurador geral do município, pois havia sido demitido pelo ex-prefeito Líbero Nunes. A reintegração do companheiro integralista foi proposta por Molinari através do ofício nº 115:

Solicito desta Câmara que seja votado um crédito especial suplementar, para atender ao pagamento dos vencimentos do referido funcionário, visto como não foi prevista no orçamento do corrente exercício para esse cargo. (Ata da câmara municipal, Teixeira Soares, 31/03/1936, p. 23).

A solicitação foi acatada. Osmar Ramiro de Assis reassumiu seu cargo e recebeu os salários retroativos à data de sua demissão.<sup>92</sup> O retorno de Ramiro de Assis certamente alegrou seus correligionários e parte da sociedade que considerou injusta sua demissão. O militante foi recompensado pela perda do emprego por sua dedicação à causa integralista. Quanto a Germano Baumel, também demitido pelo ex-prefeito Líbero Nunes, retornou à prefeitura por concurso, assumindo o cargo de fiscal geral do município, nomeado em 17 de fevereiro de 1936.<sup>93</sup> A respeito de Pedro Rodrigues Martins, não encontramos indícios de seu retorno para a prefeitura.

Os jogos de interesses se articularam de forma excepcional na gestão integralista em Teixeira Soares. No início de abril de 1936, ocorreria a votação para os Juizes de Paz<sup>94</sup> da sede e distritos do município. Nesse momento surgiram nomes que anteriormente não constavam do rol dos membros do sigma, mas que se candidataram pela chapa do “Partido Integralista”. As eleições municipais de 1935 mudaram os rumos da política local. Com a AIB controlando o executivo e o legislativo, aliar-se aos camisas-verdes vencedores era uma tática para ‘se dar bem’ na política. Os ventos sopravam a favor dos integralistas. A votação para os cargos de Juizes de Paz se realizariam da seguinte forma:

---

<sup>92</sup> Livro Balancete da Gestão de João Molinari Sobrinho. Teixeira Soares, 16 de abril de 1936.

<sup>93</sup> Livro Balancete da Gestão de Palmiro Gomes de Oliveira. Teixeira Soares, 29 de fevereiro de 1936.

<sup>94</sup> O Juiz de Paz era um magistrado, frequentemente sem formação jurídica, que exercia funções judiciais consideradas ‘menores’: pequenas causas, demandas e casamentos, resolvendo contendas através de conciliação. Exercia também funções não judiciais como: administrativas (fiscalização da execução de obras); policiais (realizar prisões e julgamentos de pequenos crimes) e eleitorais ao atuar na presidência de mesas de votação.

O voto será por gabinete secreto e individual. Cada vereador votará com três cédulas e em envelope especial, cada cédula devidamente rubricada nos envelopes, pelo Senhor Presidente. Cada cédula deverá conter quatro nomes de candidatos, indicando também nomes por extenso, os distritos para que são eleitos os juízes e a legenda do Partido. Serão considerados eleitos pela ordem em que figurarem nas respectivas chapas, isto é, o colocado em primeiro lugar na cédula, será o primeiro Juiz e assim sucessivamente os demais, obedecendo a esse sistema para todos os distritos. Procedida a eleição será feita a apuração pela mesa e conseqüente proclamação dos eleitos. (Ata da câmara municipal, Teixeira Soares, 31 de março de 1936, p. 23).

Parcela significativa da população acompanhava atentamente o desenrolar dos eventos políticos. Envolviam representantes de famílias tradicionais da sede e dos distritos do município. Com maioria na câmara, os integralistas buscavam defender suas posições e interesses. Para tanto, era necessário cercar-se de pessoas de confiança e ampliar o apoio da população em todo o município. Nesse aspecto, os juízes de paz eram aliados essenciais na manutenção da ordem e dos interesses integralistas. Vigiar, fiscalizar, resolver contendas e até mesmo prender os opositores da AIB mais inconvenientes eram trunfos dos quais os verdes não poderiam abrir mão. Juízes de paz integralistas eram olhos e ouvidos da AIB em todo o município. Para isso, os verdes moveram esforços para eleger o maior número de aliados para este cargo.

Em sessão da câmara em três de abril, os vereadores se reuniram para proclamar os candidatos vencedores na eleição para Juiz de Paz. Em primeiro lugar foram apurados os votos da sede do município e depois dos distritos. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 4: Resultados das votações para Juiz de Paz em Teixeira Soares (Sede) e Distritos –  
Abril de 1936

CANDIDATOS	VOTOS	RESULTADO
Ercílio Ramiro de Assis – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA TEIXEIRA SOARES (SEDE)
Francisco Garcia de Lima – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA TEIXEIRA SOARES (SEDE)
João Ribeiro dos Reis – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA TEIXEIRA SOARES (SEDE)
Valdemar Pabst – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA TEIXEIRA SOARES (SEDE)

Afonso Tomás – (PSD)	3 VOTOS	ELEITO PARA FERNANDES PINHEIRO (DISTRITO)
Augusto Daros – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA FERNANDES PINHEIRO (DISTRITO)
Ricardo Marquardt – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA DIAMANTINA (DISTRITO)
Antônio Honório dos Santos – (AIB)	3 VOTOS	ELEITO PARA DIAMANTINA (DISTRITO)

Fonte: Livro de Atas da Câmara Municipal de Teixeira Soares. Período (1936-1937).

Considerando a força integralista na Câmara, o resultado foi o esperado e o sigma dominou também o judiciário municipal. O verde coloria os diversos setores administrativos e cargos chave da prefeitura. O Integralismo foi ágil em implantar sua gestão incluindo colaboradores em todas as esferas públicas e espaços da sociedade teixeirassoarenses.

Em abril de 1936, contudo, o interventor estadual Manoel Ribas iniciava a repressão aos integralistas paranaenses fechando núcleos, proibindo o uso da camisa verde, a circulação de periódicos e as manifestações públicas do movimento. Os tempos de repressão na Província do Paraná se estenderam até dezembro do mesmo ano. Em meio a essas dificuldades os verdes mantiveram seus ritos estrategicamente, como afirma Rafael Athaides:

Mesmo com a completa proibição dos símbolos próprios do Movimento, a AIB se valia da ampla aceitação de ritos e símbolos nacionais ou religiosos. Destarte, o culto às ‘figuras eminentes’ da nação, aos heróis, aos signos nacionais ou religiosos se tornaram o *locus* alternativo para onde os integralistas dirigiam as aglomerações de militantes. O uso do sigma, do ‘Anauê’ ou a celebração da Noite dos Tambores Silenciosos eram sinais de filiação, portanto, execrados pelo poder governamental. Diferentemente era o culto a Tiradentes, ao Pavilhão Nacional ou a celebração de uma missa. Essa brecha simbólica se tornou extremamente importante para os Camisas-verdes no momento da repressão. (ATHAIDES, 2012, p. 212).

Como reação à perseguição de Manoel Ribas, chefes de núcleos de todo o país telegrafaram à redação do *A Offensiva*, ao Presidente da República e ao Chefe Plínio Salgado reivindicando a abertura dos núcleos paranaenses. A coluna do *A Offensiva* intitulada “Desfile telegráfico”, tinha por objetivo chamar a atenção das autoridades para as arbitrariedades do interventor paranaense. De Teixeira Soares chegou o seguinte telegrama:

Dirigi ao Senhor Presidente da República o seguinte telegrama: “Por Deus, Pátria e Família, protestamos contra acto arbitrário do governador deste Estado, mandando fechar sedes integralistas, sob pretexto de Estado anormal do País, quando em nossas sedes são pregadas ideias de grandeza da Patria, respeito as autoridades constituídas, disciplina e combate desassombrado ao comunismo destruidor das tradições da nossa raça. Atenciosas saudações – João Molinari, prefeito municipal – João Negrão – João Gubert – João Daldin, vereadores; Ercílio Ramiro – João Ribeiro – Afonso Tomáz, juizes de Paz; Antonio Fogaça – Aristeu Santos, suplentes de vereadores; Waldemar Pabst – João Britto – João Turra, suplentes de Juiz de Paz; Adélio Ramiro de Assis, Chefe Municipal. (A OFFENSIVA, ano III, nº 266, 05/08/1936, p. 5).

Os embates político-ideológicos em Teixeira Soares e no Paraná levaram os verdes a demonstrarem sua devoção pelo sigma estampando suas ações em primeira capa na imprensa integralista. Os militantes de Teixeira Soares trataram de inscrever seus nomes no movimento nacional. Aproveitando “brechas simbólicas”, homenagearam um dos principais mártires do movimento integralista:

NICOLA ROSICA tem seu nome perpetuado em uma das ruas da cidade de Teixeira Soares, na Província do Paraná!  
Os camisas-verdes do Paraná, no município de Teixeira Soares acabam de prestar uma dignificante homenagem posthuma a um dos grandes martyres do Sigma: Nicola Rosica. Publicamos abaixo o trecho da carta dirigida ao Chefe Nacional pelo companheiro Adélio Ramiro de Assis.  
“Participo-lhe também que esta Prefeitura, considerando que os martyres da nossa história não devem ser esquecidos, como exemplo às gerações vindouras: que os patrícios que tombam por um ideal nacionalista de grandeza da Pátria, devem ter seus nomes perpetuados: que Nicola Rosica, por acalantar no espírito um grande ideal nacionalista foi covardemente assassinado por traiçoeiros comunistas, vendilhões da Patria, negadores de Deus e da Família, que o nome desse martyr deve ser perpetuado em uma das ruas desta cidade, como exemplo eterno de civismo, de bravura de brasilidade às gerações futuras, baixou um decreto dando a uma das ruas a denominação de “Nicola Rosica”. (A OFFENSIVA, ano III, nº 265, 22/08/1936, p. 1).

A homenagem a Rosica, militante da AIB paulista, nomeando uma rua na cidade, não agradou os opositores varguistas. Com a implantação do Estado Novo e a ‘saída’ do prefeito integralista, a primeira medida dos varguistas foi mudar o nome da Rua Nicola Rosica. “A justificativa para a revogação do decreto foi que a pessoa homenageada nenhum serviço prestara ao município, ao estado ou ao Brasil, o militante integralista nada havia feito pelo município”. (GUBERT, 1989, p. 45).

Impossibilitados de realizar eventos, congressos e reunir grande número de militantes, os verdes paranaenses buscavam ficar informados sobre as atividades da AIB em outros Estados. Com número significativo de prefeitos e vereadores eleitos em todo o país, os verdes nacionais programaram o primeiro conclave parlamentar no Rio de Janeiro, com o objetivo de homogeneizar a cartilha das gestões integralistas municipais. Nesse evento, no qual discursou o chefe Plínio Salgado e autoridades nacionais, estiveram presentes integralistas do Paraná e militantes de Teixeira Soares. Lembrando as perseguições e as dificuldades vividas pelos integralistas, o prefeito de Teixeira Soares, João Molinari Sobrinho, protagonizou um dos momentos mais emocionantes desse congresso, quebrando até mesmo os rígidos protocolos integralistas:

#### A ENTREGA DOS DIPLOMAS

A seguir, são chamados os deputados, vereadores e prefeitos para receberem os respectivos diplomas. Essa cerimônia que foi acompanhada com os vivos aplausos da assistência. O prefeito de Jaraguá, da Província do Paraná, se apresentou sem a camisa-verde, significando as perseguições que estão sendo movidas ao integralismo, é o assassinio brutal verificado na Noite dos Tambores Silenciosos.

Na ocasião do recebimento de seu diploma, um prefeito da Província do Paraná pronunciou uma ligeira alocução, demonstrando o destemor dos integralistas em face das perseguições injustas e com o fechamento das Sedes naquele Estado. Pediu consentimento ao Chefe Nacional para abraçá-lo e colocou em seu peito uma medalha.<sup>95</sup>

O Chefe Nacional retira a medalha de seu peito, lendo a frase que sobre ela estava gravada: **“No meio da chama das perseguições forja-se o aço verde do Sigma”**. (A OFFENSIVA, n. 313, 17/10/1936, p. 5). (Grifo nosso)

A nota evidencia que o prefeito de Teixeira Soares aprendera a lição do sigma: “A abnegação, o sacrifício e o sofrimento eram meios para despertar a Nação e a alma de um povo” (CAVALARI, 1999, p. 49). Certamente, os eventos integralistas foram os momentos ideais para expor as angústias, sofrimentos e paixões vividas cotidianamente.

Em Teixeira Soares, a paixão mobilizadora do sigma tocou desde os militantes ativos da cúpula integralista local, como o prefeito João Molinari Sobrinho, até simpatizantes da doutrina de Plínio Salgado que não haviam vestido a camisa verde. A história de um homem em seu leito de morte, publicada no *A Offensiva*, apelou para as sensibilidades dos leitores

<sup>95</sup> As medalhas criadas pela Ação Integralista Brasileira eram uma forma de marcar a realização de eventos importantes em seu calendário como os diferentes congressos ocorridos durante sua existência. Eram ostentadas pelos participantes nas cerimônias dos seus Estados e municípios demonstrando seu comprometimento e presença nos diversos eventos realizados pelo movimento. A medalha com a emblemática mensagem lida pelo chefe nacional ao lado do prefeito de Teixeira Soares foi criada pela Província do Paraná da AIB, em homenagem ao primeiro ano de fundação da Província (A RAZÃO, n. 12, 23/07/1935, p. 1).

Figura 9: “Não queria morrer sem ser integralista”. Cena comovente em Teixeira Soares, “Sertão Paranaense”.

# Não queria morrer sem ser integralista

**UMA SCENA COMMOVENTE, DE FÉ E CIVISMO,  
EM TEIXEIRA SOARES, NO SERTÃO PARANAENSE,  
O PRIMEIRO MUNICÍPIO DIRIGIDO PELOS  
—— CAMISAS-VERDES DO BRASIL ——**

CURITYBA (Correspondente) — Uma scena impressionante de fé integralista nos destinos da Patria acaba de passar-se no sertão paranaense.

Foi na cidade integralista de Teixeira Soares. Um velho de 74 annos de idade, Joaquim Américo de Araujo, angustiado por pertinaz molestia, esperava, no leito, a morte.

Pouco antes de morrer, chamou a familia, para lhe dizer que desejava inscrever-se no Integralismo. Não queria morrer sem ser um soldado de Plínio Salgado.

Como não fosse possível, no emtanto, realizar tal desejo, o velhinho que morria, chamou todos os seus filhos e, com lagrimas ardentes, pediu-lhes — “Meus filhos, entrem no Integralismo. É a ultima vontade de seu velho pai!”

E calou-se, para logo após morrer.

---

Fonte: A OFFENSIVA, ano IV, nº 588, 09/09/1937, p. 3.

O caso do Sr. Joaquim Américo de Araújo foi um entre outros.<sup>96</sup> Notícias como essas podiam ser um tanto exageradas para enfatizar a mensagem da propaganda. Quem sabe fossem até mesmo inventadas buscando captar novos adeptos pela emoção, recurso ainda atual na prática política. O Integralismo criou uma relação espiritual e psicológica entre seus militantes e simpatizantes. O integralista nunca morria para o movimento, prova disso eram as celebrações e homenagens prestadas aos mártires do movimento. Qual o momento mais propício, senão a hora da morte, para externar o amor e prestar juramento a um movimento

---

<sup>96</sup> No livro de óbitos da Paróquia Imaculada Conceição, encontramos o nome de Joaquim Américo de Araújo. O livro registra que o Sr. Araújo faleceu aos 72 anos, era casado e tinha filhos. Recebeu os sacramentos de confissão, extrema unção e benção papal. (Livro de Óbitos da Paróquia Imaculada Conceição, 11/08/1937, p. 4). Possivelmente, a fé cristã do Sr. Araújo tenha motivado sua simpatia pela doutrina do sigma. Os detalhes citados no jornal *A Offensiva* não constam do livro paroquial.



que pregava a eternidade da vida e a relação espiritual com Deus? A fé na doutrina integralista moveu sentimentos e comoveu milhares de pessoas. Exemplos dessas mensagens comoventes e homenagens póstumas foram frequentes nas páginas da imprensa verde.<sup>97</sup> Em meio a essas mensagens comoventes, geralmente os integralistas ressaltavam a relação do movimento com a outra dimensão: a dos mortos.

Em suas memórias dos tempos integralistas em Teixeira Soares, o Sr. Leão Marchinski destacou a relação do Integralismo com os mortos. Segundo ele, os funerais eram cerimônias muito importantes: “nos velórios, todos enfileirados faziam gestos [braço direito estendido]. Cheguei a ver um velório” (MARCHINSKI, Leão. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 12/12/2014).

O funeral integralista (ou com a presença deles), presenciado por Leão Marchinski se revestiu de um caráter simbólico ligado à ideia de que os verdes não se esqueciam dos mortos e acreditavam plenamente na relação espiritual com um deus e na infinitude da vida. As narrativas de pessoas não ligadas diretamente ao movimento como o Sr. Leão Marchinski, mas que conviveram com os militantes e suas manifestações contribuem para a história do Integralismo por apresentarem um olhar distanciado das paixões e comprometimentos, presentes nos discursos dos militantes nos jornais integralistas.

No poder entre 1936 e 1937, os camisas-verdes dedicaram seus esforços à gestão na prefeitura. Aprovaram seus projetos, diminuíram a dívida municipal, embelezaram a cidade<sup>98</sup>, conseguiram novos adeptos e fizeram de Teixeira Soares uma cidade ‘verde’. Entretanto, nem tudo foi linear e pacífico. A administração dos integralistas na prefeitura teve seus pontos

---

<sup>97</sup> A esta relação de produção e reprodução de mensagens comoventes no movimento Integralista, Athaides (2012, p. 292) denominou de “retroalimentação”. De fato, o universo sentimental motivado pelas páginas da imprensa integralista contribuiu para os discursos e as ações dos integralistas em todo o país e em Teixeira Soares. Pedro Rodrigues Martins pronunciou um discurso apelando às emoções dos ouvintes, conclamando todos aos ideais integralistas, independente das diferenças sociais. O discurso foi publicado: “É pelo fruto que se conhece as árvores. Pobres irmãos que não veem o princípio diante de vós. Mudai de ideias. Progredi, e vinde juntar-vos a Nós que vos receberemos com os braços abertos, pois o verdadeiro amor que deve unir os homens do Brasil encerra-se na Camisa-verde do Sigma”. (A RAZÃO, nº 12, 23/07/1935, p. 7). Neste discurso intitulado “São chegados os tempos”, notamos o uso de uma linguagem litúrgica, característica de muitos textos tocantes produzidos pelo movimento. A prédica do militante apresenta vários pontos da ideologia integralista como a crítica à massa amorfa, ao comodismo político e a exaltação da família e do Brasil. Fica evidente que o mesmo discernia a força política das afetividades. Mais informações sobre a paixão militante e as mensagens comoventes, ver, especialmente o capítulo 5 intitulado: “As paixões pelo Sigma” de: ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*, 2012. 297 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.

<sup>98</sup> Segundo Francisco Adyr Gubert Filho (1989, p. 42), data de 1936 a construção dos passeios na parte central da cidade que recebeu arborização presente nos dias atuais. O balancete da gestão de João Molinari Sobrinho entre 1936 e 1937 apresenta dados sobre investimentos na urbanização da cidade, nivelamento de meios-fios na Rua XV de Novembro, principal rua da cidade, abertura e conservação de estradas na sede e nos distritos. Essas obras eram realizadas pelos próprios moradores, remunerados pela prefeitura e com a fiscalização dos inspetores de quarteirão.

altos, mas foi sujeita a ventos e trovoadas motivadas pelas disputas com os varguistas gerando atitudes incisivas ou brandas de ambas as partes, dependendo da ocasião, dos ânimos e interesses.

### 3.2 A CAÇA AOS CAMISAS-VERDES

Os meses que antecederam o golpe do Estado Novo foram agitados. As antipatias mútuas alimentaram desavenças e ganas de desforra. Mesmo no comando da prefeitura os integralistas voltaram a enfrentar os caprichos do delegado regional Jaime do Nascimento. Mesmo durante o período legal da AIB, Nascimento proibiu um dos principais rituais do sigma em todo o país: a Noite dos Tambores Silenciosos.<sup>99</sup>

Em 8 de outubro de 1937, aproximadamente um mês antes da implantação do Estado Novo, os chefes integralistas de vários municípios telegrafaram ao chefe nacional informando sobre o início de uma repressão generalizada por parte do governo. De Teixeira Soares, o chefe local, Adélio Ramiro de Assis, enviou a seguinte mensagem ao chefe nacional Plínio Salgado:

Virtude ordem exmo Sr General Comandante região militar e chefia policia estado proibindo até segunda ordem reuniões qualquer partido deixei de realizar sessão solene Noite Tambores Silenciosos Três Anauês. (Telegrama de Adelio Assis a Plínio Salgado, Teixeira Soares/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-1-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/SP).

De Ponta Grossa, o ex-chefe do núcleo municipal, Emmanuel Bittencourt, também telegrafou a Plínio Salgado informando sobre a proibição da Noite dos Tambores Silenciosos pela polícia:

Com os corações erguidos aos céus, os olhos cheios de lágrimas, assistimos no recesso dos nossos lares a brilhante cerimonia no teatro João Caetano, a Noite dos Tambores Silenciosos, ouvindo a vossa palavra ardente, vigorosa neste pobre Paraná, nesta infeliz Ponta Grossa, fomos pela terceira vez proibidos de realizar a cerimonia aguardada entusiasticamente pelo povo da cidade, em virtude das ordens emanadas da Chefia de Polícia. O Estado de Guerra no Paraná servirá unicamente para a perseguição ao Integralismo – Três Anauês. (Telegrama de Emmanuel Bittencourt a Plínio Salgado, Ponta

<sup>99</sup> “Essa cerimônia ocorreu pela primeira vez em 1935, em Blumenau, durante o I Congresso Meridional Integralista e contou com a presença de 40 mil participantes. O ritual deveria ser seguido em todo o Brasil. Na ocasião havia o canto de hinos, juramentos, leituras de poesias e orações em silêncio ao rufar dos tambores”. (CAVALARI, 1999, p. 185).

Grossa/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-6-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/SP).

Entre 1936 e 1937, os derradeiros da Ação Integralista Brasileira na legalidade, ocorreram a criação de vários núcleos e a filiação de muitos adeptos. Isso colocou o movimento integralista na mira das perseguições varguistas e do interventor Manoel Ribas no Paraná. A implantação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937 e a extinção dos partidos políticos em 3 de dezembro frustraram os objetivos integralistas de conquistar com Plínio Salgado a Presidência da República. O autoritarismo da nova etapa do governo Vargas reprimiu os camisas-verdes e todos que se opunham à sua ditadura.

Como afirma Francisco Martins de Souza (1989, p. 23), os caminhos da política na década de 1930 pareciam inclinar-se para uma solução de força que culminou no Estado Novo. A atuação da Ação Integralista Brasileira contribuiu para o ambiente autoritário vivido naqueles anos. Contudo, em finais de 1937 o governo trataria de isolá-la do cenário político e das disputas eleitorais que seriam realizadas em breve e que acabaram substituídas pela ditadura de Vargas. O Brasil tornou-se um Estado corporativo e abandonou as ‘velhas fôrmas’ da democracia liberal. Para o brasilianista Robert Levine: “o presidente apanhara o integralismo de surpresa e pusera a nu sua vulnerabilidade exatamente no momento em que seus chefes se preparavam, pela primeira vez na breve história do movimento, para alcançar legitimidade política” (1980, p. 247). Restou a frustração para os integralistas que visavam o poder nacional e que em pouco tempo se transformaria em repressão aos camisas-verdes de todo o país.

Voltemos ao final do mês de outubro, quase duas semanas antes de Getúlio anunciar o novo regime pelo rádio. A prova de que os integralistas não se intimidaram com as limitações impostas pelo governo e pela polícia estadual foi a manutenção de seus ritos, mesmo após as proibições do tenente Nascimento nos meses que antecederam o Estado Novo. Os tambores não rufaram mais, mas os anauês ecoavam pelas ruas, praças e bodegas de Teixeira Soares. Ao som dos acordes da banda municipal os integralistas não silenciaram e realizaram uma ‘grande marcha sobre Diamantina’:

Figura 10: Desfile de Integralistas no Distrito de Diamantina em 31/10/1937.



Fonte: Acervo pessoal de Aloisius Baumel. Gentilmente cedida por sua filha, Sra. Elenite Baumel.

Com o Estado Novo as câmaras municipais foram fechadas, fato verificado no último registro do livro de atas da câmara municipal de Teixeira Soares, datado de nove de novembro de 1937. Vargas em sua fase autoritária declarada tratou de isolar imediatamente os opositores e indesejáveis de seu governo, depondo prefeitos oposicionistas e substituindo-os por políticos de sua confiança.

O mandato de João Molinari Sobrinho durou quase dois anos, nos quais diminuiu a dívida do município e o colocou em uma situação financeira mais confortável, com um orçamento de 104 contos de réis e uma dívida de 20 contos em 1937. Realizou obras públicas e investiu na educação construindo um edifício de alvenaria onde funcionaria o Grupo Escolar. Mesmo com uma administração eficiente, Molinari perdeu seu emprego por pertencer ao partido errado. Na verdade, com o Estado Novo todos os partidos foram proscritos,

incluindo aqueles que apoiavam Vargas. Por todo o país os núcleos integralistas foram fechados. Em Teixeira Soares, a população presenciou confusões que chegaram às vias de fato:

Como é sabido, por força do artigo 177 da Constituição, foi demitido da função de Prefeito de Teixeira Soares, Sr. Molinari, sendo nomeado seu substituto o senhor Enory Teixeira Pinto. O Sr. Molinari era adepto do Sigma e por isso, Secretario e Tesoureiro da Prefeitura também eram integralistas. Assumindo o cargo o Senhor Enory Pinto procurou cercar-se de funcionários de sua confiança e demitiu o secretario integralista Daros, substituindo-o pelo Sr. Carlos Ribeiro. O Sr. Daros não se conformou com isso e terça feira última, talvez para tirar uma revanche, entrou no recinto da Prefeitura, de chapéu na cabeça e lançou ao Tesoureiro um vibrante anauê. Advertido sobre a inconveniência de sua atitude em uma repartição pública, o Sr. Daros revoltando-se insultou o prefeito e o secretário, saindo em seguida. Julgava-se o incidente já terminado. Mas Daros não estava satisfeito. Foi em casa, armou-se de faca e veio para a rua esperar o Sr. Carlos Ribeiro, que o sucedera no seu emprego. Dali a instantes, quando o Sr. Carlos Ribeiro voltava de um café, lendo um jornal pela rua foi subitamente agredido. Defendendo-se da faca com que Daros procurava feri-lo, foi recuando quanto pôde. Em dado momento, entretanto, o agressor conseguiu atingi-lo com um profundo golpe na mão direita.

Continuando a esquivar o Sr. Carlos Ribeiro conseguiu penetrar em uma casa comercial e ali, apossando-se de uma cadeira, pôde desfazer-se de seu contendor, vibrando-lhe um golpe, com a mesma e fazendo-o perder os sentidos.

Esses acontecimentos comoveram grandemente a população de Teixeira Soares. Foi endereçado um pedido ao Sr. Chefe de Polícia para que designe um delegado especial para instaurar inquérito a respeito do fato. É necessário que enérgicas providências sejam tomadas para que não se repitam tais fatos. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 25/12/1937, p. 4).

O artigo acima teve por título: "Os integralistas promoveram desordens em Teixeira Soares". Na prática, apenas um integralista esteve envolvido. Um pequeno e corriqueiro exagero do *Diário dos Campos* quando tratava dos verdes. Naqueles dias em que a temporada de caça aos integralistas estava aberta, as ocorrências implicando os militantes despertavam a curiosidade do público. Notícias sobre os devotos de Plínio e seu destino ajudavam a vender jornais. Nos meses seguintes à bombástica revelação do Plano Cohen, constatamos no *Diário dos Campos* um gradual incremento das matérias cujos atores eram camisas-verdes. Nelas, recebiam epítetos como desordeiros, galinhas verdes, conspiradores, mazorqueiros e grotescos fascistas crioulos.<sup>100</sup>

<sup>100</sup> Tais adjetivos atribuídos aos devotos do sigma eram frequentes nas páginas do *Diário dos Campos*, situação que piorou após o Estado Novo e a proibição das atividades dos integralistas em 1938 em todo o país. Alguns exemplos podem ser conferidos nas manchetes intituladas: "Conspiratas integralistas", (DIÁRIO DOS CAMPOS, 12/03/1938, p. 1); "Os mashorqueiros verdes preparavam um levante na Bahia", (DIÁRIO DOS

Interessante no episódio narrado pelo jornal é que a ira de Daros desabou sobre Ribeiro, seu substituto no cargo e não sobre o novo prefeito Enory ou outra pessoa. Haveria alguma intriga pessoal entre ambos? É possível que mesmo antes dos verdes serem expurgados da prefeitura, essa situação já fosse vaticinada pelos varguistas ‘à boca pequena’, até mesmo como provocação. O "vibrante anauê" na prefeitura deve ter sido uma cena tensa e hilária, mas ilustra bem o clima político na cidade após as demissões dos integralistas. Incidentes como o destempero de Daros impregnaram o cotidiano. As rugas políticas ganharam contornos quase religiosos.<sup>101</sup> Os camisas-verdes muitas vezes se pareciam mais com devotos de uma entidade espiritual do que filiados a uma causa política. Comportamentos que eram comuns a todos os fascistas.

Embalado pela ordem autoritária do Estado Novo, o conservador *Diário dos Campos* de Ponta Grossa reproduziu em suas páginas um discurso anti-integralista virulento e sensacionalista. O redator José Hoffmann seguiu os mandamentos da época para os jornais que desejavam manter seus prelos rodando: incensar o regime e vituperar seus inimigos.

Depois de se opor a organizações e partidos que lhes representassem uma ameaça, os varguistas impuseram uma metódica perseguição para silenciar os integralistas. Buscando remover a mancha verde de Teixeira Soares, a polícia local contou com os préstimos das polícias de Ponta Grossa e de Irati para vigiar e punir as ações integralistas. Mesmo com informantes da polícia por todos os lados, os camisas-verdes, então definitivamente descamisados, volta e meia burlavam as proibições. Em janeiro de 1938, o chefe provincial Manoel Vieira de Alencar encontrou-se publicamente com outro integralista e “fez a saudação partidária, levantando o braço e fazendo-a acompanhada do pomposo anauê”. Como a conhecida saudação estava proscria Alencar foi parar na delegacia. Explicou ao delegado Percival Loyola que a saudação integralista não ocorreu e que o cumprimento ao companheiro havia sido comum. Diante dessa ‘retirada estratégica’, o chefe provincial pode ir para casa. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 11/01/1938, p. 5).

---

CAMPOS, 15/03/1938, p. 1); “Os integralistas implantam o terror em Guarapuava”, (DIÁRIO DOS CAMPOS, 16/03/1938, p. 1).

<sup>101</sup> Temos indícios de outros conflitos entre integralistas e getulistas. Um dos fatos que marcaram a infância da Sra. Lídia Kanitz Gonçalves foi a invasão de sua casa por mulheres integralistas vestindo blusa e saia verde. Como tantos getulistas em todo Brasil, seus pais mantinham na parede da sala retratos do presidente. Ela lembra que essas “mulheres de verde” entraram e rasgaram as imagens de Vargas. Os dois grupos viviam em pé de guerra no distrito de Diamantina. Informações cedidas por João Teixeira Soares (perfil fake no facebook). Infelizmente não houve tempo para entrevistar a Sra. Lídia, falecida em meados de 2014, aos 94 anos. Seu nome e sua memória ficam aqui registrados, com nosso agradecimento pelos dados fornecidos por ela e que nos chegaram de maneira indireta.

Com o recrudescer da repressão, os integralistas paranaenses contiveram suas ações passando a se comunicar por telegramas cifrados e rádios clandestinas. Refugiavam-se nas áreas rurais dos municípios e evitavam as manifestações públicas nas quais seriam presas fáceis da truculência policial. Em Ponta Grossa ocorriam reuniões secretas em vários pontos da cidade. Um deles era uma fábrica de bebidas no bairro Nova Rússia. Abílio Hollzmann transmitia informações e mensagens através de uma rádio clandestina. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 12/03/1938, p. 1).

Além de se preocuparem com a polícia e sua rede de alcaguetes, os integralistas tinham no seu encalço o *Diário dos Campos* com José Hoffmann e sua pena afiada a denunciar seus movimentos. Com a imprensa a favor do inimigo, a vida dos militantes do sigma ficava cada vez mais complicada.<sup>102</sup>

### 3.3 DESFECHO MELANCÓLICO: PUTSCH, PRISÕES, HUMILHAÇÕES

A implantação do Estado Novo, ao contrário do que os integralistas esperavam inicialmente, representou o fim da AIB, pois perdeu seu sentido enquanto movimento político uma vez que Vargas adotou vários pontos de sua doutrina com a inauguração de um Estado forte e autoritário. Com a suspensão de todos os partidos políticos, Getúlio frustrou as expectativas integralistas de uma participação política efetiva no governo e de eleger Plínio Salgado presidente da república nas eleições previstas para janeiro de 1938. Não demorou para que o apoio dos camisas-verdes ao novo regime se convertesse em insatisfação e revolta. Em maio de 1938, os integralistas realizaram ataques ao Palácio da Guanabara, edifícios da Marinha e invadiram estações de rádio na capital federal. Essa tentativa de golpe fracassou, resultando na prisão dos envolvidos sobreviventes e abertura de processos contra os mesmos. Apesar da fuzilaria durante o ataque ao Guanabara, Vargas e sua família escaparam ilesos. Essa tentativa de golpe, conhecida como Intentona Integralista, revela a mudança de tática da AIB. Do convencimento doutrinário, passou à violência. Nas palavras de Cavalari “Abandonou-se a revolução do espírito e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder” (1999, p. 19). Com a morte de integralistas e varguistas, o golpe foi sufocado por

---

<sup>102</sup> Exemplos de transgressões às proibições e táticas dos verdes para esquivar-se da repressão e continuar atuando podem ser conferidos em: CHAVES, Niltonci B. A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do *Diário dos Campos* a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional, Ponta Grossa*, v. 4, n. 1, p. 57-80, 1999. Nesse artigo, o autor apresenta parte da organização do *putsch* integralista de 10 de março tratando dos principais camisas-verdes envolvidos e a repercussão da conspiração em Ponta Grossa através da ampla cobertura do *Diário dos Campos*.

Vargas que desencadeou intensa campanha contra o Integralismo, prendendo e condenando vários de seus líderes.<sup>103</sup>

A historiografia sobre o Integralismo deu atenção ao *putsch* de 10 de maio de 1938 no Palácio da Guanabara, mas pouco se sabe sobre os *putsche* ocorridos em diferentes municípios na data de 10 de março. O trabalho de Niltonci Batista Chaves (1999) revela a revolta dos integralistas de Ponta Grossa e região, ocorrido em março de 1938, portanto, anterior ao conhecido *putsch* do Palácio da Guanabara. Eles planejaram um golpe cujo palco seria essa cidade e do qual participariam camisas-verdes de municípios vizinhos. A partir das informações do *Diário dos Campos* e dos arquivos da DOPS, investigamos o envolvimento de integralistas de Teixeira Soares nessa tentativa de golpe e sua repercussão na sociedade teixeirassoareense.

Com a proibição das atividades do sigma em todo o país, o governo buscou combater os ‘focos verdes’ e isolar os integralistas. Em Ponta Grossa, Paraná, o Estado Novo teve como fortes aliados José Hoffmann e as páginas do *Diário dos Campos*. Diretor e redator, desde 1935 Hoffmann manteve a linha anti-integralista do jornal. Com a ilegalidade da AIB no Estado Novo e com os militantes de mãos atadas, Hoffmann se esmerou em menoscar o sigma e seus seguidores. O jornal cobriu o desenrolar da repressão ao movimento, o fechamento das sedes dos núcleos integralistas Paraná afora, a prisão dos líderes integralistas e sua repercussão entre os militantes no interior. Acompanhou ainda os processos dos envolvidos na suposta conspiração contra o governo estadual que tramitou no Tribunal de Segurança Nacional.

Na manhã de 17 de março de 1938, uma quinta-feira, o *Diário dos Campos* agitou a sociedade pontagrossense com a manchete: “A conspiração integralista”, denunciando o envolvimento dos verdes no *putsch* municipal:

Desde muitos dias antes de 10 de março, dia apazado para o início da mazorca, os sigmóides andavam num vaivém contínuo. Ligações e reuniões eram denunciadas pelos agrupamentos à noite na rua 15 de Novembro. Ai que soubemos, pela manhã do dia 10, certo comerciante retirou de um dos estabelecimentos bancários da cidade a importância de 400 contos de reis que para aqui teria sido enviada, pelos maiores do sigma, para custear o movimento. Ainda antes desse dia, dois líderes verdes de Ponta Grossa percorreram vários municípios do interior. Em Ipiranga, conforme participação do delegado de polícia dali as autoridades estaduais,

<sup>103</sup> Plínio Salgado foi preso e, no ano seguinte, exilou-se em Portugal retornando ao Brasil em 1945 com o fim do Estado Novo e do governo de Vargas. Nesse mesmo ano, ainda no exílio, criou o Partido de Representação Popular (PRP). Sob essa nova sigla, que se pautava pelo nacionalismo, Plínio Salgado reagrupou parte dos antigos membros da Ação Integralista Brasileira.



entenderam-se esses dois agentes de ligação com o chefe local do integralismo, o qual, por sua vez, saiu pelo interior do município, voltando algum tempo depois, com 20 homens, que ficaram reunidos na vila, a espera da ordem para marcharem para Ponta Grossa. [...] **A Teixeira Soares também foi enviado um agente de ligação.** Chegando o dia aprazado, os integralistas ficaram esperando a deflagração do movimento, marcado, ao que consta, para as 2 horas da madrugada. Antes, o radio amador da Casa Progresso irradiou, várias vezes uma senha... (DIÁRIO DOS CAMPOS, 17/03/1938, p. 1). (Grifo nosso)

A participação de camisas-verdes das cidades vizinhas a Ponta Grossa foi constante na trajetória da AIB nos Campos Gerais. Não apenas participavam dos congressos estaduais e cerimônias comemorativas, mas foram acionados também no momento do golpe. Os verdes de Ponta Grossa se dirigiram a tais cidades para angariar novas forças. Entre os municípios envolvidos no *putsch* integralista de março de 1938 nos Campos Gerais estão: Ponta Grossa, Ipiranga, Tibagi, Castro e Teixeira Soares.

Depois de criticar as ações dos integralistas envolvidos e responsabilizar o chefe nacional Plínio Salgado pelo fracassado *putsch* em Ponta Grossa, o *Diário dos Campos* isentou o chefe provincial Vieira de Alencar, explicando as razões:

Estranham muitos que, ao passo que se efetuam prisões de integralistas nesta cidade, continue em liberdade na capital do Estado o Dr. Vieira de Alencar, ex-chefe maior do sigma no Paraná. Entretanto, explica-se que assim seja. Sabe-se que esse ex-maior dos camisas-verdes paranaenses, consultado dias antes daquele em que deveria deflagrar a sedição, opôs-se a emprestar a sua colaboração a tal movimento, por condenar a subversão da ordem e todo o rosário de cruciantes consequências que poderão originar-se de uma luta armada. Logo o Sr. Vieira de Alencar não pode ser preso, pois que teve um gesto altamente patriótico e louvável e que, infelizmente, não foi seguido por muitos dos seus comandados, sequiosos que estavam de galgarem o poder, fosse como fosse, a custa mesmo de muito sangue generoso de seus patrícios. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 13/03/1938, p. 3).

O jornal informa que o próprio ex-chefe provincial, Vieira de Alencar, condenou a subversão da ordem e suas consequências em caso de um levante. Quanto à tentativa de golpe dos integralistas, o *Diário* interpretou-a enquanto ação isolada de ‘subversivos’ que queriam ‘galgar o poder’ com a cooperação de camisas-verdes de outros municípios. Com essa nota o jornal salvaguardou a imagem do ex-chefe provincial livrando-o de qualquer responsabilidade na trama planejada pelos integralistas, afirmando que a atitude de Vieira de Alencar fora patriótica e louvável. Esse artigo sobre a conduta do chefe provincial reforça as “posições comumente comedidas de Vieira de Alencar”, como afirmou Athaides (2012, p. 90) e pode ser compreendido como mais um argumento para revelar uma possível tensão existente na

Província do Paraná, entre o radicalismo dos militantes mais jovens e a postura ‘moderada’ do chefe Vieira de Alencar.<sup>104</sup>

Com essa nota elogiando a atuação do ex-chefe da província do Paraná, o *Diário dos Campos* buscava convencer os membros da Ação Integralista na região a seguirem o exemplo apaziguador de Alencar, para que repudiassem o movimento golpista e a liderança do chefe nacional, postura adotada nos demais artigos sobre o *putsch* integralista local.

Pouco depois, seguindo sua linha editorial anti-integralista, o jornal denunciou a participação do organizador do golpe e publicou o depoimento do chefe do núcleo de Teixeira Soares, envolvido no movimento de 10 de março:

Por um depoimento feito, em Curitiba, pelo Sr. Adélio Ramiro, chefe do sigma em Teixeira Soares, sabe-se, aliás, que uma das figuras principais da fracassada mazorca dos sigmóides era o Dr. Benjamin Mourão, engenheiro residente nesta cidade e lente do Ginásio Regente Feijó. Declarou o Sr. Adélio, segundo estamos seguramente informados, que obedecendo instruções de Benjamin Mourão, transportou-se, na noite de 10 para 11 de março, com numeroso grupo de homens, tumultuando paixões, arrastaria a desgraça inúmeros lares, com o cobri-los de luto e de dor, sacrificaria vidas, encherias os hospitais que tomava três ou cinco caminhões para próximo de Ponta Grossa. Antes de chegar em Vila Oficinas, deteve-se à espera da ordem daquele engenheiro para atacar a cidade e a sua força federal. Voltou depois porque fracassou o movimento. Tudo isso para satisfazer a ambição sem limites desses chefes integralistas a quem nem sequer o exemplo do ex-Chefe Provincial conseguiu deter diante dessas perspectivas téticas! É grave como se vê, o depoimento do chefe integralista de Teixeira Soares. Para nós pontagrossenses, deve ele, causar frêmitos de indignação. Não só revela que Benjamin Mourão era o principal chefe ou um dos principais chefes da bernarda que quase chegou a ser desencadeada, como demonstra o risco que corremos. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 14/04/1938, p. 1).

Adélio Ramiro de Assis, chefe integralista de Teixeira Soares, foi preso após o malogrado movimento. Prevendo o pior, Adélio ‘deu com a língua nos dentes’ e entregou seus companheiros, provavelmente sob a coação da pouco diplomática polícia de Vargas. Dezenas foram presos. Os que lograram êxito na fuga se homiziaram em cidades próximas a Ponta Grossa. O delegado Adolphito Guimarães promoveu uma busca geral na cidade, nos núcleos, subnúcleos e residências. Em seguida, foram presos os envolvidos de União da Vitória e Ipiranga. Em Teixeira Soares, o tenente Jayme Gonçalves do Nascimento foi encarregado das

<sup>104</sup> Sobre os embates e uma possível tensão entre o Chefe Provincial do Paraná e os jovens militantes ver, especialmente o subitem 2.3 intitulado: “O lançamento do periódico *A Razão*” em: ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*, 2012. 297 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.

diligências que visavam capturar os envolvidos no *putsch*, fato que causou comoção na cidade:

Segundo informes que nos chegam, o tenente Jayme do Nascimento, Delegado Regional de Irati, incumbido de instaurar inquérito sobre o projetado levante, prendeu 26 responsáveis, fazendo-os conduzir, escoltados, para a cadeia de Irati, onde se encontram. Adianta-se que os principais envolvidos no movimento conseguiram fugir logo que o tenente Jayme chegou a Teixeira Soares, mas mesmo assim a responsabilidade deles ficou devidamente demonstrada no inquérito. A propósito, recebemos daquela localidade, a seguinte correspondência:

“Teixeira Soares 13 de Abril de 1938. Ilmo. Sr. Redator do Diário dos Campos. Ponta Grossa.

Dando fiel cumprimento às instruções recebidas da chefia de Polícia e Delegacia de Ordem Política Social, chegou a vila de Teixeira Soares, o Sr. Tenente Jayme do Nascimento, mui digno delegado regional da 6ª região a qual está sob sua jurisdição, fazendo-se acompanhar de seu escrivão Sr. Silvio Salmon.

A dita autoridade mostrou-se de uma sagacidade assaz rara, pois desempenhou a sua missão com tanta precisão, com tanto desvelo, que conseguiu nas prisões efetuadas, ficar de posse do fichário dos inscritos nas hostes do sigma deste município, assim como abundante material de propaganda, concitando aos adeptos a prestar cega obediência aos seus chefes. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 17/04/1938, p. 1).

As ordens para prender os integralistas de Teixeira Soares vieram da DOPS. A “sagacidade assaz rara” do tenente Jayme remontava aos conflitos que o mesmo vivenciara com os verdes locais, que descumpriram sistematicamente suas ordens em várias ocasiões. Velho conhecido dos integralistas do município, o tenente não vacilou em usar da força e persuasão para enjaular os envolvidos no levante de março. Outro elemento a ser considerado era a rivalidade entre verdes e varguistas. Naquele momento o jogo político havia virado. Ao terem a chance de dar o troco pela derrota política na cidade, os varguistas devem ter contribuído para o sucesso do tenente Jayme denunciando os integralistas e seus possíveis valhacoutos. Fato que podemos verificar na ficha do ex-prefeito integralista João Molinari Sobrinho na DOPS, delatado por Oscar Teixeira Soares, residente no município:

Informações prestadas por LIBERO NUNES, também ex-prefeito de Teixeira Soares, dizem ter sido ali apreendido neste mez 1 fuzil mauser e 50 cartuchos de guerra em poder de um integralista de nome JOAQUIM PIRES e consta que existem mais armamento e munição naquela localidade com os demais integralistas que ali são em número elevado. Si não fosse avançar tanto em minhas informações, sugeria a necessidade do Tte. Delegado Regional de Iraty effectuar uma busca naquele município que seria de resultado positivo. (*Pront. 1874, João Molinari Sobrinho*, top 381, DOPS/PR, DEAP/PR).

As notícias das buscas e prisões dos integralistas dão conta de uma ação coordenada das delegacias do Estado (as delegacias não eram unificadas), da capital Curitiba, de Ponta Grossa e Irati. As prisões dos integralistas permitem elucidar as operações das polícias do Paraná na fase inicial do Estado Novo.<sup>105</sup>

Teixeira Soares foi abalada pelas prisões dos integralistas. Não apenas por serem numerosos, mas porque muitos deles eram pessoas estimadas e de destaque na sociedade local. As ações policiais levaram o pároco Francisco Fidélis Rota a se posicionar. No início da repressão aos camisas-verdes pelos agentes do Estado, Rota redigiu um texto favorável aos militantes da AIB, contrariando a posição oficial da igreja católica que apoiou o Estado Novo e a via autoritária:

Religião une – política divide

Gravíssimo acontecimento registrou-se no dia 13 de abril - quarta-feira santa. Em consequência de alguns movimentos reacionários e motins políticos contra o governo constituído, que explodiram numas cidades do País, foi enviado aqui um tenente investigador da policia, com o alvitre de inquirir sobre boatos que acusavam os ex-integralistas desta cidade como envolvidos e participantes nessas insurreições. Nada de mais falso; era efeito de animosidade política. Esse investigador, tomando atitude de déspota, foi mandando prender a todos os inscritos no partido político integralista e, depois de maltratados na sede do Município, mandava-os, sob escolta policial, na cadeia pública. Como esta não cabia a todos, muitos deles, incorporados, foram enviados em Irati, onde ficaram presos muitos dias. A patentear, porém a ineptidão dos funcionários públicos – tenente de Irati e Delegado Policial de Teixeira Soares, em levar a efeito tão delicada tarefa, bastará saber que foram exigir dois contos de reis da família Molinari para soltar um filho dela, enquanto os outros, que não puderam pagar, continuaram sendo presos para muito tempo ainda. As descomposturas, as humilhações infligidas pelo tenente a todos os integralistas e a prisão para muitos deles, provocaram alvoroço, protestos, pranto e desespero nas famílias, que espiando nos outros de diferente ideia política uma mal oculta complacência, foram levadas a serias ameaças de hostilidade, provocando de lado a lado um estado de rancor e até de ódio mutuo, que dividiu os habitantes em dois grupos, numeroso um, pequeno outro, com grandíssimo prejuízo da caridade cristã e da I. Religiosa; situação essa que aturou muito tempo, e que infelizmente tudo indica ir para longe ainda mais. (LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA IMACULADA CONCEIÇÃO DE TEIXEIRA SOARES, abril de 1938, p.22).

Este texto do padre Fidélis, além de trazer informações importantes sobre a repressão aos integralistas do município, revela também a posição de uma autoridade religiosa diante da

---

<sup>105</sup> Além dos rancores de Manoel Ribas para com os verdes paranaenses, que motivou grande repressão, lembramos que os integralistas discrepavam das autoridades varguistas municipais como em Rio Negro, Ponta Grossa e Teixeira Soares. Se no período de legalidade da AIB as polícias locais não vacilaram em usar a força contra os verdes, em 1938 a ‘caçada aos integralistas’ estava na ordem do dia, amparada pela Lei de Segurança Nacional.

política. Tais informações circulavam na sociedade, filtradas pela ótica do governo. Nesse aspecto, Rota, como a maioria das pessoas na cidade, conhecia a versão do governo sobre os movimentos contrários. O padre se referiu aos representantes do governo Vargas como “déspotas”, criticando o delegado municipal e o tenente de polícia regional por seus abusos na condução da situação. Não bastando a truculência, os agentes policiais, segundo o padre, agiram de forma corrupta ao exigirem dinheiro da família Molinari em troca da liberdade do ex-prefeito integralista João Molinari Sobrinho. Os demais integralistas, cujas famílias não dispunham de maiores posses, seguiram encarcerados.<sup>106</sup>

A reprovação do padre ao relatar esses eventos se articula à divisão existente entre os habitantes da cidade, em parte integralistas, em parte governistas. Para Rota, a situação gerou prejuízos à caridade cristã e à igreja. Notamos que a estreita relação entre o Padre Fidélis e os integralistas, especialmente com a família Molinari, criou um ambiente favorável ao estabelecimento do Integralismo no município, que poderia ser considerado um aliado contra ideias divergentes da igreja católica local após a implantação da Paróquia em 1934.<sup>107</sup>

Ao lado da história escrita, das descrições de um período e seus eventos, estão as histórias vividas. Pelas memórias do Sr. Leão Marchinski, percebemos que, apesar de lembrar acontecimentos importantes dos tempos integralistas em Teixeira Soares, os momentos mais nítidos em suas memórias foram aqueles vivenciados por ele concretamente. Um deles foi a prisão de integralistas após uma missa, acontecimento que marcou o período do ‘desmanche’ da AIB no município, possivelmente o mesmo episódio relatado pelo Padre Fidélis. Ao relembrar esse evento, Leão Marchinski ressaltou:

Chegou uma época que eles foram na igreja e veio policiamento pra catar esse negócio. O que saía da igreja, de camisa verde, era preso. Prenderam os camisas-verdes e outros que se assustaram tiraram as camisas e colocaram

---

<sup>106</sup> No episódio narrado pelo Padre Rota, que “espiando nos outros de diferente ideia política uma mal oculta complacência”, percebeu as hostilidades entre os grupos. Notamos que no calor daqueles episódios, não se pode descartar uma carga de manipulação e influência dos opositores tradicionais dos verdes. Como observamos nas fichas da DOPS de alguns integralistas de Teixeira Soares (*Pront. 1874, João Molinari Sobrinho*, top 381, DOPS/PR, DEAP/PR), foram várias as acusações de envolvimento dos militantes com o malogrado *putsch* e a existência de armas e munição na sede integralista local. Diante disso, podemos afirmar que a população não ficou neutra e indiferente aos fatos, pelo menos a parte contrária ao Integralismo.

<sup>107</sup> Sob esta justificativa, em carta enviada ao padre Fidélis Rota de Teixeira Soares, o Bispo Dom Antônio Mazzarotto de Ponta Grossa, destacava a necessidade “de poder haver uma assistência parochial mais directa e assídua por parte dos respectivos parochos e attendendo ainda as investidas dos herejes e cismáticos em algumas dessas localidades”. (Livro Tombo da Paróquia Imaculada Conceição, 1934, p. 16), Segundo o padre Fidélis, tal “cisma” teria dividido a população do município de Teixeira Soares. Sobre esta outra vertente religiosa que dividiu os habitantes do município temos o indício da presença da Loja Maçônica Verdade e Caridade nº 1061. Fundada em outubro de 1929, a loja atuou até meados de 1934. Com o objetivo de reforçar suas bases locais o bispado conferiu à capela de Teixeira Soares o status de Paróquia no segundo semestre de 1934, tendo como primeiro pároco o padre Fidélis Rota.

até blusa de mulher pra sair da igreja, senão iam preso. Mas desde aquela época, acabou foi em 36 e 37 o integralismo. O padre era de todos. O padre não se manifestava de nenhum lado. Naquela época o padre rezava e não favorecia. Naquela missa teve um reboliço de tirar blusa de mulher pra poder escapar, o Molinari foi preso, foi uma quantia grande preso. (MARCHINSKI, Leão. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 12/12/2014, 10 min).

Ao analisarmos a narrativa de Leão Marchinski, baseados nas datas por ele mencionadas, encontramos alguns lapsos em suas lembranças. Entretanto, nosso empenho maior reside em observar como o depoente, ao relembrar o tempo do Integralismo, dirigiu suas memórias ao triste ‘fim’ do movimento e a um determinado sucesso que comoveu os teixeirassoarenses.

Outro aspecto importante de sua fala diz respeito à posição do Padre Fidélis Rota em relação ao Integralismo. Marchinski afirmou: “Sempre quando era uma missa na igreja, os camisas-verdes faziam fila, fila comprida antes de entrar na igreja e nós paisano ficava parado, camisas-verdes eram bastante”. (MARCHINSKI, Leão. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 12/12/2014). Mesmo não se colocando a favor ou contra as convicções políticas de seu rebanho, cogitamos que a suposta neutralidade do pároco possibilitou aos integralistas, em pleno Estado Novo, realizar suas práticas simbólicas e utilizar suas camisas-verdes em um espaço mais reservado e menos vigiado: a igreja. Diante disso, cabe colocar em questão: até que ponto a neutralidade do padre Rota era real, uma vez que tinha pleno conhecimento das proibições policiais quanto ao uso dos símbolos integralistas?

O vigário da Paróquia de Teixeira Soares, Francisco Fidelis Rota, não teve imunidade por ser padre. Foi vigiado e fichado pela DOPS. Havia motivos para isso. Além de ser italiano, o que fazia dele suspeito em potencial, era "grande simpatizante do integralismo", como informa o ofício 104, citado em sua ficha daquela repartição. (*Pront. 35898, Francisco Fidélis Rota (Padre)*, top. 4014, DOPS/PR, DEAP/PR).

Uma de suas práticas sacerdotais, mencionada no mesmo documento, evidenciaria essa grande simpatia. Rota "benzia as camisas-verdes, antes de serem usadas pelos seus adeptos". Podia parecer algo bizarro, mas o integralismo era uma doutrina católica e conservadora. Para seus adeptos, benzer a camisa verde fazia todo sentido, especialmente em tempos de perseguições. Símbolo material e visual de distinção dos integralistas, a camisa verde se sacralizava. Razões fortes o bastante para ser proibida pelas autoridades.

Consta que o padre Rota não fez carteirinha na AIB. Talvez por impedimentos do

ofício. Talvez por prudência. Mais certamente, por ambos os motivos. Afinal, vestir a camisa verde podia trazer problemas e até mesmo fazer mal à saúde. Por ser autoridade religiosa, manteve uma militância discreta, se é que podemos chamar de discrição benzer camisas-verdes, fato revelado pelos bisbilhoteiros da DOPS. A atuação do padre Rota em Teixeira Soares evidencia as peculiaridades do envolvimento da política com a religião. Por baixo da batina, havia uma camisa verde.

Outro aspecto relevante da narrativa do Sr. Leão Marchinski relacionou o nome de Molinari ao sucesso do movimento integralista em Teixeira Soares. A dedicada militância no Integralismo exercida por João Molinari Sobrinho na cidade, fez com que sua imagem ficasse gravada nas memórias de Marchinski como a pessoa que representou com mais vigor os ideais do sigma.

Molinari, por exigência da Secretaria de Segurança Pública, foi preso e escoltado para Curitiba, ficando à disposição do Tribunal de Segurança. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 17/04/1938, p. 3). Conforme o Padre Fidélis Rota, o ex-prefeito integralista foi libertado após ser extorquido e pagar sua "fiança". Adélio Ramiro de Assis continuou na prisão. Enquadrado como "perigoso" à Segurança Nacional, o chefe integralista de Teixeira Soares ficou mais seis meses preso após o *putsch* de 10 de março. Nas instâncias jurídicas, os integralistas presos em Ponta Grossa foram representados pelo advogado Moyses Deiabe que teve sucesso na soltura de alguns envolvidos no *putsch*. Entre eles: Benjamin Mourão, Odilardo Lima de Freitas e Abílio Hollzmann. Enquanto vários líderes da AIB no Paraná foram libertados, Adélio Ramiro de Assis teve seu pedido de Habeas Corpus negado e só foi absolvido pelo Tribunal de Segurança Nacional em 09 de novembro de 1938. (Secretaria de Segurança Pública – Relação de extremistas fichados, DOPS-PR, 1938).<sup>108</sup>

As perseguições, prisões, humilhações e o medo instaurado pela polícia varguista no enalço dos camisas-verdes provocaram baixas nas fileiras do sigma em Teixeira Soares. O *Diário dos Campos* julgou esse acontecimento como exemplar, elogiando a atitude do grupo integralista:

---

<sup>108</sup> Entre os integralistas da região acusados de envolvimento no *putsch* de 10 de março, citamos: Adélio Ramiro de Assis (chefe da AIB em Teixeira Soares), Benjamin Mourão (chefe da AIB em Ponta Grossa), Bertholdo Ditzel, Clarindo Rodrigues, Cesar Pereira das Neves, José Andreatta (alfaiate), João Molinari Sobrinho (ex-prefeito integralista de Teixeira Soares), Francisco Buss, Abílio Hollzmann, Albino Wiecheteck (industrial), Olímpio de Paula Xavier (advogado), Adão Dechandt (comerciante), Luiz Cundari, Valentin Coelho (estudante, correspondente do Correio do Paraná), João Voter Junior, Pedro Diehl Junior (fabricante de bebidas), Jorge Canto Nasser (22 anos, filho do comerciante Jorge Nasser), José de Britto, Francisco Cardoso de Menezes, Emiliano Ferreira Carneiro, Odilardo Lima de Freitas (funcionário do Banco do Brasil que ocupava o cargo de chefe de polícia do sigma de Ponta Grossa), Olímpio de Paula Xavier (advogado) e Clarindo Rodrigues. Muitos dos envolvidos se refugiaram em localidades próximas a Ponta Grossa e interior de municípios vizinhos. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 06/04/1938, p. 1).

REPUDIARAM O INTEGRALISMO - DEBANDAM EM MASSA OS CAMISAS-VERDES DE TEIXEIRA SOARES, APERCEBIDOS DAS MENTIRAS DE PLÍNIO SALGADO!

A renúncia dos dignos patrícios de Teixeira Soares, é como se vê da declaração que subscreveram, em caráter definitivo, pois que adiantam, desligaram-se dos compromissos assumidos com o sigma, sejam quais forem o título e a finalidade em que o mesmo seja transformado e se destine. Lendo a dita declaração, vibramos, de entusiasmo porque vimos escaparem a armadilha preparada por Plínio Salgado, sob a invocação do belo lema – DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA – um número apreciável de brasileiros que haviam acreditado nas lábias daquele que agora armou brasileiros contra brasileiros, lançando mão dos processos mais selvagens possíveis para apoderar-se do poder. (DIÁRIO DOS CAMPOS, 23/04/1938, p. 1).

Naqueles dias de ansiedades e incertezas, muitos integralistas renunciaram aos ideais de Plínio Salgado por medo das retaliações. Outros tantos, ao menos nas aparências. O integralista Osmar Ramiro de Assis conheceu a pressão policial de perto. Fiel às ideias do sigma, com as quais conviveu e divulgou durante três anos com seus amigos de verde, ao abandonar sua casa em Teixeira Soares e rumar para Curitiba revelou o medo de ser preso como desordeiro e envolvido nos intentos integralistas contra o governo de Vargas. A declaração de Ramiro de que desde que foi fechada a Ação Integralista Brasileira pelo Governo, “nunca mais se envolveu em questões políticas e mesmo não se julga preso ao juramento que prestou a Plínio Salgado, por ocasião em que se filiou a referida Ação, isto em mil novecentos e trinta e cinco, não se lembrando bem da data...” (*Pront. 1183, Osmar Ramiro de Assis*, top 223, DOPS/PR, DEAP/PR), evidencia o receio que a sombra da repressão lhe provocava, compartilhado por muitos militantes. Provavelmente, se no período de legalidade da AIB perguntássemos a Osmar Ramiro quando se filiou e jurou fidelidade a Plínio Salgado, teríamos uma resposta imediata e precisa.

Assim como a paixão animou a atuação política de muitos integralistas em Teixeira Soares, o medo da repressão, especialmente após o *putsch* fracassado, provocou renúncias, silêncios e humilhações. Em uma atmosfera de desconfianças, muitas amizades pessoais e familiares se romperam fazendo com que várias pessoas e famílias se mudassem para outras cidades. A tensão entre integralistas e getulistas atingiu seu auge no início do Estado Novo. Desmobilizados pela polícia varguista, os integralistas paralisaram suas atividades, suas manifestações públicas e ‘guardaram’ suas camisas-verdes.

Os conflitos abertos terminaram, mas os rancores permaneceram latentes. Os sentimentos que dividiram a população teixeirassoarense naqueles anos de viva e apaixonada



atividade política ainda ecoam nas memórias dos moradores da cidade, amigos e familiares daqueles que viveram intensamente a agitada década de 1930.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos jornais, diversificada documentação e depoimentos analisados neste trabalho verificamos mudanças na cidade de Teixeira Soares após o advento do Integralismo. As relações familiares e interpessoais foram afetadas por divergências políticas que transformaram a cidade em palco de constantes conflitos e disputas pelo poder.

A pesquisa foi realizada no intuito de analisar e compreender a organização e repercussão da Ação Integralista Brasileira no município de Teixeira Soares entre 1935-1938, além de discernir as estratégias de afirmação dos verdes e suas sintonias com os núcleos mais representativos da Província do Paraná como Ponta Grossa e Curitiba. Abarcamos também as tensões entre os integralistas e varguistas locais e regionais nos períodos de legalidade da AIB e ilegalidade no Estado Novo, bem como as relações dos camisas-verdes com a sociedade teixeirassoareense.

Concomitante aos aspectos de uniformidade das atividades do núcleo da AIB local com o movimento nacional, notamos especificidades relevantes que distinguem os verdes em Teixeira Soares dos demais núcleos paranaenses e nacionais. A falta de um jornal integralista local, que possibilitaria maior divulgação da doutrina e forjar um imaginário pró AIB, como ocorreu em núcleos maiores, levou os verdes a apelar para uma maior proximidade com seus possíveis prosélitos. Para tanto, utilizaram estratégias como o ‘boca a boca’, o ‘corpo a corpo’, comícios e churrascadas. Fizeram das relações de parentesco, amizade, trabalho e sociabilidade oportunidades favoráveis para recrutar adeptos para as fileiras integralistas. Assim, os espaços públicos e privados eram esquadrihados pelos devotos do sigma com seus aparatos simbólicos e estridentes anauês.

Essa maneira peculiar de fazer política deu resultados e o Integralismo avançou na cidade desassossegando os varguistas. As demonstrações de força e coesão dos integralistas em seus desfiles e cerimônias alimentaram tensões e rancores mútuos, presentes durante toda a trajetória do sigma no município.

Observamos que as rivalidades entre os dois grupos políticos se acirraram na medida em que os integralistas teixeirassoarenses se sentiram cada vez mais fortalecidos com o crescimento da AIB. Diante disso, vislumbraram a possibilidade de fazer oposição nas urnas aos varguistas do PSD, partido do interventor estadual Manoel Ribas, ‘inimigo número um’ dos verdes paranaenses.

Interligamos os objetivos da problemática da pesquisa, analisando o envolvimento do movimento integralista regional e nacional, tendo em vista que as atividades do sigma de

Teixeira Soares perpassavam as fronteiras da sede do município e seus distritos. Afinal, os verdes arquitetaram seu raio de ação e marcaram presença em importantes eventos do sigma estadual e nacional: ora ‘fazendo número’ em celebrações de núcleos maiores, ora levando ao delírio centenas de integralistas, quebrando protocolos em ocasiões marcadas pela solenidade e por uma rígida organização, típicas do movimento. O desempenho dos verdes rendeu a Teixeira Soares o título de “Cidade Integralista”, prêmio honorífico concedido pelo chefe Plínio Salgado aos núcleos com maior representatividade nacional.

Em Teixeira Soares, entre períodos de agitação e calma, o sigma chegou ao ápice com a eleição de seu prefeito integralista: João Molinari Sobrinho. Molinari comandou o município em tempos de aparente bonança, anterior à tempestade do Estado Novo que frustrou as expectativas dos verdes nacionais em alcançar o poder com Plínio Salgado, elegendo-o presidente da república.

No primeiro capítulo, propusemo-nos a investigar os primeiros passos do movimento integralista, seus contatos com núcleos vizinhos, a preparação do terreno até a fundação dos núcleos locais com a bandeira vinda de Ponta Grossa. Após apresentar a fundação do núcleo e subnúcleo, revelamos o contexto político-econômico local, destacando as principais categorias profissionais e etnias alcançadas pelo sigma. Notamos que a presença do integralismo provocou divisões entre pessoas próximas e mesmo dentro de uma mesma etnia ou família, constituindo uma identidade política, notável em sua forma de ritualizá-la.

Tomando uma amostra dos militantes ‘ativos’ do sigma local, verificamos que sua inserção foi maior entre luso-brasileiros, mas atingiu todas as etnias presentes na localidade. Alguns descendentes de italianos viam a relação ítalo-integralista com naturalidade, demonstrando estranhamento com os italianos que não aderiam ao sigma. Essa atitude pode ter contribuído para que seus opositoristas os relacionassem ao fascismo europeu, relação tida como pejorativa pelo movimento que a negava a todo custo.

Ficou evidente que a presença de integralistas entre comerciantes e empresários do ramo madeireiro e ervateiro contribuiu decisivamente para o crescimento do núcleo municipal, dilatando seu campo de atuação na cidade. A influência das elites locais com distintas posições políticas revelou os jogos de poder entre dois grupos: integralistas e varguistas. O primeiro descontente com a política de Vargas e ensejando alcançar o poder e o segundo buscando manter-se no poder, por vezes utilizando de força, demissões e seu aparato policial para conter o avanço verde.

A análise do cotidiano político demonstrou como as relações interpessoais contribuíram decisivamente para ampliar o número de adeptos do núcleo integralista e a configuração das tramas de poder em uma pequena cidade do interior paranaense. Os integralistas não restringiram suas pregações, valores e práticas às ruas, praças e casas de parentes e amigos. Estavam infiltrados na prefeitura, câmara municipal, igreja e clube. Todos os espaços eram indistintamente explorados pela militância do sigma.

Dedicamos o segundo capítulo às sociabilidades integralistas, suas relações internas e com núcleos vizinhos como Ponta Grossa, analisando aspectos relativos aos conflitos entre integralistas e governistas e buscando compreender o sucesso integralista nas eleições municipais de 1935. Constatamos uma mudança de comportamento dos integralistas. Após o estabelecimento do seu núcleo e subnúcleo e a grande adesão da sociedade ao movimento, os militantes passaram a almejar o poder municipal. Nesse processo, a campanha do sigma na disputa das eleições exaltou os ânimos de governistas e integralistas, promovendo tensões que envolveram demissões, prisões e perseguições, tornando frequentes as incursões policiais contra os verdes na cidade e seus distritos.

Os integralistas identificavam os liberais-democratas locais como os grandes inimigos e se apresentavam como os únicos capazes de enfrentá-los, como discursavam os chefes locais e repetiam os jornais do movimento. Diante da evolução das aversões mútuas, os integralistas deixaram de lado sua militância comedida e passaram perpetrar transgressões e desobedecer as autoridades municipais, que por sua vez, utilizaram da coação para abafar o avanço da AIB. Consideramos que a vitória dos integralistas nas eleições municipais teve influência direta da estreita relação do movimento com as elites locais. A expressiva votação obtida por João Molinari Sobrinho, João Negrão Junior e João Baptista Gubert demonstra a força desses mandões que detinham prestígio político, econômico e social, prevalecendo mesmo diante do candidato apoiado pelo interventor Manoel Ribas.

O destaque alcançado por esses representantes das elites na década de 1930, à frente do movimento integralista, permite compreender o grande avanço do sigma em Teixeira Soares em tão pouco tempo. A presença desses líderes na AIB ampliou a inserção do movimento na sociedade teixeirassoareense.

O terceiro e último capítulo delinea a chegada, estabelecimento e derrocada do Integralismo que havia alcançado o poder na cidade. Após eleger o prefeito, os integralistas atuaram no sentido de consolidar seu domínio lançando ramificações por todo o município. Elegeram juízes de paz e nomearam funcionários públicos adeptos do sigma. Entretanto, durante o período no qual a AIB ocupou a prefeitura de Teixeira Soares, os integralistas

enfrentaram a repressão promovida por Manoel Ribas de abril a dezembro de 1936. Mesmo assim, os verdes locais e estaduais continuaram a realizar seus ritos e angariar novas forças. Fato que se verificou com a entrada de varguistas para o movimento. Apesar de candidatos pelo PSD nas eleições municipais de 1935, no ano seguinte seus nomes (Antônio Corrêa Machado e Jesuíno Alves de Brito) eram apresentados como camisas-verdes na imprensa integralista. A significativa vitória e o poder conquistados pela AIB em Teixeira Soares seduziram políticos do PSD que mudaram de lado.

O Estado Novo desferiu um golpe fatal no Integralismo. Colocados na ilegalidade, os verdes passaram a ser vigiados ainda mais de perto pela polícia varguista. Proibidos de praticar seus ritos e utilizar sua parafernália simbólica, os integralistas engendraram ardis para atuar na clandestinidade. As perseguições e prisões em todo o país suscitaram nos camisas-verdes o desejo de vingança contra Vargas, que de aliado passou a algoz, traidor dos seguidores de Plínio. Revoltaram-se contra o governo constituído e planejaram um *putsch* (10 de março), no qual militantes de Teixeira Soares se envolveram em grande número. Freados pelas polícias estaduais, muitos envolvidos foram presos e condenados.<sup>109</sup> As prisões de muitos militantes da AIB fizeram pairar um clima de medo em Teixeira Soares: "Cidade Integralista", deixando cicatrizes nesta pequena localidade dos Campos Gerais.

O Integralismo se caracterizou como um movimento político complexo, que se apresentou com distintas nuances, em diferentes lugares do Brasil. Estudá-lo é uma tarefa árdua. Demanda ao pesquisador um olhar atento e aberto para fontes diversificadas e a bibliografia sobre o tema. Um dos objetivos desta investigação foi analisar o cotidiano da militância integralista em um determinado local e breve período. O estudo das práticas integralistas permitiu vislumbrar particularidades nos comportamentos dos militantes de Teixeira Soares e de outros núcleos paranaenses.

Entre os estudos sobre o Integralismo realizados, o tema se apresenta com diferentes abordagens nas quais a política se mescla ao social, ao cultural e às sensibilidades. Essa diversidade se articula a uma renovação da história política, da qual faz parte o fenômeno do integralismo, trazendo à tona agentes históricos “esquecidos”, aqui, “vistos por uma lupa”.

---

<sup>109</sup> Sobre as ações integralistas nos Campos Gerais, a repressão ao movimento e a prisão dos envolvidos no *putsch* de 10 de março de 1938, ver: DITZEL, Carmencita de H. Mello. *Imaginários e representações: o Integralismo dos Campos Gerais (1932-1955)*. 2004. 305 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, p. 144.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes; CARVALHO, Eliane V. de; GUIMARÃES, Paula C. David. Por uma análise *foucaultiana* do poder e da ordem dos discursos sobre o higienismo na educação brasileira (1925-1930). In: *V CONGRESSO DE ENSINO E PESQUISA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS*. Montes Claros-MG: UNIMONTES, 2009.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. *História: Questões & Debates*, Curitiba, ano 17, n. 33, jul./dez. 2000, p. 145-162.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 15-36.

ATHAIDES, Rafael. A instalação da província paranaense da AIB: do “início esquecido” à fundação oficial (1932-1934). In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312814552\\_ARQUIVO\\_RafaelAthaides-textocompleto.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312814552_ARQUIVO_RafaelAthaides-textocompleto.pdf)>.

ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos*. 304 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ATHAIDES, Rafael. O integralismo no Paraná pelo periódico “A Razão” (1935). IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo / III Simpósio do LAHPS – Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo, UFJF, 2010, p. 418-428.

ATHAIDES, Rafael. Um jornal fascista se olha no espelho: a imagem social do Integralismo no jornal A Razão (Curitiba, 1935). In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA – UEM, Maringá, 2013. Disponível em: [http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/302\\_trabalho.pdf](http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/302_trabalho.pdf)

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: RUGGIERO, Romano (dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

BARTH, Fredrik. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

BERTONHA, João Fabio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 40, 2001, p. 85-105.

CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da violência: a polícia na era Vargas (1930-1945)*. Brasília: Ed. UnB, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S001152581997000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152581997000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 04 Dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CERTEAU, Michel. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F, Alves e Lucia Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, p. 19-49. 1978

CHAVES, Niltonci. B. *A cidade civilizada*. Discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa/PR – Década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

CHAVES, Niltonci B. A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do Diário dos Campos a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional, Ponta Grossa*, v. 4, n. 1, p. 57-80, 1999.

CHAVES, Niltonci B. *Entre “Preceitos” e “Conselhos”*: discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953). 298 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

COELHO, Lígia Martha. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

DITZEL, Carmencita de H. Mello. *Imaginários e representações: o Integralismo dos Campos Gerais (1932-1955)*. 305 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os integralistas no Estado do Espírito Santo (1933-1938). *Revista Ágora*, Vitória, n.13, 2011, p. 1-16. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5024/3796>>.

GAVA, Eliziane. O Integralismo na região de Guarapuava/PR no diálogo com a história política. In: *ANAIS DO XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH*. Rio Grande do Norte, 2013.

GERTZ, René E. Integralismo, nazifascismo e “neonazismo” no sul do Brasil. In: *Ciclo de Conferências e Seminários sobre o Fascismo e seus Impactos no Brasil e no Mundo, 90 anos após a Marcha sobre Roma*. Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2012.

GERTZ, René E. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Fascismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida. 2011.

GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel Mendes. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira. *CES Revista*, v. 24. Juiz de Fora-MG, 2010.

GOSS, Fernando. *Discursos e narrativas do contestado*, 1999. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina.

GUBERT, Francisco Adyr. *História do município de Teixeira Soares*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1989.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IRSCHLINGER, Fausto A. *Perigo verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

JANOTTI, Maria de Lourdes. *O coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1992.



- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1986.
- LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1970].
- LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MONTEIRO, Claudia. GANDRA, Edgar. *Arquivo DOPS-PR: fontes para história social no Paraná*. *Revista Analecta*. v.8, n.1, jan/jun. 2007, p. 57-66.
- MONTEIRO, Claudia. OLIVEIRA, Luiz Gustavo de. Práticas coronelísticas e integralismo em Teixeira Soares/PR 1935-1937. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, Irati: vol. 3, nº 1, setembro-dezembro, 2012, p. 89-119. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/3087/2955>>
- MONTENEGRO, João Alfredo Souza. *O Integralismo no Ceará: variações ideológicas*. Fortaleza: IOCE, 1986.
- MORAES, Marcio André Martins de. *Garanhuns sob o símbolo do sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)*. 215 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em História) - UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História). 388 p. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.
- OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo, 2010. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 36, n. 1, p. 118-138, jan./jun. 2010.
- PARENTE, Josênio. *Os camisas-verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986.
- PASCHOALETO, Murilo Antonio. O integralismo e o nazismo em perspectiva: uma análise da Alemanha nazista presente nas páginas do jornal integralista *A Offensiva* (1934-1938). In: BERTONHA, João Fábio (org.) *Sombras Autoritárias e Totalitárias no Brasil: integralismo, fascismo e repressão política*, Maringá: Eduem, 2013.
- PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- PEREIRA, Luciana Agostinho. A Ação Integralista Brasileira e os governos de Manoel Ribas no Paraná: repressão em tempos de democracia e interventoria. In: *ANAIS DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA – UEM*. Maringá-PR, 2011.

REGIS, João Rameres. *Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*, 2008. Dissertação de mestrado em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ/Editora FGV, 1996.

SILVA, Giselda B. O Integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife/PE: Editora da UFRPE, 2007.

SILVA, Walderez Pohl da. *Entre Lustosa e João do Planalto: a arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970)*. 210 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, 2008.

SILVA, Walderez Pohl da. Guarapuava: sob o signo do Sigma. In: *Ofício do Historiador*. SEBRIAN, Rapahel N.; PIRES, Ariel J.; GANDRA, Edgar A.; COSTA, Flamarion L. (orgs.). Guarapuava: Unicentro, 2007, p. 171-188.

SIMÕES, Renata Duarte. *A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932 – 1938)*. 205 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História da Educação e Historiografia) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FEUSP, São Paulo, 2009.

SOUZA, Francisco Martins de. O Integralismo. In: BARRETO, Vicente; PAIM, Antonio (orgs.). *Evolução do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 1989. p. 313-343.

SOUZA, Francisco M. *Raízes teóricas do corporativismo brasileiro*. Vol. 7. Tempos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1999.

STORCH, Robert D. O policiamento do cotidiano da cidade vitoriana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 5, nº 8/9, pp. 7-33, 1985.

SZVARÇA, Décio; CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto verde em Curitiba. In: *História Questões & Debates*, Curitiba: Gráfica Vicentina, 1989.

TELEGINSKI, Neli Maria. *Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX*. 250 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2012.

TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

TRINDADE, Helgio. *Nazi-Fascismo na América Latina*. Mito e realidade. Porto Alegre:

Editora UFRGS, 2004.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes; GONÇALVES, Leandro. *Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2014.

VIEIRA, Lisandro, Cesar. História Política Revisitada: Integralismo em Guarapuava, PR. In: SEBRIAN, Raphael N. N. (org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008, p. 217- 236.

ZANELATTO, João Henrique. Anauê, Alvorada e Flama verde: a imprensa integralista e as disputas pelo poder político em Santa Catarina. *Passagens*. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, Rio de Janeiro: vol. 5, nº 3, setembro-dezembro, 2013, p. 377-396. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v5n3a22013.pdf> ;

## **FONTES:**

## **JORNAIS**

*Jornal A Offensiva*, números 1 a 748, Rio de Janeiro, 1934-1938 – Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).

*Jornal A Razão*, números 1 a 27, Curitiba, maio a novembro de 1935 – Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS (fotografia digital).

*Jornal Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 1935-1938 – Museu dos Campos Gerais – Ponta Grossa-PR (fotografia digital).

*Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1936-1938 (fotografia digital).

## **FICHAS POLICIAIS**

*Pront. 0009, Abilio Holzmann, top. 273, DOPS/PR, DEAP/PR.*

*Pront. 35898, Francisco Fidélis Rota (Padre), top. 4014, DOPS/PR, DEAP/PR.*

*Pront. 0173, Integralismo – fotos, top. 140, DOPS/PR, DEAP/PR.*

*Pront. 1874, João Molinari Sobrinho, top 381, DOPS/PR, DEAP/PR.*

*Pront. 1183, Osmar Ramiro de Assis, top 223, DOPS/PR, DEAP/PR.*

## **CORRESPONDÊNCIAS**

Telegrama de Adelio Assis a Plínio Salgado, Teixeira Soares/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-1-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

Telegrama de Emmanuel Bittencourt a Plínio Salgado, Ponta Grossa/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-6-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

## **DOCUMENTOS MANUSCRITOS**

Livro de Atas da Câmara Municipal de Teixeira Soares. Período (1936-1937).

Livro Tombo da Paróquia Imaculada Conceição de Teixeira Soares, Período (1934-1938).

Livro Balancete da Gestão de João Molinari Sobrinho. Período (1936-1937).

Novo Código de Posturas Municipais de Teixeira Soares. Ano (1936).

Notas fiscais e telegramas (fotografia digital). Acervo Cândido de Mello Neto – Museu dos Campos Gerais.

## **ENTREVISTAS**

BAUMEL, Elenite. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 15/05/2014.

BAUMEL, Leônidas. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 17/01/2013.

SANTOS, Adelino Lopes dos. (Seu Vilico) Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 30/07/2013.

GUBERT FILHO, Francisco Adyr. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 20/04/2014.

MARCHINSKI, Leão. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 12/12/2014.

NEVES, Rosy Gubert. Entrevista concedida a Luiz Gustavo de Oliveira em 03/01/2014.

## **ARQUIVOS CONSULTADOS**

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro-SP.

Câmara Municipal de Teixeira Soares.

Centro de Documentação da Universidade Estadual de Maringá

Departamento de Arquivo Público do Paraná.

Museu dos Campos Gerais – Acervo Cândido de Mello Neto.

Paróquia Imaculada Conceição de Teixeira Soares.

Prefeitura Municipal de Teixeira Soares.

## **SITES CONSULTADOS**

Coleção Estatísticas do Século XX (IBGE) – <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>

Museu Maçônico Paranaense:

[http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/1061\\_Hist\\_Loja.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/LojaPRate1973/1061_Hist_Loja.htm)

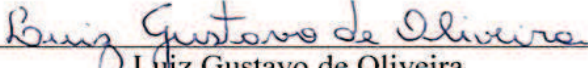
Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1891-1940:

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=116405&pe sq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

Fundação Getúlio Vargas: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional>

- Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.
- Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 01 de abril de 2015.

  
Luiz Gustavo de Oliveira